



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Camila Rodrigues de Amorim

**Construções *QU-quiera que sea* no espanhol sob a perspectiva
da Gramática Discursivo-Funcional**

**São José do Rio Preto
2019**

Camila Rodrigues de Amorim

**Construções *QU-quiera que sea* no espanhol sob a perspectiva da
Gramática Discursivo-Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiamento: Capes

Orientadora: Profa. Dra. Talita Storti Garcia

**São José do Rio Preto
2019**

A524c	Amorim, Camila Rodrigues de Construções QU-quiera que sea no espanhol sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional / Camila Rodrigues de Amorim. -- São José do Rio Preto, 2019 127 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientadora: Talita Storti Garcia 1. QU-quiera que sea. 2. Concessivo-condicionais. 3. Relativas livres não específicas. 4. Gramática Discursivo-Funcional. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAMILA RODRIGUES DE AMORIM

**Construções *QU-quiera que sea* no espanhol sob a perspectiva da Gramática
Discursivo-Funcional**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Talita Storti Garcia
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três Lagoas

**São José do Rio Preto/SP
23 de Maio de 2019**

Dedico este trabalho à minha mãe, Gian
Carla, que fez a minha jornada acadêmica
possível. A ela devo tudo que tenho e sou.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que me permitiu concluir mais esta etapa, me guiando na tomada de importantes decisões.

A minha tão querida orientadora Profa. Dra. Talita Storti Garcia, que desde os primeiros anos de graduação me cativou e me inspirou nos estudos sobre a língua espanhola. Seu apoio, sua amizade e carinho foram de suma importância para que eu persistisse no meio acadêmico. Obrigada pelas palavras sempre motivadoras a respeito do meu trabalho.

As professoras Erotilde Goreti Pezatti e Aliana Lopes Câmara por suas importantíssimas contribuições no Exame Geral de Qualificação. Acredito que meu trabalho evoluiu a partir de suas considerações. Agradeço por darem credibilidade a minha pesquisa como algo inovador no âmbito dos Estudos Linguísticos.

À Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé pelas valiosas contribuições no debate do X Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELin).

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), pelos momentos de aprendizado e pelas contribuições acerca do meu trabalho, quando ainda era um simples projeto.

A minha mãe querida, Gian Carla, também professora, que me inspira a cada dia seguir nesta carreira. Agradeço pelo apoio de sempre, por ter feito possível com que eu estudasse longe de casa, e por sempre me lembrar de que tudo isso seria possível.

Aos meus avós, Leonor e Jaime, que também sempre se dispuseram em me ajudar com o que fosse necessário nessa caminhada em São José do Rio Preto.

Ao meu irmão Tiago, e ao meu tio querido, João Paulo, que sempre estiveram presentes, me dando todo suporte necessário para continuar estudando, e para continuar batalhando pelo que tanto gosto.

As amigas queridas, Patrícia e Virgínia. Vocês são um presente que a pós-graduação me deu. Agradeço pela paciência e pelos momentos felizes que me proporcionaram.

As minhas queridas amigas da graduação: Amanda, Bia, Katherine, Karol, Maraynna, Stephanie e Tainan, por terem permanecido presentes em minha vida, e por terem me motivado a seguir buscando essa conquista.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1995, p. 113).

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de investigar a estrutura *QU-quiera que sea*, concebida na literatura, ora no rol das orações concessivo-condicionais universais, ora no rol das orações relativas livres. Autores como Leuschner (2007) e Haspelmath e König (1998) diferem as estruturas relativas livres não específicas das concessivo-condicionais universais tendo como base, principalmente, critérios sintáticos, pois, conforme os autores, as primeiras podem exercer função argumental com relação à oração principal, sendo mais dependentes sintaticamente, enquanto as segundas são menos integradas da oração principal. As construções do tipo *QU-quiera que sea* se constroem em torno de *pronomes indefinidos*, e tais pronomes atribuem a diferentes entidades linguísticas uma leitura não específica. Analisamos, no espanhol, as estruturas introduzidas pelos gramaticalizados pronomes indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* e *dondequiera*. Para tanto, utilizamos como aparato teórico a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) que mostra como as intenções comunicativas do Falante, assim como o contexto, influenciam na forma do enunciado linguístico. Buscamos investigar as motivações pragmáticas e semânticas, conforme os níveis e camadas do modelo, que se revelam nas propriedades morfossintáticas da estrutura *QU-quiera que sea*. A fim de analisar ocorrências produzidas na modalidade escrita, utilizamos o *cópus CREA (Cópus de Referencia del Español Actual)*, banco de dados disponível *online* que conta com textos de procedência diversa, produzidos em diferentes países de língua espanhola, desde 1975 a 2004. Os resultados mostram que as estruturas *QU-quiera que sea* podem escopar categorias tanto no Nível Interpessoal como no Nível Representacional do modelo. Dessa maneira, a estrutura *QU-quiera que sea* pode apresentar uma dependência sintática maior ou menor, a depender da camada que escopa, ou seja, sua codificação morfossintática é motivada pelas funções que exerce nos níveis superiores da GDF.

Palavras-chave: *QU-quiera que sea*. Concessivo-condicionais universais. Relativas livres não específicas. Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract

This research aims to investigate *WH-quiera que sea* structure, conceived in the literature, well among free relative clauses, well among universal concessive-conditional clauses. Authors such as Leuschner (2007) and Haspelmath and König (1998) differ the non-specific free relative structures of the universal concessive-conditionals based mainly on syntactic criteria, since, according to the authors, the former can establish an argumental function with respect to the main clause, being more syntactically dependent, while the latter are less integrated to the main clause. Constructions of *WH quiera que sea* type are constructed around indefinite pronouns, and such pronouns attribute a non-specific reading to different linguistic entities. We analyze, in Spanish, the structures introduced by the grammaticalized indefinite pronouns, *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* and *dondequiera*. For that, we use as a theoretical apparatus the Functional Discourse Grammar (hereafter FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008) that shows how the speaker's communicative intentions, as well as the context, influence the form of the linguistic utterance. We seek to investigate the pragmatic and semantic motivations, according to the levels and layers of the model, which are revealed in the morphosyntactic features of *WH-quiera que sea* structure. In order to analyze occurrences produced in written modality, we used CREA corpora (*Córpus de Referencia del Español Actual*), a database available online that has texts from different origins, produced in different Spanish-speaking countries, from 1975 to 2004. The results show that the structures *WH-quiera que sea* can scope categories from both Interpersonal Level and Representational Level of the model. In this way, *WH-quiera que sea* structure may present a greater or minor syntactic dependence, depending on the layer that it scopes, that is, its morphosyntactic coding is motivated by the functions that it exerts in the upper levels of FDG.

Keywords: *WH-quiera que sea*. Universal concessive-conditionals. Non-specific free relatives. Functional Discourse Grammar.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de investigar la estructura *QU-quiera que sea*, concebida en la literatura, ora en el rol de las oraciones relativas libres, ora en el rol de las oraciones concesivo-condicionales universales. Autores como Leuschner (2007) y Haspelmath y König (1998) difieren las estructuras relativas libres no específicas de las concesivo-condicionales universales basándose principalmente en criterios sintácticos, pues, según los autores, las primeras pueden ejercer función argumental con relación a la oración principal, siendo más dependientes sintácticamente, mientras que las segundas son menos integradas de la oración principal. Las construcciones del tipo *QU-quiera que sea* se construyen alrededor de pronombres indefinidos, y tales pronombres atribuyen a diferentes entidades lingüísticas una lectura no específica. Analizamos, en el español, las estructuras introducidas por los gramaticalizados pronombres indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* y *dondequiera*. Para ello, utilizamos como aparato teórico la Gramática Discursivo-Funcional (en adelante GDF) de Hengeveld y Mackenzie (2008) que muestra cómo las intenciones comunicativas del hablante, así como el contexto, influyen en la forma del enunciado lingüístico. Buscamos investigar las motivaciones pragmáticas y semánticas, según los niveles y camadas del modelo, que se revelan en las propiedades morfosintácticas de la estructura *QU-quiera que sea*. A fin de analizar ocurrencias producidas en la modalidad escrita, utilizamos el cópula CREA (*Cópus de Referencia del Español actual*), base de datos disponible *online* que cuenta con textos de procedencia diversa, producidos en diferentes países de habla española, desde 1975 a 2004. Los resultados muestran que las estructuras *QU-quiera que sea* pueden escopar categorías tanto en el Nivel Interpersonal como en el Nivel Representacional del modelo. De esta manera, la estructura *QU-quiera que sea* puede presentar una dependencia sintáctica mayor o menor, a depender de la camada que escopa, o sea, su codificación morfosintáctica es motivada por las funciones que ejerce en los niveles superiores de la GDF.

Palabras-clave: *QU-quiera que sea*. Concesivo-condicionales universales. Relativas libres no específicas. Gramática Discursivo-Funcional.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1: Gramática Discursivo-Funcional como parte de uma teoria ampla da interação verbal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.6)	21
Figura 2: Esquema Geral da GDF (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.13)	22

QUADROS

Quadro 1: Categorias semânticas (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136)	32
Quadro 2: Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística (KEIZER, 2015, p. 202).....	33
Quadro 3: Os pronomes indefinidos do tipo <i>querer/agradar</i> (adaptado de HASPELMATH, 2001, p. 134).....	42
Quadro 4: Relativas livres e construções relacionadas no inglês atual (Adaptado de LEUSHNER, 2007, p. 90, Tradução nossa).....	52
Quadro 5: Análise geral dos pronomes <i>QU-quiera</i>	116
Quadro 6: Análise geral das construções <i>QU-quiera que sea</i>	117
Quadro 7: Posição prototípica das construções do tipo <i>QU-quiera que sea</i> , como modificadores interpessoais e semânticos.....	119

TABELAS

Tabela 1: Frequência do verbo <i>ser</i> na construção <i>QU-quiera que + verbo no subjuntivo</i>	60
Tabela 2: Ocorrências utilizadas na análise.....	61
Tabela 3: Tempo e modo da primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear (função retórica Esclarecimento).....	82
Tabela 4: Tempo e modo da Oração vinculada a <i>cualquiera que sea</i> (função semântica Concessão).....	84
Tabela 5: Modo da primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear (função retórica Aposição).....	97
Tabela 6: Modo da primeira Oração (função argumental).....	97
Tabela 7: Tempo e modo das Orações vinculadas a <i>comoquiera que sea</i> (modificador de Movimento).....	107
Tabela 8: Tempo e modo da Oração vinculada a <i>dondequiera que sea</i> (modificador de Estado-de-coisas).....	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A₁ : Ato Discursivo	obj : Objeto
A : Ativo	(P₁)_s : Falante
Adv_{p1} : Sintagma adverbial	(P₂)_A : Ouvinte
Adv_{w1} : Palavra adverbial	(P^{centro}) : Posição Central da Expressão Linguística
APOS : Função retórica Aposição	(P^{pre}) : Posição Pré-oracional da Expressão Linguística
C₁ : Conteúdo Comunicado	(P^{pos}) : Posição Pós-oracional da Expressão Linguística
Cl₁ : Oração	(P^I) : Posição Inicial da Oração
CONC : Função semântica Concessão	(P^M) : Posição Medial da Oração
CREA : <i>Corpus de Referencia del Español Actual</i>	(P^F) : Posição Final da Oração
DECL : Declarativo	p₁ : Conteúdo Proposicional
DEP^{CL} : Oração dependente	R₁ : Subato de Referência
e₁ : Estado-de-coisas	RAE : <i>Real Academia Española</i>
ESCL : Função retórica Esclarecimento	SUJ : Sujeito
ep₁ : Episódio	± s : operador ± específico
F₁ : Ilocução	T₁ : Subato de Atribuição
f₁ : Propriedade	t : Tempo
Gw₁ : Palavra gramatical	u : Inativo
GDF : Gramática Discursivo-Funcional	V_{subj} : Verbo no subjuntivo
IMPER : Imperativo	V_{fin} : Verbo finito
INDEP^{CL} : Oração independente	Vp₁ : Sintagma verbal
L : Locativo	Xp₁ : Sintagma
l : Localização	x₁ : Indivíduo
Le₁ : Expressão Linguística	φ : Função
M₁ : Movimento	Σ : Modificador do Nível Interpessoal
m₁ : Modo	σ : Modificador do Nível Representacional
Np₁ : Sintagma nominal	π : Operador
	V : Operador de quantificação universal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 A Gramática Discursivo-Funcional	18
1.1.1 A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional	19
1.1.2 Os Níveis de representação e as camadas	24
1.1.2.1 O Nível Interpessoal	25
1.1.2.2 O Nível Representacional	30
1.1.2.3 O Nível Morfossintático	33
1.1.2.4 O Nível Fonológico	39
2. A ESTRUTURA QU-QUIERA QUE SEA NA LITERATURA	40
2.1 O rol das relativas livres	44
2.2 As orações relativas livres não específicas na literatura	46
2.3 A relação entre orações relativas livres não específicas e orações concessivo-condicionais	51
2.4 O hibridismo semântico: as orações concessivo-condicionais na literatura	55
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO DAS ESTRUTURAS DO TIPO QU-QUIERA QUE SEA	60
3.1 Os objetivos da investigação	61
3.2 O corpus e os tipos de texto analisados	62
3.3 Os critérios de análise adotados para o estudo da construção QU-quiera que sea	64
3.3.1 As camadas de atuação das construções QU-quiera que de acordo com a teoria da Gramática Discursivo-Funcional	65
3.3.2 A posição ocupada pelas construções QU-quiera que sea no Nível Morfossintático	66
3.3.3 Forma verbal da oração vinculada a QU-quiera que sea	68

4. ANÁLISE DOS DADOS	70
4.1 A construção <i>cualquiera que sea</i>.....	70
4.1.1 <i>Cualquiera que sea X</i> no Nível Interpessoal.....	71
4.1.2 <i>Cualquiera que sea X</i> no Nível Representacional.....	75
4.1.3 Posição da construção <i>cualquiera que sea X</i>	77
4.1.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a <i>cualquiera que sea X</i>	80
4.2 A construção <i>quienquiera que sea</i>.....	84
4.2.1 <i>Quienquiera que sea</i> no Nível Interpessoal.....	85
4.2.2 <i>Quienquiera que sea</i> no Nível Representacional.....	90
4.2.3 Posição da construção <i>quienquiera que sea</i>	92
4.2.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a <i>quienquiera que sea</i>	95
4.3 A construção <i>comoquiera que sea</i>.....	97
4.3.1 <i>Comoquiera que sea</i> no Nível Interpessoal.....	98
4.3.2 <i>Comoquiera que sea</i> no Nível Representacional	103
4.3.3 Posição da construção <i>comoquiera que sea</i>	104
4.3.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a <i>comoquiera que sea</i>	106
4.4 A construção <i>dondequiera que sea</i>.....	107
4.4.1 <i>Dondequiera que sea</i> no Nível Representacional.....	108
4.4.2 Posição da construção <i>dondequiera que sea</i>	112
4.4.3 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a <i>dondequiera que sea</i>	114
4.5 Caracterização geral dos resultados.....	116
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 121
 REFERÊNCIAS	 124

INTRODUÇÃO

O escopo da presente pesquisa recai sobre a estrutura *QU-quiera que sea*, categorizada na literatura ora entre as orações concessivo-condicionais universais, ora entre as orações relativas livres.

A construção *QU-quiera que sea* se constitui em torno de pronomes indefinidos que conferem uma leitura não específica a diferentes entidades linguísticas. Analisamos, no espanhol, as estruturas introduzidas pelos seguintes pronomes indefinidos: *cualquiera* (cf. 1), *quienquiera* (cf. 2), *comoquiera* (cf. 3) e *dondequiera* (cf. 4), conforme seguem as ocorrências com as respectivas traduções ao português¹:

- (1) [...] empresas que tengan conciertos de servicios o suministros *cualquiera que sea su naturaleza* (Espanha, 1983, Legislação).
[...] empresas que tenham shows de serviços ou suprimentos, *qualquer que seja sua natureza*.
- (2) Mal hemos de llevarnos, lector o lectora, *quienquiera que sea*, si ha tomado atajos o se ha llegado hasta aquí como chismoso. ¿Qué esperaba encontrar? (México, 2002, Testemunhos).
Mas convenhamos, leitor ou leitora, *quem quer que seja*, se você tomou atalhos ou veio aqui por uma fofoca. O que esperava encontrar?
- (3) Este primer disco, como te decía, es un disco que está muy bien pensado, pero *comoquiera que sea* es el primer disco de un grupo que se formó hace poco tiempo (Cuba, 2003, Música).
Este primeiro álbum, como eu disse, é um disco muito bem pensado, mas *como quer que seja* é o primeiro álbum de um grupo que foi formado recentemente.
- (4) [...] formando una fuerte coalición para ir contra esos terroristas, y también del terrorismo *dondequiera que sea* en el mundo (Bolivia, 2001, Política).
[...] estamos formando uma forte coalizão para ir contra os terroristas, e também do terrorismo *onde quer que seja* no mundo.

Como apresentam sentido generalizador, são concebidas, na literatura, como *concessivo-condicionais universais* por Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999), *condicionais de irrelevância* por Smits (1989), Haiman (1974) e König (1985), *concessivas indefinidas* por Thompson e Longacre (1985), *concessivas de inibição e indiferença* conforme a Real Academia Española (RAE) (2010) e Parazuelos (1993), *concessivas genéricas* por García-Medall (2005) ou, até mesmo, *concessivas hipotéticas*

¹ Todos os exemplos e ocorrências do espanhol (e de outras línguas) foram traduzidos para o português (tradução nossa).

por Haspelmath e König (1998).

As concessivo-condicionais foram objeto de investigação em pesquisa de Iniciação Científica, realizada de 2014 a 2016, quando estudamos o hibridismo semântico concessão/condição, defendido por autores como Flamenco García (1999), no espanhol, e por Haspelmath e König (1998), em diferentes línguas.

De acordo com esses autores, nas estruturas concessivo-condicionais universais se apresenta um conjunto de condições – por meio do pronome indefinido – que não são capazes de impedir que se realize o evento da oração principal, que é sempre factual. Dessa forma, as concessivo-condicionais são concebidas pelos autores como híbridas, por mesclarem características das orações concessivas e das orações condicionais.

Leuschner (1998, 2007) e outros autores como Haspelmath (2001) e Keizer (2016), por sua vez, reconhecem no rol das orações *relativas livres não específicas* a estrutura do inglês, *WH-ever it may be*, equivalente a *QU-quiera que sea*, no espanhol. De uma perspectiva tipológica, Leuschner (2007) e Haspelmath e König (1998) identificam semelhanças formais entre as orações concessivo-condicionais universais e as orações relativas livres não específicas em diversas línguas da Europa.

De acordo com Leuschner (2007), as orações relativas livres não específicas são mais integradas sintaticamente à oração principal, tendo em vista que há casos que *WH-ever it may be* pode exercer função argumental, como em *I need to talk to whoever it may be the principal*². Esse tipo de estrutura difere das concessivo-condicionais universais, que, conforme o autor, são menos integradas sintaticamente à oração principal.

Uma vez que tal categorização entre estruturas relativas livres não específicas e concessivo-condicionais não parece explicar os diferentes usos de estruturas do tipo *QU-quiera que sea*, o objetivo deste estudo é investigar as motivações funcionais que subjazem à estrutura *QU-quiera que sea*. Utilizamos, para tanto, o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008) que mostra como as intenções comunicativas do Falante³, assim como o contexto, influenciam na forma do enunciado linguístico.

Buscaremos, dessa forma, responder às seguintes perguntas de pesquisa:

² Em português: Preciso falar **com** quem quer que seja o diretor. Em espanhol: Necesito hablar **con** quienquiera que sea el director.

³ Referimo-nos neste trabalho como Falante o usuário da língua de maneira geral, seja em contextos da modalidade oral ou escrita da língua.

- Quais são as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas que regem os diferentes usos da estrutura *QU-quiera que sea*?
- De que maneira as propriedades pragmáticas e semânticas dessa construção determinam suas propriedades morfossintáticas?

Considerando-se tais questionamentos, partimos da hipótese de que a estrutura do tipo *QU-queira que sea* pode, além de se relacionar a um predicado, no nível semântico, pode se relacionar a trechos maiores que a oração, no nível pragmático.

A atuação em diferentes estratos vem ao encontro da proposta da Gramática Discursivo-Funcional de organização da expressão linguística, em termos de níveis e de camadas, o que nos motiva a investigar os estratos de atuação dessas construções, a fim de caracterizá-las pragmática, semântica e morfossintaticamente.

Como universo de investigação, utilizamos o *Corpus de Referencia de la Real Academia Español* (CREA), que disponibiliza textos escritos e falados, do espanhol da Espanha e da América, entre 1975 e 2004.

A partir de um levantamento inicial, constatamos que as construções introduzidas pelos pronomes indefinidos do tipo *QU-quiera* podem ocorrer também com diferentes tipos de verbos no subjuntivo. Tendo em vista tal diversidade, esta pesquisa se atém à análise das estruturas em torno do verbo *ser* no subjuntivo (*sea*).

Esta dissertação se organiza em quatro capítulos. O Capítulo 1 apresenta a fundamentação teórica, em que discorremos sobre os princípios básicos do funcionalismo, bem como os postulados da Gramática Discursivo-Funcional que serão relevantes para formulação dos critérios de análise.

No Capítulo 2, apresentamos as diferentes obras que categorizam tais construções como estruturas relativas livres ou como estruturas concessivo-condicionais. Observamos que a literatura distingue esses diferentes tipos de construção, baseando-se, principalmente, em critérios de ordem sintática.

No Capítulo 3, tratamos dos aspectos metodológicos da investigação. Definimos nossos objetivos de acordo com as perguntas de pesquisa aqui elencadas, bem como a hipótese que norteia nossas análises. Oferecemos também uma descrição do corpus utilizado, e os fatores que utilizamos para caracterizar as construções do tipo *QU.quiera que sea*, no espanhol, nos diferentes níveis: pragmático, semântico e morfossintático.

No Capítulo 4, por fim, apresentamos a análise dos dados, que é organizada conforme a estruturação descendente da GDF. Mostramos, inicialmente, em cada seção,

o comportamento pragmático e semântico das estruturas *cualquiera que sea*, *quienquiera que sea*, *comoquiera que sea* e *dondequiera que sea*, para, ao final de cada seção, revelar seu comportamento morfossintático.

Para finalizar este trabalho, contemplamos, nas Considerações Finais, os principais resultados obtidos e ressaltamos as contribuições desta pesquisa para os estudos descritivos do espanhol e para a aplicabilidade do modelo teórico adotado.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme Saussure (2003, p. 39), a pesquisa em linguística é guiada pelo ponto de vista adotado com relação ao objeto multifacetado e heteróclito que é a língua, e “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto de estudo”, ou seja, a multiplicidade de olhares sobre os diferentes fenômenos linguísticos se relacionam às diferentes concepções de língua que os pesquisadores adotam.

De um modo geral, é possível distinguir na trajetória da análise linguística dois paradigmas principais: o *paradigma formal* e o *paradigma funcional*.

A abordagem *funcionalista* é assim chamada por possibilitar uma visão funcional da língua. O termo *função* leva em conta que as línguas são utilizadas com um determinado propósito. Em outras palavras, a estrutura formal dos enunciados – aquilo que é considerado do domínio sintático – é determinado por aquilo que o falante deseja expressar, suas intenções comunicativas, o contexto – que é considerado dentro dos domínios pragmático e semântico.

De acordo com essa perspectiva, expressar-se linguisticamente é também agir sobre o outro, é mudar a informação pragmática do interlocutor. Não enunciamos sem que haja um contexto - seja social, situacional - que nos circunde e influencie. Enunciamos por uma razão, mesmo que nem sempre tenhamos consciência da função exata de nossos enunciados linguísticos. Como usuários da língua, não nos damos conta das diferentes funções às quais a língua pode servir. Para um linguista funcionalista, a questão de por que as pessoas usam a linguagem verbal é crucial.

Quando se pensa a língua sob um viés funcional, compreende-se que ela não é um sistema fechado em si, mas sim um sistema que é flexível e moldado pelo contexto e pelas necessidades dos falantes.

As características principais do funcionalismo, tais como a preferência por analisar a língua em uso, bem como a importância dada ao contexto e aos aspectos pragmáticos na forma linguística, justificam a nossa escolha por essa abordagem para explicar as construções do tipo *QU-quiera que sea* no espanhol escrito. A descrição dessa língua pode contribuir, nesse sentido, para a eficiência nos processos de ensino-

aprendizagem, já que, para descrever esse objeto à luz do funcionalismo é preciso levar em conta muito mais que o sistema estrutural linguístico em si, é preciso considerar a sua realização em situações concretas de interação. Daí a importância da pragmática para os estudos linguísticos: a combinação dos estudos semânticos e pragmáticos permite que sejam preenchidas as lacunas de significação através de fatores extralinguísticos que emolduram os termos presentes na superfície textual e tornam seus significados precisos.

O termo “funcionalismo” abarca, no entanto, uma ampla gama de vertentes, variando de *moderadas* a *extremas* (BUTLER, 2003a). Os *funcionalistas extremos*, de acordo com o autor, “não apenas afirmam que os fenômenos gramaticais e as categorias emergem das exigências do discurso, mas também rejeitam o conceito de gramática como um sistema estrutural” (BUTLER, 2003a, p. 30). *Funcionalistas moderados*, por outro lado, reconhecem que uma gramática é, de fato, um sistema estrutural, um sistema moldado pelo uso e, portanto, que deve ser descrito em relação ao uso da linguagem.

No rol dos modelos moderados, o autor reconhece a Gramática Funcional de linha holandesa de Dik (1989, 1997a, 1997b), na qual se baseiam Hengeveld e Mackenzie (2008) ao propor a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF).

A teoria da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) leva em conta a natureza da comunicação procurando, por isso, fornecer uma explicação da relação entre linguagem e contexto, já que, para os autores, o usuário de uma língua é um conhecedor de suas regras formais e funcionais e da maneira de combinar essas regras, o que, ao nosso ver, permite fornecer os subsídios teóricos necessários para desvendar os diferentes funcionamentos da estrutura *QU-quiera que sea*, no espanhol.

Na seção que segue, abordamos os principais preceitos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional.

1.1 A Gramática Discursivo-Funcional

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a Gramática Discursivo-Funcional considera que as línguas são complexos estruturados, que estão adaptados para funcionar como instrumentos de comunicação.

A GDF não é uma Gramática do Discurso no sentido de uma teoria que busca explicar as ideologias que atravessam as esferas discursivas. Pelo contrário, a GDF vê o Discurso como lugar em que as intenções comunicativas se transformam nos processos

de *Formulação* e *Codificação*. O processo de Formulação traduz as intenções comunicativas de um Falante em duas representações funcionais (uma contendo informação **pragmática**, outra contendo informação **semântica**); por sua vez, essas representações formam a entrada para o processo de Codificação, que determina a forma **morfossintática** e **fonológica** do enunciado.

Por esse motivo, diz-se que a GDF adota uma abordagem modular, de cima para baixo, ou seja, *top-down*, começando com a intenção comunicativa de quem enuncia. A GDF analisa qualquer enunciado que expresse alguma atitude ou intenção do Falante. Tendo em vista que unidades menores do que a oração podem ser semântica e pragmaticamente completas, o Ato Discursivo é tomado como unidade básica de análise, como exemplificado a seguir por:

- vocativos (*Professor!*);
- respostas a perguntas (A: Do que ele gosta? B: *De dormir*);
- frases convencionais (*Obrigado!*; *Boa sorte!*).

Como essas unidades, por si só, constituem contribuições completas de sentido para a comunicação, na GDF, são consideradas Atos Discursivos.

A teoria aqui adotada fornece, portanto, uma explicação dos fenômenos pragmáticos e semânticos, bem como conceituais e contextuais, que refletem na forma morfossintática e fonológica de um enunciado.

1.1.1 A arquitetura da Gramática Discursivo-Funcional

Por tratar-se de um modelo *top-down*, ou seja, um modelo que oferece uma descrição autônoma e equilibrada do impacto sistemático de fenômenos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos na forma linguística, a teoria da GDF propõe que quatro componentes interagem, quando enunciamos algo.

O *Componente Conceitual* é considerado como pré-linguístico, pois é de onde partem as intenções comunicativas, ou seja, as ideias e conhecimentos do Falante com relação a si mesmo e ao outro com quem se fala. O Componente Conceitual não contém todas as informações conceituais necessárias para a produção de um enunciado linguístico, mas apenas aqueles aspectos cognitivos diretamente relacionados à intenção comunicativa do Falante que acionam o uso de um determinado enunciado linguístico.

Um exemplo de como uma informação do Componente Conceitual poderia afetar a forma de um enunciado seria a seguinte situação: um Falante quer transmitir a notícia de que um amigo está doente. O Falante pode dizer:

- (1) ‘Tom está doente’.
- (2) ‘**Temo** que Tom esteja doente’ (Traduzido de KEIZER, 2015, p. 35).

Em (2), o Falante não está realmente "com medo" quando profere a declaração. O que se está tentando fazer é reduzir o impacto que a notícia pode ter sobre o destinatário. Como esses aspectos fazem parte da intenção comunicativa imediata do Falante, eles são representados no Componente Conceitual.

O *Componente Contextual*, por sua vez, carrega os elementos do contexto comunicativo que têm um impacto sistemático na forma do enunciado linguístico. Diz respeito à relação entre a organização gramatical e a memória (de longo ou curto prazo) dos Falantes envolvidos na enunciação, o que inclui a informação situacional (sobre entidades não-linguísticas, no contexto do discurso imediato) e a informação textual (sobre os antecedentes linguísticos no contexto do discurso imediato). Vejamos como se estabelece a relação no Componente Contextual, a partir do exemplo a seguir, traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 10):

- (3) Como **você** está pálida!

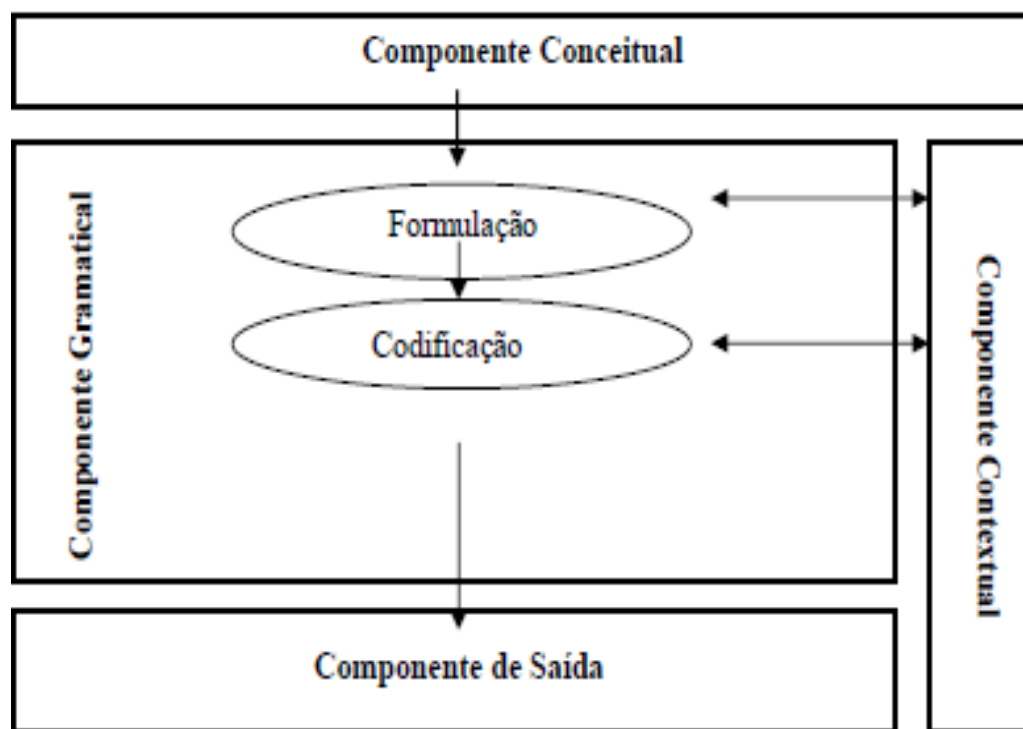
O exemplo (3) ilustra o modo como o Componente Contextual influencia a produção dos enunciados dentro do Componente Gramatical, pois as informações referentes ao grau de formalidade entre os participantes da conversação - que motivam a seleção de um pronome de tratamento informal (“você”) ao invés de um pronome de tratamento formal (como, por exemplo, “a senhora”) - e aos aspectos da situação comunicativa - que obrigam o uso da desinência feminina {-a} no adjetivo “pálida”, ao invés da vogal temática {-o} - advêm do Componente Contextual.

O que não está incluído no Componente Contextual são fatores como estilo, gênero textual e registro, porque as diferenças linguísticas formalmente expressas nos diferentes gêneros são não sistemáticas e imprevisíveis. É por essa razão que a GDF não considera esses fatores como gramaticalmente relevantes; portanto, eles não estão incluídos no Componente Contextual (cf. HENGVELD; MACKENZIE 2008).

Por último, tem-se o *Componente de Saída* responsável pela geração das expressões acústicas, escritas ou até gestuais. Logo, esse componente tem a propriedade de transformar as informações digitais da gramática em informações analógicas, isto é, de transformar codificações abstratas em sinais que podem ser percebidos no mundo real, seja na forma de sons, de símbolos gráficos ou de gestos.

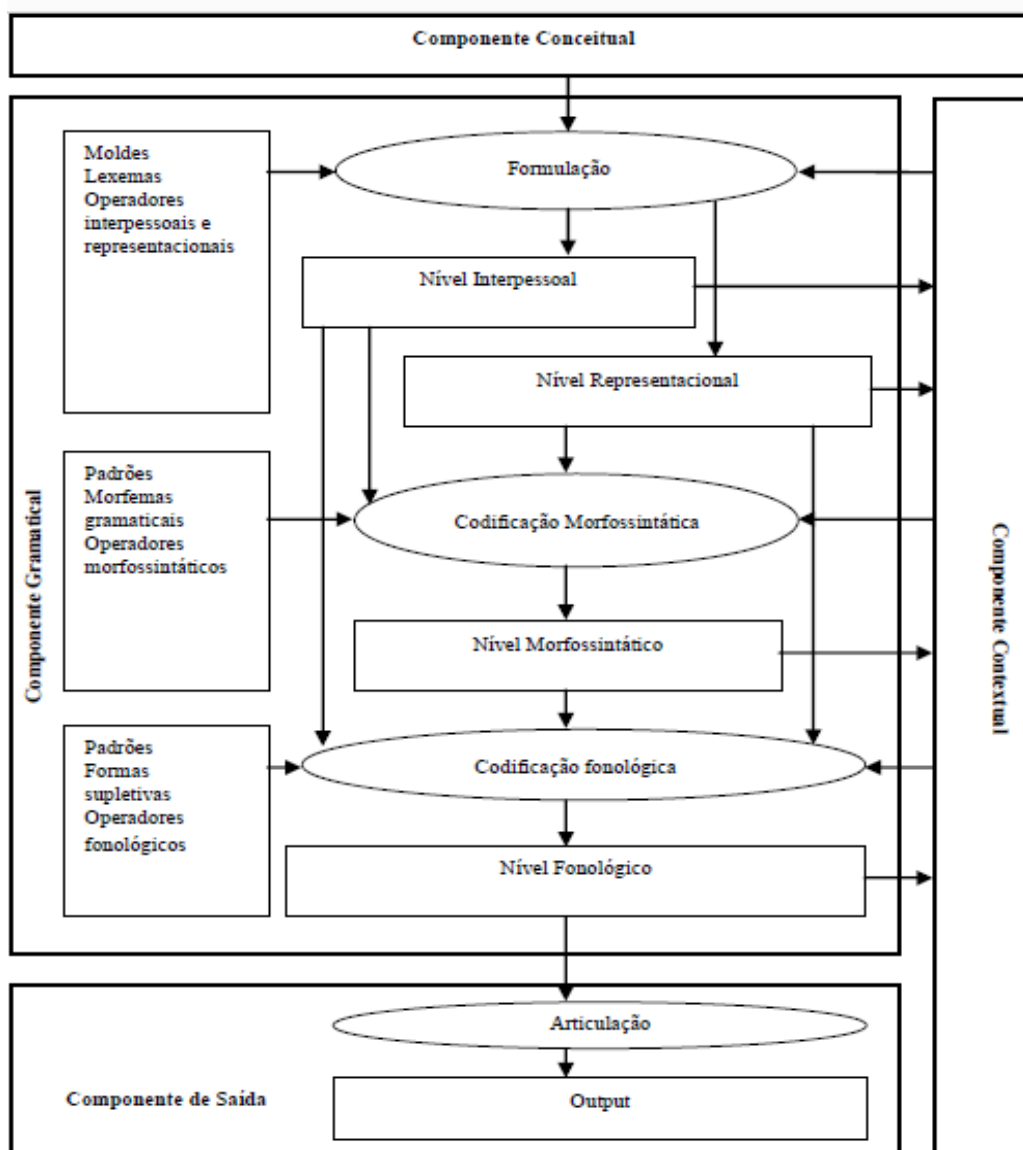
Os três componentes acima descritos interagem com o *Componente Gramatical*, por meio das operações de Formulação e Codificação, como se pode observar na figura a seguir:

Figura 1: Gramática Discursivo-Funcional como parte de uma teoria ampla da interação verbal (adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 6).



Dentro do Componente Gramatical, existem níveis de representação que se organizam hierarquicamente em diferentes camadas, conforme se observa na figura abaixo:

Figura 2: Esquema Geral da GDF (adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p.13).



Na figura 2, as *operações* são representadas dentro das formas ovais, os *primitivos* se encontram dentro das caixas à esquerda, e os *níveis de análise* estão colocados no centro da figura em retângulos.

As operações são as partes do modelo em que as regras de uma língua específica são aplicadas, e os enunciados linguísticos são construídos. Na abordagem *top-down* da GDF, a Formulação é a primeira operação. Esta operação usa três tipos de entrada.

O primeiro tipo de *input* vem do Componente Conceitual: a principal tarefa da operação de Formulação é traduzir as representações conceituais deste componente para as representações pragmáticas e semânticas apropriadas à linguagem (HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13). Para executar essa tarefa, a operação de Formulação

baseia-se em diferentes tipos de primitivos disponíveis para cada língua específica:

- *Moldes* especificam as possíveis combinações de unidades pragmáticas ou semânticas;
- *Lexemas* são todos os elementos significativos que os Falantes de uma língua têm à sua disposição para fornecer a informação descritiva necessária para uma comunicação bem sucedida;
- *Operadores* representam informações gramaticais em cada um dos níveis. Há *operadores pragmáticos* que, por exemplo, marcam a (não) identificabilidade e a (não) especificidade de um referente. Os *operadores semânticos* podem, por exemplo, marcar informações de número e tempo nos verbos.

As informações do Componente Contextual, por sua vez, também alimentam a operação da Formulação. Após a conclusão da operação da Formulação, ocorre a operação de Codificação, nos Níveis Morfossintático e Fonológico, que fazem uso de seu próprio conjunto de primitivos:

- *Padrões* especificam a ordem em que os elementos aparecem em um enunciado;
- *Morfemas gramaticais* (no Nível Morfossintático) são usados para expressão de informação gramatical, como, por exemplo, auxiliares, partículas e afixos;
- *Formas supletivas* (no Nível Fonológico) também são usadas para expressão de informação gramatical, como, por exemplo, formas irregulares de verbos;
- *Operadores fonológicos* (no Nível Fonológico) representam os possíveis padrões de entonação e de tonicidade de uma língua.

Ambos os níveis da operação de Codificação também recebem informações do Componente Contextual.

Dentre todos os Componentes, é o Componente Gramatical de uma língua que é analisado pela GDF, pois são esses aspectos da interação verbal que refletem formalmente na estrutura linguística, por isso são considerados parte da GDF de uma língua.

1.1.2 Os Níveis de representação e as camadas

Os Níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico são organizados, hierarquicamente, em várias camadas. A cada uma dessas camadas é fornecida sua própria variável, que é restrita por um *núcleo* simples ou complexo, e especificada por um ou mais *operadores* além de apresentar uma *função*. Nos diferentes níveis, é possível ainda que cada camada contenha uma posição para os *modificadores*, que fornecem informações lexicais opcionais, enquanto operadores e funções são estratégias gramaticais. Operadores e funções diferem na medida em que as funções são relacionais, podendo relacionar uma unidade inteira a outra unidade na mesma camada, enquanto os operadores se restringem à sua própria unidade. No esquema a seguir, é possível verificar os componentes de uma camada na GDF:

- $(\pi \alpha_1: [\text{núcleo } (\alpha_1) \varphi]: [\sigma (\alpha_1) \varphi]) \varphi$

α_1 = variável na camada

π = um ou mais operadores

σ = um ou mais modificadores

φ = a função da unidade linguística

Na GDF, os constituintes se relacionam de maneira *hierárquica* ou *não hierárquica*. São hierárquicos os constituintes que subordinam outros constituintes ou são a eles subordinados, o que significa que pertencem a camadas diferentes. Os elementos não hierárquicos, por outro lado, pertencem à mesma camada e têm o mesmo estatuto dentro da camada. Nos casos em que as unidades formam uma configuração não hierárquica, são colocadas entre colchetes ([]), tal como vislumbrado no esquema acima, em que se representam as relações de equipolência entre o núcleo e seu argumento ou entre o modificador e seu núcleo.

As posições obrigatórias nos padrões para as quais não há material disponível vindo dos níveis Interpessoal e Representacional são preenchidas com elementos vazios¹.

Nas seções que seguem, apresentamos os diferentes níveis e camadas de

¹ Elementos vazios (*dummies*) ou suporte são palavras gramaticais introduzidas no Nível Morfossintático em resposta a configurações particulares dos níveis Interpessoal ou Representacional (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

organização da GDF: o Nível Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico.

1.1.2.1 O Nível Interpessoal

O Nível Interpessoal se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação comunicativa, ou seja, como os aspectos formais da unidade linguística refletem o papel do Falante e do Ouvinte na interação, o que é analisado em termos de funções *pragmáticas e retóricas*.

Como dito anteriormente, a intenção comunicativa em si não faz parte da gramática, mas sim do Componente Conceitual. É esse componente que ativa o componente gramatical, que por sua vez transforma essa intenção em um ou mais enunciados linguísticos. Em consonância com a organização de cima para baixo do modelo, os primeiros passos tomados pelo Falante neste processo dizem respeito aos aspectos retóricos e pragmáticos da interação. Funções retóricas desempenham um papel importante na forma como os enunciados são ordenados, bem como com a maneira pela qual as relações entre diferentes enunciados são expressas.

A camada mais alta deste nível é o Movimento ($M_1...M_2$), considerado “uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50). Sendo a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical, apresenta a forma de um ou mais Atos Discursivos ($A_1, A_2...A_n$) que formam o núcleo de um Movimento.

Uma característica importante do Movimento é que ele é usado por um Falante para iniciar uma interação, isto é, para provocar alguma reação do destinatário, ou eles mesmos podem formar tal reação. Na língua falada, os Movimentos são tipicamente codificados em termos de enunciação: a informação do Nível Interpessoal é, neste caso, diretamente alimentada no Nível Fonológico. Assim, os Falantes tendem a indicar o fim de um Movimento por uma entonação decrescente; um tom crescente, por outro lado, é usado para indicar que o Movimento ainda não terminou.

Movimentos podem ser interrompidos por outros Movimentos (elaborações, digressões etc.). Frequentemente, esses Movimentos de interrupção são dados entre parênteses, ou indicados lexicalmente por sintagmas como *a propósito*, *ou*, *de fato*.

Diferentemente dos Movimentos, os Atos Discursivos, conforme Kroon (1995), não necessariamente promovem o avanço da comunicação em termos de alcançar um

objetivo conversacional. Um único Ato Discursivo pode constituir um Movimento completo. No entanto, Movimentos e Atos Discursivos têm diferentes características fonológicas. Movimentos correspondem normalmente à maior unidade fonológica gramaticalmente relevante, o Enunciado. São caracterizados por um padrão de entonação geral específico, bem como pelo fato de estarem separados uns dos outros por pausas relativamente longas. Os Atos Discursivos, por outro lado, correspondem prototipicamente a uma unidade fonológica menor, a Frase Entonacional, que é caracterizada, entre outras coisas, por um *pitch* de tom específico, que se correlaciona com a Ilocução.

Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam que cada Ato Discursivo carrega um tipo de Ilocução (F_1)², e pode envolver um ou mais Participantes da enunciação (P_1 e P_2), que podem ser um Falante (S)³ e um Ouvinte (A)⁴.

Além disso, um Ato Discursivo traz em si um Conteúdo Comunicado (C_1), que contém um ou mais Subatos de Referência (R_1) e Subatos de Atribuição (T_1) evocados pelo Falante, conforme veremos mais adiante.

As relações entre os Atos Discursivos podem ser de *equipolência*, quando tem o mesmo status comunicativo, ou de *dependência*, caso em que, em termos pragmáticos, um Ato depende ou é subsidiário do outro (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Nesse último caso, quando há relações de dependência entre dois Atos, sendo um nuclear (principal), e outro subsidiário (dependente), Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam as seguintes funções retóricas: *Orientação*, *Esclarecimento*, *Motivação*, *Aposição* e *Concessão*.

A função retórica Orientação aplica-se a um Ato Discursivo para indicar ao destinatário a intenção do Falante de introduzir um referente no discurso, considerado importante para o que será enunciado posteriormente. Conforme Pezatti e Camacho (2016), essa função fornece um ancoramento com relação às entidades, o que proporciona coerência na organização do discurso. Os autores apresentam o seguinte exemplo dessa função, no português, representado em (4):

² IMPerativa, DECLarativa, INTERrogativa, por exemplo.

³ Do inglês, *Speaker*.

⁴ Do inglês, *Addressee*.

(4) *açucarinha*, como é que se faz? (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p. 165).

(4a) (M_I: [A_I: -*açucarinha*- (A_I)]_{Orient} (A_J: -como é que se faz- (A_J))] (M_I))

A função retórica Esclarecimento, diferentemente, como o próprio nome diz, esclarece uma informação presente no Ato Discursivo nuclear, considerada pelo Falante como não comunicativamente adequada. O exemplo de Pezatti e Camacho (2016) ilustra tal função no português:

(5) dói muito para nós, *as senhoras* (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p.168).

(5a) (M_I: [A_I: -dói muito para nós- (A_I)] (A_J: -*as senhoras*- (A_J))_{Esclar}] (M_I))

É possível perceber que enquanto a função retórica Orientação remete cataforicamente para o Ato nuclear, a função retórica Esclarecimento se volta anaforicamente para ele.

A função retórica Motivação, por sua vez, representa uma estratégia do Falante ao justificar a enunciação do conteúdo do Ato Discursivo nuclear, como se vê em (6) e (6a):

(6) vai-te embora *que a minha mãe não, não me deixa conversar* (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p.173).

(6a) (M_I: [(A_R: -vai-te embora- (A_I)] (A_J: -*a minha mãe não, não me deixa conversar*- (A_J))_{Motiv}] (M_I))

A Motivação não exprime uma razão para a situação descrita na oração principal – o que caracterizaria uma função semântica – mas sim uma justificativa para o próprio ato de fala anterior, ou seja, exprime-se o motivo de se ter feito a declaração anterior. Em (6), o primeiro Ato apresenta Ilocução Imperativa e o outro, Ilocução Declarativa. A conjunção *que* indica que o segundo Ato Discursivo (A_J) deve ser entendido como subsidiário com relação ao primeiro (A_I), marcando a relação de dependência. É importante observar que a conjunção não faz parte da representação em (6a), pois faz parte do processo de Codificação, e só ocorre no Nível Morfossintático.

A função retórica Aposição é uma estratégia pela qual o Falante acrescenta uma informação sobre um indivíduo introduzido na oração principal. Para Pezatti e Camacho (2016), a Aposição apresenta um contorno entonacional próprio, que, na transcrição do oral para o escrito, é geralmente representado pelo uso da vírgula antes e depois do Ato

subsidiário, conforme se observa em (7):

- (7) a própria metrópole, *que nos colonizou*, tinha um índice de analfabetismo ainda substancialmente alto no século vinte em relação a outros países europeus (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p.175).

- (7a) (M_I: [(A_I: -a própria metrópole tinha um índice analfabetismo ainda substancialmente alto no século vinte em relação a outros países europeus- (A_I)) (A_J: -*que nos colonizou*- (A_J))_{Apos}] (M_I))

A Concessão, por fim, é uma estratégia do Falante para guiar seu interlocutor e atingir seus objetivos conversacionais. Quando a relação entre dois Atos Discursivos é de Concessão, o Falante usa o Ato subsidiário para exprimir a admissão de uma possível objeção ao Ato nuclear. Pezatti e Camacho (2016) apresentam o seguinte exemplo do português:

- (8) ::...isso daí::não tem como cê controlar... *apesar que a::esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa...* (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p. 170).

- (8a) (M_I: [(A_I: -isso daí não tem como cê controlar- A_I)) (A_J: -*apesar que a esse problema aí do Sema foi resolvido acredito de forma justa*- (A_J))_{Conc}] (M_I))

Ressaltam Hengeveld e Mackenzie (2008) que a ordenação entre o Ato nuclear e o subsidiário é uma pista morfossintática de extrema importância para a classificação das estruturas concessivas em camadas, pois, caso a oração concessiva ocorra antes da oração principal, a concessão pode atuar não mais entre Atos Discursivos, mas sim entre Conteúdos Proposicionais, no Nível Representacional, que trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística, conforme exemplifica (9):

- (9) ::...*apesar de não ter gostado do Edinho ganhar* eu acredito que tenha sido melhor do que o Mané... (PEZATTI, CAMACHO, 2016, p.170).

Em (9), um dos Conteúdos Proposicionais, o concessivo, tem o valor de uma objeção real ou possível ao conteúdo apresentado como principal.

Além das funções retóricas entre Atos Discursivos, a GDF propõe que na camada do Conteúdo Comunicado ocorrem as funções pragmáticas. O Conteúdo Comunicado é a parte do Ato Discursivo que contém tudo o que o Falante deseja evocar

em sua comunicação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

A função pragmática indica como o Falante deseja que o Ouvinte incorpore a informação de uma unidade linguística em sua representação mental. Para que um Conteúdo Comunicado seja informativo, ele deve conter informações que sejam novas ou salientes para o Ouvinte na situação discursiva. Em muitos casos, o Conteúdo Comunicado também contém informações que são compartilhadas entre Falante e Ouvinte. Para indicar o estatuto informativo dos Subatos contidos no Conteúdo Comunicado - ou do Conteúdo Comunicado como um todo - as diferentes unidades recebem as funções pragmáticas *Tópico*, *Foco* e *Contraste*.

A função Foco é atribuída a Subatos apresentando informações novas, seja para preencher uma lacuna no conhecimento do Ouvinte ou para corrigir o conhecimento do Ouvinte.

A função de Tópico é atribuída a Subatos que sinalizam como o Conteúdo Comunicado se relaciona com as informações gradualmente construídas no Componente Contextual. Na maioria dos casos, os Tópicos contêm informações fornecidas, ou inferidas a partir do Componente Contextual.

A função de Contraste sinaliza o desejo do locutor de trazer certas diferenças entre dois ou mais Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e outras informações contextualmente disponíveis.

Com relação à camada dos Subatos, os Subatos de Referência (R_1) evocam alguma entidade, tipicamente com a intenção de dizer algo sobre essa entidade. Os Atos Atributivos (T_1), por outro lado, evocam alguma propriedade, tipicamente com a intenção de atribuí-lo a alguma entidade. Assim, um Falante pode evocar uma propriedade como *dormir* e atribuí-la a um referente:

- O cachorro preguiçoso estava dormindo.

(C_1 : [(T_1) (R_1)] c)

(T_1) = dormir

(R_1) = cachorro preguiçoso

O que nos interessa nessa camada é a questão da não especificidade do referente, tendo em vista que as estruturas do tipo *QU. quiera que sea* trazem essa propriedade. Os operadores que se aplicam na camada do Subato de Referência referem-se à *identificabilidade* (*id*) e *especificidade* (*s*) do referente, conforme avaliado pelo Falante.

O operador $\pm id$, por exemplo, é usado para indicar que o falante assume se o referente é ou não identificável para o destinatário, acionando determinados mecanismos gramaticais, como o uso do artigo (in)definido, por exemplo.

Já o operador $\pm s$ é usado para indicar que o interlocutor tem ou não uma entidade específica em mente. Os exemplos abaixo traduzidos de Keizer (2015, p. 109) ilustram o uso de tais operadores:

(10) Nós vimos *uma casinha* adorável ontem⁵.
(-id +s R₁:[(T₁) (T₂)]_R)

(11) Nós estamos procurando *uma casinha* (qualquer casinha), preferencialmente em Lake District⁶.
(-id -s R₁: [(T₁) (T₂)]_R)

Em (10) tem-se que a *casinha* é menos identificável para o Ouvinte, enquanto é mais específica para o Falante, que de fato reconhece tal referente no mundo extralinguístico. Por outro lado, em (11), o Subato *casinha* não é identificável para o Ouvinte tampouco específico para o Falante, que não reconhece tal referente, ele apenas projeta a possibilidade de encontrar um lugar para viver, qualquer que seja.

Em suma, é possível identificar as seguintes unidades no Nível Interpessoal:

$$(M_1: [A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{[\varphi]} \dots (T_{1+N})_{[\varphi]} \dots (R_{1+N})_{[\varphi]}] (C_1)_{[\varphi]}] (A_1) \dots (A_{1+N})_{[\varphi]}] (M_1))$$

Tendo apresentado as diferentes camadas do Nível Interpessoal, expomos detalhes com relação ao Nível Representacional, que se refere aos aspectos semânticos de uma unidade linguística. Esse nível descreve o que é evocado no Nível Interpessoal, podendo-se estabelecer entre os dois Níveis uma correspondência direta.

1.1.2.2 O Nível Representacional

No Nível Representacional, encontramos toda a informação sobre entidades reais ou imaginárias que é necessária para uma comunicação bem-sucedida e que não depende da identidade ou relação entre os participantes da fala. O Nível

⁵ Cf. original *We saw a lovely cottage yesterday.*

⁶ Cf. original *We are looking for a cottage, preferably in the Lake District.*

Representacional contém, portanto, todas as informações necessárias para descrever (ou designar) as entidades (ou conjuntos de entidades) que desempenham um papel na mensagem que o Falante deseja transmitir. Assim, no Nível Interpessoal, as unidades são "evocadas" e ligadas ao Falante, enquanto as unidades representacionais podem ser descritas como "designadas" e não vinculadas ao Falante (HENGEVELD; MACKENZIE 2008).

O Nível Representacional apresenta o Conteúdo Proposicional (p_1) como a unidade mais alta; trata-se de construtos mentais, ou seja, uma entidade relacionada aos conhecimentos, crenças e desejos do Falante aos quais pode ser atribuído um valor de verdade. Esses conteúdos, conforme Hengeveld (1998), podem ser *factuais*, como no caso de conhecimentos geralmente aceitos ou crenças razoáveis sobre o mundo real, ou *não-factuais*, como no caso de perguntas, esperanças ou desejos.

O Conteúdo Proposicional é a contrapartida representacional do Conteúdo Comunicado. O que distingue o Conteúdo Comunicado do Conteúdo Proposicional, no entanto, é que o primeiro é necessariamente ligado ao Falante, enquanto o segundo não precisa ser.

O Conteúdo Proposicional pode consistir em um ou mais Episódios (ep_1), que são conjuntos tematicamente organizados de Estado-de-coisas (e_1). A Propriedade Configuracional (f_1) funciona como o núcleo do Estado-de-Coisas, que, por sua vez, é encabeçado por uma combinação de outras propriedades semânticas, tais como uma Propriedade Lexical, um ou mais Indivíduos (x_1) ou ainda, por outras categorias semânticas, tais como Tempo (t_1) Lugar (l_1), Maneira (m_1), Razão (r_1) e Quantidade (q_1).

Algumas dessas entidades se assemelham às propostas por Lyons (1977). A Propriedade pode ser relacionada à *entidade de ordem zero* em Dik (1989), pois não tem existência independente, uma vez que só pode ser avaliada em termos de sua aplicabilidade.

Indivíduos são considerados, por Lyons (1977), *entidades de primeira ordem*. Indivíduos são assim considerados porque são concretos, podem ser vistos e tocados, podem ser localizados no tempo e no espaço e podem ser avaliados em termos de sua existência.

Os Estados-de-coisas são chamados de *entidades de segunda ordem*, porque podem ser localizados no espaço e no tempo e avaliados em termos de sua realidade.

Já os Conteúdos Proposicionais são chamados de *entidades de terceira ordem*,

porque não podem ser localizados no tempo ou no espaço, já que seu conteúdo pode apenas ser avaliado em termos de sua verdade ou falsidade.

O quadro abaixo resume as categorias e subcategorias semânticas distinguidas conforme a GDF:

Quadro 1: Categorias semânticas (adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 136)

Descrição	Variável	Exemplo
Propriedade	f	Cor
Indivíduo	x	Cadeira
Estado-de-coisas	e	Encontro
Conteúdo Proposicional	p	Ideia
Lugar	l	Topo
Tempo	t	Semana
Episódio	ep	Incidente
Modo	m	Maneira
Razão	r	Razão
Quantidade	q	Litro

Dentro de um Estado-de-coisas, os participantes podem desempenhar papéis semânticos distintos. Na literatura, muitas funções semânticas foram distinguidas, incluindo agente, experimentador, força, paciente, tema, receptor, beneficiário, instrumento, possuidor, localização, direção, fonte e caminho. No entanto, a GDF não assume que todas essas funções sejam relevantes para todas as línguas; ou seja, essas funções semânticas específicas não são universalmente válidas. Em vez disso, na GDF, propõem-se três funções semânticas (ou macro-papéis) (cf. FOLEY; VAN VALIN, 1984 apud HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 195):

- *Ativo* (incluindo *agente, força*): O participante desempenha um papel ativo no Estado-de-coisas designado.
- *Inativo* (incluindo *paciente, tema, experimentador*): O participante desempenha um papel passivo no Estado-de-coisas designado.
- *Locativo*: incluindo *destinatário, beneficiário, direção, fonte, caminho, possuidor*).

Cada uma das camadas do Nível Representacional também pode ser modificada por seus respectivos operadores e modificadores cuja seleção precede a seleção do núcleo, uma vez que operadores e modificadores escopam seus núcleos sendo, portanto, hierarquicamente mais altos.

Em suma, no Nível Representacional, é possível distinguir as seguintes categorias semânticas:

$$(p_1:[(ep_1:[e_1:[(f_1:[(f_2)_n(x_1)_{[\varphi]}...(x_{1+n})_{[\varphi]}](f_1))...(f_{1+n})(e_1)_{[\varphi]}])...(e_{1+n})_{[\varphi]}](ep_1))...(ep_{1+n})_{[\varphi]}](p_1))$$

Mostramos, na seção que segue, as principais características do primeiro Nível do processo de Codificação, o Morfossintático.

1.1.2.3 O Nível Morfossintático

No Nível Morfossintático, codificam-se as distinções interpessoais e representacionais. A GDF não diferencia o nível sintático e o nível morfológico de análise, por isso, aceita a denominação Morfossintático para referir-se ao domínio que cuida dos aspectos estruturais de uma unidade linguística.

A maior unidade de análise deste nível é a Expressão Linguística (Le_1), que normalmente contém uma ou mais Orações (Cl_1), mas também pode conter um ou mais Sintagmas (Xp_1) e Palavras (Xw_1).

A segunda camada do Nível Morfossintático é a Oração, que consiste em uma combinação sequenciada de Palavras, Sintagmas e/ou outras Orações (encaixadas). A Oração é a camada na qual as funções sintáticas são atribuídas. Para línguas como o inglês, duas funções morfossintáticas são relevantes: Sujeito e Objeto. Keizer (2015) afirma que a designação de Sujeito e Objeto não é um fenômeno universal. Por essa razão, a GDF distingue três tipos de alinhamento: interpessoal, representacional e morfossintático. No caso de línguas como o espanhol, português e inglês, pode-se dizer que são línguas com *alinhamento morfossintático*, porque a forma e a posição dos constituintes oracionais centrais são determinadas por dois fatores: a atribuição de funções sintáticas e a complexidade dos constituintes.

O alinhamento morfossintático não reflete as intenções comunicativas de um Falante. Em vez disso, ele é determinado por características autônomas do Nível

Morfossintático, que podem facilitar a produção e a compreensão sem levar qualquer significado pragmático ou semântico.

O espanhol, o português, e o inglês, por exemplo, fazem uso do sistema de alinhamento nominativo-acusativo. Com relação à complexidade dos constituintes, Keizer (2015) afirma que o inglês é caracterizado pela “tendência de que os elementos longos e complexos sejam colocados no final de uma Oração” (cf. DIK, 1997a; QUIRK et al., 1985).

A terceira camada no Nível Morfossintático é a do Sintagma, que consiste na combinação sequenciada de Palavras, Sintagmas e Orações encaixadas. Na camada do Sintagma, uma distinção é feita entre Sintagmas Nominais (Np_1), Sintagmas Verbais (Vp_1), Sintagmas Adjetivais (Ap_1), Sintagmas Adverbiais ($Advp_1$) e Sintagmas Adposicionais ($Adpp_1$).

A camada da Palavra é a mais baixa do Nível Morfossintático. As Palavras podem ser simples – constituindo um único morfema – ou complexas – consistindo em mais de um morfema. A GDF distingue Palavras Gramaticais (Gw_1) – tais como artigos, auxiliares, conjunções – que nunca são núcleos de Sintagmas, de Palavras Lexicais (Lw_1), que constituem o núcleo dos Sintagmas. As Palavras Gramaticais podem ser parte de um Sintagma (artigos) ou de uma Oração (conjunções). É importante ressaltar que, diferente de teorias que propõem um contínuo para categorização, a GDF distingue as categorias gramaticais das lexicais.

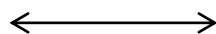
Ademais, a GDF distingue Palavras de Lexemas, já que as primeiras atuam no Nível Morfossintático e as segundas atuam no Nível Representacional. Uma única Palavra pode corresponder a vários Lexemas, por exemplo. Além disso, muitas Palavras não apresentam Lexemas correspondentes por serem Palavras Gramaticais, correspondendo a operadores ou funções no Nível Representacional ou Interpessoal.

O Nível Morfossintático é responsável por todas as propriedades lineares de uma unidade linguística, tanto no que diz respeito à estrutura das Orações e Sintagmas, quanto à estrutura interna das palavras. É nesse nível que os elementos são colocados na ordem em que são expressos. A ordenação dos elementos ocorre em etapas: primeiro, as unidades não essenciais dos Níveis Interpessoal e Representacional recebem uma posição na Oração e, em seguida, as unidades centrais ou nucleares.

Nos Níveis Interpessoal e Representacional, existe uma unidade que forma o núcleo desses níveis. No Nível Interpessoal, a unidade central é o núcleo configuracional do Conteúdo Comunicado, ou seja, os Subatos de Referência e

Atribuição que compõem a mensagem comunicada pelo Falante (o molde de conteúdo). No Nível Representacional, a unidade central é o núcleo configuracional do Estado-de-Coisas, ou seja, o predicado e seus argumentos, como os componentes básicos da situação extralinguística designada (o quadro de predicação). As partes centrais dos níveis da Formulação são representadas a seguir, conforme Keizer (2015):

$$(M_1: (A_1: [(F_1) (P_1)_s (P_2)_A (C_1: [... (T_1) (R_1)...]^C)]^A)^M)$$



Molde de conteúdo

Unidade central

$$(p_1: (ep_1: (e_1: [(f_1) (x_1) (x_2) ...]^e)^{ep})^p)$$



Molde de predicação

Unidade central

A distinção entre as partes central e não central, nas duas representações acima, é importante quando abordamos a ordenação de constituintes no Nível Morfossintático, já que a colocação de unidades não essenciais precede a colocação de unidades centrais.

Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem, então, que a ordenação de unidades não essenciais ocorre de uma maneira descendente, começando com a camada mais alta no Nível Interpessoal e terminando com a camada não central mais baixa no Nível Representacional. Além disso, dentro de cada camada, a ordenação procede de maneira interna, começando com a função da camada como um todo, seguida pela expressão de operadores e modificadores.

Os autores apresentam quatro posições básicas, para explicar a linearização dos constituintes: posição inicial P^I , P^2 , posição que segue a inicial, posição medial P^M e posição final P^F , além de outras posições derivadas dessas quatro. As duas posições periféricas (P^I e P^F), segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma Oração pode conter. Quando um elemento é colocado em qualquer uma dessas posições, novas posições relativas tornam-se disponíveis, como P^{I+n} , P^{2+n} , $P^{M+/-n}$ e P^{F-n} . As posições relativas (P^{I+n} , P^{2+n} , $P^{M+/-n}$ e P^{F-n}) só podem ser preenchidas quando a posição absoluta já estiver preenchida.

Há ainda as posições marginais, externas à Oração, para a inserção de constituintes extraoracionais, que fazem parte da Expressão Linguística, mas não da Oração propriamente dita. É possível, pois, distinguir a ordenação dos elementos nas camadas da Expressão Linguística e da Oração: a P^{pre} diz respeito à posição pré-oracional, P^{centro} , à posição da Oração, e P^{pos} , à posição pós-oracional, como se observa no quadro, a seguir, proposto por Keizer (2015), em que as barras (|) indicam os limites Oração:

Quadro 2: Posição dos constituintes nas camadas da Oração e da Expressão Linguística (KEIZER, 2015, p. 202).

Expressão Linguística	P^{pre}		P^{centro}		P^{pos}
Oração			$P^I P^M P^F$		

Tendo em vista que os diferentes domínios – da Expressão Linguística, da Oração e do Sintagma – dispõem de um núcleo, o ponto de orientação para outros constituintes em um mesmo domínio será esse constituinte central.

Ao contrário dos elementos não essenciais, cuja colocação ocorre de maneira descendente, o posicionamento das unidades centrais é determinado pelo alinhamento de determinada língua – no caso do espanhol, língua de alinhamento morfossintático, o posicionamento das unidades centrais se dá pela função sintática. Portanto, o alinhamento do Nível Morfossintático não reflete diretamente a organização dos Níveis Interpessoal e Representacional, apresentando sua própria organização em termos de funções sintáticas e em termos de complexidade de constituintes, já que os constituintes mais complexos tendem a se posicionar à direita dos menos complexos pelo princípio da complexidade crescente (cf. Dik, 1997a).

Como já observado, embora não seja possível sempre estabelecer uma relação direta entre as unidades dos níveis da formulação com os níveis da codificação, as diferentes línguas do mundo parecem ser regidas por uma série de princípios gerais que maximizam o paralelismo entre os níveis estabelecendo uma relação entre função (Formulação) e forma (Codificação):

- i. o *princípio da iconicidade*, que se caracteriza pela relação direta entre a ordem em que as unidades representacionais e interpessoais aparecem nos níveis de Formulação e a ordem linear na qual essas unidades são expressas, como, por

exemplo, *Acordei, tomei banho, tomei café e depois fui à escola;*

- ii. o *princípio da integridade do domínio*, que determina que as unidades de informação que pertencem aos Níveis Interpessoal e Representacional também são colocadas lado a lado no Nível Morfossintático;
- iii. e o *princípio da estabilidade funcional* que afirma que as unidades com certa especificação interpessoal ou representacional tendem a ser colocadas na mesma posição em relação uma à outra.

No entanto, se esses princípios fossem aplicados sem exceção, acabaríamos com uma relação direta entre unidades interpessoais, representacionais e morfossintáticas, o que tornaria o modelo da GDF e sua organização em níveis e camadas desnecessária. Como mencionado, embora as línguas possam exibir diferentes graus de transparência, não existem línguas totalmente transparentes. As línguas são, portanto, caracterizadas por incompatibilidades entre os níveis de análise, o que torna o modelo da GDF revelador para muitos fenômenos da linguagem que não podem ser explicados por apenas um ponto de vista.

Há processos que ocorrem no Nível Morfossintático que nos interessam, que podem ocorrer entre as Orações ou Sintagmas que compõem uma Expressão Linguística. Tais processos são chamados na GDF de *equiordenação*, *coordenação* e *cosubordinação*.

Na equiordenação, duas unidades do mesmo tipo – Oração ou Sintagma – são mutuamente dependentes umas das outras. Keizer (2015) apresenta os seguintes exemplos do inglês:

- (12) The longer it went on, the worse it got⁷.
(Le₁: [^{dep}(Cl₁) ^{dep}(Cl₂)]^{Le}) → Equiordenação oracional (KEIZER, 2015, p. 199).
- (13) The bigger, the better⁸.
(Le₁: [(Xp₁)(Xp₂)]^{Le}) → Equiordenação sintagmática (KEIZER, 2015, p. 199).

A coordenação, por sua vez, consiste na relação entre duas ou mais Orações de

⁷ Quanto mais tempo passava, pior ficava.

⁸ Quanto maior, melhor.

uma Expressão Linguística, em que cada uma pode ser usada independentemente:

- (14) Matthew bought two books *and* Mary bought a DVD⁹.
 (Le₁: [(Cl₁) (Gw₁) (Cl₂)]^{Le}) → Coordenação (KEIZER, 2015, p. 199).

É possível notar que, na representação da GDF, as Orações em coordenação aparecem linearmente unidas pela Palavra Gramatical *and*, que só aparece codificada no Nível Morfossintático.

Um tipo de construção similar à coordenação, de acordo com Keizer (2015, p. 199), é a Listagem, que consiste em Sintagmas coordenados, como ilustrado em (15):

- (15) (What did Matthew buy?) *A book, two DVDs and some magazines*¹⁰.
 (Le₁: [(Xp₁) (Xpl_{n-1}) (Gw₁) (Xp_n)]^{Le}) → Listagem (KEIZER, 2015, p. 199).

Já na cossubordinação, duas Orações se combinam, mas apenas uma das Orações pode ser usada independentemente, e a outra não. Keizer (2015) apresenta outro fenômeno semelhante à cossubordinação, a extraoracionalidade. A extraoracionalidade se caracteriza pela combinação de um Sintagma Nominal e uma Oração, podendo a Oração, mas não o Sintagma Nominal ser usada independentemente:

- (16) As for the Beatles being boring, you should read Lennon's biography...¹¹
 (Le₁: [^{dep} (Cl₁) (Cl₂)]^{Le}) → Cossubordinação (KEIZER, 2015, p. 200).
 (17) As for the Beatles, I think they are rather boring¹².
 (Le₁: [(Xp₁) (Cl₁)]^{Le}) → Extraoracionalidade (KEIZER, 2015, p. 200).

Em suma, tem-se como representação do Nível Morfossintático:

$$(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2): [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_{\{_\}} (Cl_2)_{\{_\}}] (Cl_1))]) \\ (Le_1))$$

O Nível Morfossintático também funciona como entrada para o Nível Fonológico, onde os vários elementos lexicais e gramaticais recebem sua representação fonológica.

⁹ Matthew comprou dois livros e Mary comprou um DVD.

¹⁰ (O que Matthew comprou?) Um livro, dois DVDs e algumas revistas.

¹¹ Quanto aos Beatles serem chatos, você deve ler a biografia de Lennon.

¹² Quanto aos Beatles, acho que eles são bem chatos.

1.1.2.4 O Nível Fonológico

O Nível Fonológico pode receber sua contribuição dos outros três níveis, embora não necessariamente de todos os três. Distinções feitas no Nível Interpessoal, por exemplo, podem ser expressas diretamente no Nível Fonológico, como interjeições, que são unidades sem conteúdo semântico e estrutura morfossintática, mas com uma intenção comunicativa.

O primeiro conjunto de primitivos relevantes no Nível Fonológico são os padrões fonológicos que organizam a informação fonológica vinda de níveis superiores em blocos coerentes. O segundo conjunto de primitivos consiste em formas supletivas (formas irregulares de verbos, substantivos ou adjetivos) que expressam informações gramaticais acionadas por operadores nos níveis mais altos de organização (por exemplo, tempo, número ou comparativo). O terceiro conjunto de primitivos que é relevante neste nível consiste em operadores terciários, que terão seu efeito final (por exemplo, entonação crescente ou decrescente) no Componente de Saída.

Como os níveis mais altos de representação, o Nível Fonológico é hierarquicamente organizado: no topo há o Enunciado (U_1), que consiste em um ou mais Sintagmas Entonacionais (IP_1), que por sua vez consistem em uma ou mais Sintagmas Fonológicas (PP_1). Cada Sintagma Fonológico consiste (tipicamente) de uma ou mais Palavras fonológicas (PW_1), que podem ser analisadas em Pés (F_1) e Sílabas (S_1). Tem-se, portanto, a seguinte representação do Nível Fonológico:

$$(U_1): [(IP_1: [PP_1: [(PW_1: [F_1: [(S^N)] (F_1)]] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

Como se observa, a GDF é uma teoria que apresenta como objetivo descrever e, na medida do possível, explicar as propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) do Ato Discursivo a partir da perspectiva funcional. Com isso, entendemos que essa teoria permite alcançar os objetivos desta investigação.

No Capítulo 2, apresentamos a revisão bibliográfica sobre a estrutura *QU-quiera que sea*, a fim de mostrar diferentes pontos de vista investigativos no tratamento dessa construção.

CAPÍTULO 2

A ESTRUTURA QU-QUIERA QUE SEA NA LITERATURA

De acordo com a tradição linguística, os pronomes *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera*, e *dondequiera* constituem o paradigma dos pronomes indefinidos no espanhol atual. Conforme a Real Academia Española (doravante RAE) (2010), a esses pronomes atribui-se a classificação como *relativos não específicos*, ou ainda como *quantificadores indefinidos*¹.

Segundo Brucart (1999), tais pronomes indefinidos requerem o complementizador *que*, ao introduzir uma oração subordinada, como se observa nos exemplos adaptados do autor e as respectivas traduções ao português de (1) a (4):

- (1) *Cualquiera **que** sea la persona* habría hecho mejor (BRUCART, 1999, p. 516).
*Qualquer **que** seja a pessoa* teria feito melhor.
- (2) *Quienquiera **que** sea* lo hallará desproporcionado (BRUCART, 1999, p. 516).
*Quem **quer que** seja* vai achar isso desproporcional.
- (3) *Comoquiera **que** sea*, lo localizaremos (BRUCART, 1999, p. 516).
*Como **quer que** seja*, localizaremos ele.
- (4) *Dondequiera **que** sea*, le deseo la mejor suerte (BRUCART, 1999, p. 516).
*Onde **quer que** seja*, te desejo a maior sorte.

A supressão do complementizador *que*, conforme Brucart (1999), nas orações anteriores, resulta em sequências agramaticais. O gramático apresenta ainda algumas restrições formais dos pronomes indefinidos e afirma que o nexos *que* não pode ser precedido de preposição, como atesta (5) a seguir:

- (5) **Quienquiera con que sea*, te sentirás a gusto (Adaptado de Brucart, 1999, p. 516).
Quem **quer com que seja*, você vai se sentir à vontade.

O que pode ocorrer, no entanto, é a preposição correspondente ao regime da oração subordinada aparecer anteposta ao pronome indefinido, ou seja, antes de toda a

¹ Conforme a RAE (2010), a forma verbal *quiera* está gramaticalizada a esses compostos, e não admite flexão de número e carece de outras características verbais, a não ser quando se usa *quiera* como verbo pleno, em estruturas como: *Que vaya donde quiera* (RAE, 2010, p. 425). No entanto, de acordo com a gramática, no espanhol atual, não se escreve *quiera* separado dos relativos compostos.

estrutura *QU-quiera que sea*, como comprovado em (6), em que se observa a preposição *con* anteposta ao indefinido *quienquiera*:

- (6) *Con quienquiera que sea* te sentirás a gusto (adaptado de Brucart, 1999, p. 516).
Com quem quer que seja você vai se sentir a vontade.

Em (6), a presença da preposição *con* responde à seleção do predicado da oração principal *sentirse a gusto con X*. Segundo o autor, os fenômenos anteriores - (i) a obrigatoriedade da subordinada, (ii) a exclusividade de *que* como nexos introdutor e (iii) a colocação da preposição antes do “suposto antecedente” *quienquiera* - revelam que o nexo *que* que ocorre nessas orações tem estatuto de conjunção completiva, resultado da seleção argumental do verbo *querer*, gramaticalizado ao pronome indefinido, e o relativo *quien* que encabeça o composto corresponde a um argumento (sujeito ou objeto) selecionado pelo predicado da subordinada.

De acordo com o autor, (6) configura uma estrutura *relativa complexa*, com a única particularidade de que o nexo relativo que deve encabeçá-la afixa-se à forma verbal no subjuntivo para constituir um composto. Como afirma Brucart (1999), o valor de *quiera* nessas construções é o de marcador de inespecificidade, embora o esquema originário da oração subordinada corresponda à seleção de tal predicado, por isso a relativa deve apresentar o verbo no subjuntivo².

Comparando-se aos demais relativos indefinidos, o autor atesta que *cualquiera*³ manifesta um comportamento mais independente, pois pode aparecer como determinante ou modificador de um núcleo nominal léxico ou implícito, como se vê nos exemplos de (7) a (9):

- (7) Dáselo a *cualquier estudiante* (BRUCART, 1999, p. 516).
 Dê isso para *qualquer aluno*.
- (8) Dáselo a un *estudiante cualquiera* (BRUCART, 1999, p. 516).
 Dê isso para *um aluno qualquer*.
- (9) Dáselo a *cualquiera* (BRUCART, 1999, p. 516).
 Dê isso para *qualquer um*.

² Apesar de esses pronomes indefinidos poderem encabeçar orações com diferentes verbos no subjuntivo, esta pesquisa se restringe a análise de orações introduzidas pelos pronomes indefinidos com o verbo cópula *ser* no subjuntivo.

³ Tal pronome, por já estar mais gramaticalizado, também pode ser utilizado em sua forma apocopada (quando há supressão de letras ou até sílabas): *cualquier*, sem a vogal temática *a*.

Além disso, o pronome indefinido *cualquiera* não apresenta restrições que caracterizam os demais indefinidos compostos, pois pode aparecer sem oração subordinada introduzida pelo complementizador *que* (cf. 10), mas também admite relativas encabeçadas por outros nexos, sendo que, nesses casos, a preposição retoma o nexo, não o sintagma indefinido (cf. 11):

- (10) *Cualquiera* lo hubiera hecho mejor (BRUCART, 1999, p. 516).
Qualquer um teria feito melhor.
- (11) *Cualquier persona* con *la que hables* te confirmará este extremo (BRUCART, 1999, p. 516).
Qualquer pessoa com *quem você conversar* confirmará isso.

De acordo com Haspelmath (2001), com base nas perspectivas tipológica e diacrônica, diferentes construções deram origem aos pronomes indefinidos em distintas línguas europeias. O autor considera que, nas línguas de origem latina, os pronomes indefinidos tiveram como principal base verbos volitivos, tais como *querer* ou *agradar*. No quadro que segue, ilustram-se alguns exemplos desses pronomes, em algumas das diferentes línguas analisadas pelo autor.

Quadro 3: Os pronomes indefinidos do tipo *querer/agradar* (adaptado de Haspelmath, 2001, p. 134).

Língua	Pronome indefinido	Construção fonte
Latim	Qui-vis	Vis <i>querer</i>
	Qui-libet	Libet <i>agradar</i>
Espanhol	Cualquiera	Quiera <i>querer</i>
Italiano	Qualsivoglia	Voglia <i>querer</i>
Português	Qualquer	<i>querer</i>

O autor propõe que, para esses pronomes indefinidos, a fonte de construção apresentada em (12a, 12b, 12c), a seguir, ilustra o ponto de partida do processo de gramaticalização:

- (12a) Você pode levar *qual* *você quiser* [levar]⁴.
 (12b) Você pode levar *qual* *quiser*.

⁴ Cf. original: *You may take what you want* (to take).

(12c) Você pode levar *qualquer* (um) (Traduzido de Haspelmath, 2001, p. 134).

Segundo Haspelmath (2001), o predicado *qual você quiser*, em (12a), é uma oração relativa livre que serve como argumento da oração principal, no caso, objeto do verbo *levar*. De acordo com o autor, esta fonte de construção não requereu qualquer reestruturação sintática antes de ter sido transformada em um marcador gramatical, já que a construção original consiste em uma oração subordinada. Verifica-se, na literatura, que orações relativas livres, tais como, *qual você quiser*, em (12a), tenham dado origem aos pronomes indefinidos do tipo *QU-quiera*.

Haspelmath (2001), além de observar a estreita relação entre os pronomes indefinidos e as orações relativas livres, analisa que, em diferentes línguas, as *orações concessivo-condicionais* (cf. 13), consideradas menos encaixadas sintaticamente, teriam dado origem a estruturas mais encaixadas⁵, denominadas *orações relativas livres* (cf. 14), por meio do processo de gramaticalização de orações. O autor atesta que muitos pronomes indefinidos, em tais línguas, contêm um elemento que remonta à forma do verbo *to be*. No caso do inglês, o autor mostra que a estrutura fonte para alguns pronomes indefinidos é inicialmente uma oração concessivo-condicional, que se gramaticaliza em uma oração relativa livre, para então, dar origem aos pronomes em si, como mostra (13) e seus desdobramentos em (14) e (15):

(13) You can take something, *whatever (it may be)* (HASPELMATH, 2001, p. 136).
Você pode levar alguma coisa, *qualquer (que seja)*.

(14) You can take *whatever (it may be)* (HASPELMATH, 2001, p. 136).
Você pode levar *qualquer (que seja)*.

(15) You can take *whatever* (HASPELMATH, 2001, p. 136).
Você pode levar *qualquer (um)*.

Segundo o autor, as características estruturais típicas de orações concessivo-condicionais se refletem nos pronomes indefinidos em muitas línguas analisadas. Da perspectiva da gramaticalização⁶, diferentes autores atestam que, ao invés de os pronomes indefinidos serem primários à expressão do sentido concessivo-condicional, as orações concessivo-condicionais e relativas livres deram origem a tais pronomes.

⁵ Utilizamos o termo *encaixamento* (ao falar de subordinação de orações) conforme o termo do inglês *embedment* utilizado pelos autores aqui citados.

⁶ Para mais detalhes sobre essa perspectiva, ver Haspelmath (2001), Company (2009) e Leuschner (2007).

Nossa investigação, no entanto, não tem como escopo a gramaticalização de tais pronomes. Buscamos desvendar os funcionamentos pragmáticos e semânticos desses pronomes, de acordo com a teoria da GDF, quando introduzem uma oração subordinada com o verbo *ser* no subjuntivo.

2.1 O rol das relativas livres

As orações relativas livres são geralmente analisadas como estruturas cujo relativizador foi fundido com o antecedente, ou seja, o antecedente não aparece explícito tal como nas orações relativas comuns. Os exemplos mostram a distinção entre uma oração com antecedente explícito (cf. 16), e uma oração relativa livre (cf. 17), no espanhol:

- (16) *La persona que dice esto miente* (BRUCART, 1999, p. 449).
A pessoa que diz isto mente.
- (17) *Quien dice esto está mintiendo* (BRUCART, 1999, p. 449).
 Quem diz isto está mentindo.

De acordo com Brucart (1999), o núcleo elíptico da oração relativa livre carrega as características do *pronome* ou do *advérbio* relativo. Uma relativa livre, portanto, se enquadra como subtipo das relativas comuns porque pode ser parafraseada por tais orações. Podem-se parafrasear os *pronomes relativos* por sintagmas nominais, por exemplo, o pronome indefinido *quien* pode ser parafraseado pelo sintagma nominal *la persona que*⁷.

Qualquer sintagma nominal com núcleo léxico pode ser trocado por uma relativa livre sempre que o pronome relativo que a encabeça for capaz de identificar as características do antecedente vazio.

Os *advérbios relativos* também apresentam características que permitem identificar o antecedente: *donde* se refere a um lugar e *como* expressa modo ou maneira, e podem ser parafraseados pelos seguintes sintagmas preposicionados: *en el lugar en*

⁷ O semanticista Caponigro (2003) afirma que sentenças do espanhol iniciadas por *lo que* (o que) não são relativas livres por não terem um pronome relativo, mas relativas com núcleo (lo = núcleo nominal; que = complementizador):

(i) [Lo que Pedro vió] fue increíble. (CAPONIGRO, 2003, p. 19)
 [O que Pedro viu] foi incrível.

que (em português: *no lugar em que*) e *de modo que* (em português: *de modo que, da forma que*).

Conforme Brucart (1999), o conteúdo do antecedente está tão delimitado lexicalmente que, na maior parte das ocasiões, aparece elíptico, por isso as relativas livres são o tipo de construção mais frequente desses advérbios relativos. Com relação às funções gramaticais que os advérbios *donde* e *como* desempenham no núcleo da oração principal, pode-se dizer que são de caráter circunstancial - adjunto adverbial ou complemento oblíquo de verbo - tal como corresponde a sua natureza locativa e modal. O autor apresenta os seguintes exemplos dos advérbios relativos introduzindo adjuntos circunstanciais com relação à oração principal:

- (18) Encontraron petróleo *donde menos se lo esperaban* (BRUCART, 1999, p. 450).
Encontraram petróleo *onde menos esperavam*.
- (19) Lo hará *como pueda* (BRUCART, 1999, p. 450).
Fará *como puder*.

O predomínio da função de adjunto circunstancial desses sintagmas que contêm relativas livres encabeçadas por um advérbio relativo levou muitos gramáticos a considerar que essas construções são de natureza adverbial⁸.

O fato de que os mesmos advérbios possam aparecer em construções com antecedente explícito – *el modo como lo hizo, el lugar donde lo dejó* – endossa a ideia de que a única particularidade das orações relativas livres reside na frequente omissão do antecedente.

Devido à íntima relação semântica entre o advérbio relativo que encabeça a relativa livre e o antecedente implícito, muitos linguistas consideram que o antecedente está incluído no próprio advérbio relativo, que, deste modo, cumpriria uma função tripla: antecedente, nexos de subordinação e adjunto da oração relativa. Não faz parte do escopo desta pesquisa, no entanto, problematizar a função desses advérbios relativos introduzindo orações relativas livres comuns.

Por isso, tendo apresentado as principais características que distinguem uma oração relativa comum de uma oração relativa livre, abordamos, na próxima seção, as

⁸ Alcina e Blecua (1974) reservam a denominação “subordinada adverbial” para os casos de relativas livres que desempenham tal função ou para as relativas que modificam um antecedente deste mesmo valor. Alarcos Llorach (1994) limita a denominação de *adverbiais* às relativas livres de caráter locativo, temporal e modal.

principais características das orações denominadas relativas livres não específicas, que são construídas pelos pronomes indefinidos do tipo *QU-quiera*.

2.2 As orações relativas livres não específicas na literatura

Além de Haspelmath (2001), Keizer (2016) e Leuschner (2007) reconhecem, no rol das relativas livres não específicas, as estruturas do inglês, *WH-ever*, que podem ser relacionadas às construções do tipo *QU-quiera que sea*, no espanhol.

Haspelmath (2001) explica que uma oração relativa livre é uma oração relativa que não modifica um sintagma nominal, mas constitui um sintagma nominal em si. Orações relativas livres não específicas – também chamadas de *orações relativas livres generalizadoras* – são semanticamente não específicas e apenas elas permitem o uso do pronome indefinido. Diferentemente de uma oração *relativa livre específica* (cf. 20a), que é introduzida pelo pronome relativo comum, a *oração relativa livre não específica* (cf. 20b) é necessariamente introduzida pelo pronome indefinido. Tais distinções podem ser observadas em (20a) e (20b), respectivamente:

(20a) *What he says* is nonsense (LEUSCHNER, 2007, p. 88).
O que ele diz é sem sentido.

(20b) *Whatever he says* is nonsense (LEUSCHNER, 2007, p. 88).
O que quer que ele diga é sem sentido.

Em (20a), nota-se que o falante evoca uma entidade específica ao dizer *o que ela diz é sem sentido*. Diferentemente, em (20b), o pronome relativo *whatever* (*o que quer que*) é tido como não específico, porque evoca um universo de possibilidades para o que *what* (*o que*) representa. A leitura que se tem é que *não importa o que ela diga, não tem sentido*. Enquanto (20a) pode ser parafraseado por uma relativa com antecedente específico, *a coisa que ela diz é sem sentido*, (20b) pode apenas ser parafraseado por uma relativa com antecedente não específico, como *qualquer coisa que ela diga é sem sentido*. Nota-se nas paráfrases que, em português, o verbo das relativas livres não específicas é sempre marcado pelo modo *irrealis*, devido ao caráter generalizador que expressa.

Trotta (2000) se refere aos casos representados por (20a) como *relativas livres definidas* e aos casos representados por (20b) como *relativas livres indefinidas*. No

entanto, Leuschner (2007) afirma que o termo *(in)definido* é problemático, pois ambas as versões são indefinidas no sentido de que não identificam qualquer instanciamento para X no esquema proposicional:

- (21) Ele diz X.
X é sem sentido.

Por essa razão, Leuschner (2007) considera que chamá-las de construções *(in)específicas* seja mais adequado.

Segundo Keizer (2016), já da perspectiva discursivo-funcional, as orações relativas livres têm como principal característica o compartilhamento de um elemento tanto semântica (em termos da entidade designada) quanto morfossintaticamente (em termos da forma usada para expressar esta entidade) na oração principal e na oração subordinada:

- (22a) I ate *what she cooked* (KEIZER, 2016, p. 3).
Eu comi o *que ela cozinhou*.

Em (22a), a entidade referida pela oração relativa livre específica *what she cooked* (o *que ela cozinhou*) funciona como argumento (objeto) tanto do verbo *to eat* (comer) na oração principal como do verbo *to cook* (cozinhar) na oração encaixada, no entanto, essa entidade é expressa apenas uma vez, por meio da relativa livre como um todo.

Keizer (2016) apresenta algumas restrições com relação às relativas livres. A primeira restrição é de natureza semântica: uma vez que a entidade designada pela relativa livre é um argumento tanto da oração principal como da oração encaixada, deve cumprir com as restrições de ambos os verbos. Construções como *Eu comi o que você disse* seria, pois, considerada anômala nessa perspectiva.

Um ponto a se observar é que a oração relativa livre específica pode ser argumento de um verbo no pretérito do *modo indicativo* (verbo na forma *realis*), conforme o exemplo (22a), acima. No entanto, uma oração relativa livre não específica não pode ser argumento de um verbo no passado, devido ao caráter *irrealis* que expressa (cf. 22b):

- (22b) *I ate *whatever she cooked*.
 *Eu comi o *que quer que ela cozinhou/cozinhe*.

- (22c) I will eat *whatever she cooks*.
 Eu vou comer o *que quer que ela cozinhe*.

Nota-se que a oração relativa livre não específica tem a característica de ser argumento de verbos que também expressam conteúdos não-factuais, marcados, geralmente, pelo verbo no tempo futuro (*vou comer/comerei*), como no exemplo (22c).

Ainda com relação às restrições das relativas livres, Keizer (2016) afirma que deve ser atribuído o mesmo caso aos dois argumentos das orações envolvidas, como se observa em (23) e (24):

- (23) *Whoever loves you must be mad* (Nominativo – Nominativo → Quem) (KEIZER, 2016, p. 3).
Quem quer que te ame deve ser louco.
- (24) I hate *who(m)ever you love* (Acusativo – Acusativo → (A) quem) (KEIZER, 2016, p. 3).
 Eu odeio *quem quer que você ame*.

Verifica-se que, em (23), o pronome *who (quem)* exerce função de sujeito em ambas as orações: *X loves you (X ama você)* e *X must be mad (X deve ser louco)*. Em (24), o mesmo pronome exerce função de objeto também nas duas orações envolvidas: *I hate X (eu odeio X)*, e *you love X (você ama X)*.

A terceira restrição apresentada pela autora diz respeito ao fato de que o elemento compartilhado deve preencher as restrições de seleção categorial de ambos os verbos (ou predicados) da oração principal e da oração encaixada. Vejamos:

- (25) The police will arrest *whoever the witness identifies* (SN – SN) (Adaptado de Keizer, 2016, p. 4).
 A polícia prenderá *quem quer que a testemunha tenha identificado*.
- (26) *The police will arrest *whoever the witness points* (SN – SP) (Adaptado de Keizer, 2016, p. 4).
 *A polícia prenderá *quem quer que a testemunha tenha apontado*.

Em (25), ambos os verbos *to arrest (prender)* e *to identify (identificar)* requerem sintagmas nominais como complemento, e esse complemento pode, portanto, ser compartilhado pelas orações principal e encaixada. Por outro lado, (26), para a autora,

torna-se anômala, porque o verbo *to point* (apontar), no inglês, seleciona um sintagma preposicionado como argumento, diferentemente do verbo da oração principal *to arrest* (*prender*) que seleciona um sintagma nominal.

Conforme Keizer (2016), da perspectiva da GDF, o compartilhamento de elementos numa relativa livre reflete o nível semântico por meio de variáveis coindexadas representando a entidade designada. Os requerimentos formais – caso e correlação categórica – se dão no nível morfossintático. Retomando o exemplo (22a), a autora propõe a seguinte representação formal da relativa livre específica *what you cooked*, de acordo com a GDF:

- (27) (I ate) *what you cooked*.
 NI: ...(+s R₁: [(T₁) (R₂)] (R₁))...
 NR: ... (x₁: (past ep₁: (e₁: (f₁: [(f₂: cook) (x₂)_A (x₁)_U] (f₁)) (e₁)) (ep₁)) (x₁))_U
 NM: ... (Cl₁: ([Np₁: what (Np₁)) (Np₂: you (Np₂)) (Vw₁ (cooked (Vw₁))]) (Cl₁))_{Obj} (KEIZER, 2016, p. 5).

Em (27), no Nível Interpessoal, a relativa livre é representada por um Subato Referencial específico (+s R₁) que contém outros dois Subatos: um Atributivo (T₁) evocando a propriedade de *cook* (cozinhar) e um segundo Referencial (R₂) evocando o referente do pronome *you* (você). No Nível Representacional, a entidade evocada no Nível Interpessoal pelo Subato Referencial (R₁) é representada duas vezes, como argumento Inativo do verbo *eat* no Estado-de-Coisas principal, e como argumento Inativo do verbo *cook* no Estado-de-Coisas encaixado (e₁). O fato de esses dois argumentos representarem a mesma entidade é refletido na coindexação da variável representando esta entidade (x₁). *What* é apresentado no Nível Representacional como um Indivíduo (x₁) representando que a relativa livre é encabeçada por um Episódio (ep₁), a camada na qual o tempo absoluto é especificado.

Tal característica desencadeia a realização da relativa livre como uma oração finita (Cl₁) no Nível Morfossintático. A presença de um único Subato Referencial no Nível Interpessoal (R₁) correspondente a duas unidades coindexadas no Nível Representacional (x₂) leva a uma única realização dessas unidades no Nível Morfossintático.

Diferentemente, no exemplo que segue, Keizer (2016) apresenta a formalização de uma oração relativa livre não específica com o pronome relativo *QU-ever*:

- (28) (I will live in) *whatever town you will live*.
 (Vou morar) *em qualquer cidade que você more*.
 NI: ...(-s R₁: [(T₁) (R₂)] (R₁))...
 NR: ... (I₁: [f₁: in (f₁)] (x₁: (pres ep₁: (cert e₁: (f₂: [(f₃: live (f₃)) (x₂)_A (I₁)] (f₂)) (e₁)) (ep₁)) (x₁))_{Ref}] (I₁)) (KEIZER, 2016, p. 7).

Em (28), no Nível Interpessoal, a relativa livre é representada como um Subato Referencial não específico (-s R₂) devido à partícula *ever*. No Nível Representacional, um Indivíduo (x₁) (*town*) é compartilhado pela oração principal e pela encaixada. Neste exemplo, o elemento compartilhado é um Lugar (I₁) funcionando como argumento preposicional do verbo *live* (f₃). Nesse caso, a preposição *in* é parte da categoria semântica Lugar compartilhada, e não é expressa dentro da oração relativa livre.

Observamos que as orações relativas livres não específicas que se constroem em torno de verbos **diferentes** do verbo *ser* no subjuntivo tendem a apresentar-se como argumentos de predicado, conforme os exemplos anteriores de Keizer (2016), como em *I will live in whatever town you live*, *whoever loves you must be mad*. Dessa forma, os exemplos prototípicos de relativas livres parecem apresentar uma maior dependência semântica e sintática com a oração à qual se subordinam.

No entanto, os casos que aqui buscamos investigar, no espanhol, parecem se comportar pragmática e semanticamente de maneira distinta. Vejamos:

- (29) Pueden concurrir a este certamen todos los escritores, *cualquiera que sea su nacionalidad*, siempre que presenten su obra escrita en castellano (Espanha, 1986, Literatura).

Podem concorrer nesse concurso todos os escritores, *qualquer que seja sua nacionalidade*, sempre que apresentem sua obra escrita em castelhano.

- (30) La presidencia holandesa de la UE baraja la idea de convocar, a finales de mayo, una 'cumbre' especial de los líderes europeos para recibir al nuevo primer ministro británico, *'quienquiera que sea'*, comentó a la prensa el secretario de Estado español de Política Exterior y para las Relaciones con la Unión Europea, Ramón de Miguel (Venezuela, 1996, Política).

A presidência holandesa da União Europeia rejeita a ideia de convocar, no final de maio, uma "cúpula especial" de líderes europeus para receber o novo primeiro-ministro britânico, *"quem quer que seja"*, disse à imprensa a secretária de Estado espanhola. Política Externa e Relações com a União Europeia, Ramón de Miguel.

Averiguamos que o verbo *ser* no subjuntivo permite que as orações se formulem

de maneira menos dependente, sintaticamente, de outras orações, tendo uma atuação mais pragmática. Observa-se que em (29) *cualquiera que sea su nacionalidad* aparece como um comentário que esclarece para o leitor que o concurso estará aberto para todos os escritores, independentemente de sua nacionalidade. Em (30), igualmente, o falante apresenta a estrutura *quienquiera que sea* como uma explicação, um comentário que revela seu desconhecimento sobre quem seja o primeiro ministro. Então, o que o falante acrescenta é que o primeiro-ministro, independentemente de quem seja, seja bom ou ruim, não merece uma grande recepção dos líderes europeus.

Segundo Decat (2011), a ocorrência de construções adverbiais com contornos entonacionais separados, fenômeno ao qual ela chama de “desgarramento”, somente é possível em “orações que são opções de organização do discurso”, ou seja, nas orações não encaixadas (ou que não se constituem como argumentos), e ocorrem exatamente porque estas se configuram, cada uma por si, uma “unidade de informação” (CHAFE, 1984). Quanto à função discursiva das “estruturas desgarradas”, Decat (2011, p. 132) conclui que “o desgarramento [é] um recurso sintático que serve à estratégia de focalização, ao lado da topicalização e da clivagem”. Outros autores têm-se referido aos casos em que construções adverbiais aparecem como fragmentos de texto inseridos após uma pausa de final de frase (ou em contornos entonacionais separados) como “adendos”, termo traduzido do inglês *afterthoughts*. Chafe (1984) interpreta os satélites-adendos como uma evidência de que, no momento da elaboração do enunciado, o falante não planejou incluir um satélite, mas optou por inclui-lo em um momento posterior à elaboração.

Conforme visto, em resumo, os autores diferenciam as estruturas *QU-quiera que sea* mais dependentes das menos dependentes sintaticamente, colocando-as ora no rol das orações relativas livres não específicas ora no rol das orações concessivo-condicionais, sobre as quais tratamos a seguir.

2.3 A relação entre orações relativas livres não específicas e orações concessivo-condicionais

Leuschner (2007) sintetiza a relação entre *relativas livres específicas*, *relativas livres não específicas* e *concessivo-condicionais* com base em três parâmetros para o inglês: função sintática na oração principal, integração na oração principal, presença ou ausência de marcação de especificidade, conforme revela o quadro, a seguir:

Quadro 4: Relativas livres e construções relacionadas no inglês atual (Adaptado de LEUSHNER, 2007, p. 90, Tradução nossa).

	Relativas livres específicas	Relativas livres não específicas	Concessivo-condicionais
Relação sintática com a oração principal	Encaixamento (função de sujeito ou objeto da oração principal)		(Periféricas) Adjunção
Integração com a oração principal	+ dependência sintática		- dependência sintática
Marca de não especificidade	Não	Sim	

De acordo com esses parâmetros, as relativas livres específicas e não específicas são prototipicamente encaixadas na oração principal e bem integradas a ela, mas se diferenciam pela presença obrigatória de marcação de não especificidade nas relativas livres não específicas, pela partícula *ever*, no inglês, e *quiera*, no espanhol. As orações concessivo-condicionais compartilham a característica da marcação de não especificidade com as relativas livres não específicas, mas são frequentemente adjuntas e menos integradas à oração principal.

De acordo com o autor, a menor integração nas concessivo-condicionais é geralmente explicada como uma manifestação de iconicidade, por exemplo, como correlato formal do fato de que expressa condições que são irrelevantes para a situação descrita na oração e que esta última é, portanto, separadamente, assertiva, pelo menos em casos padrões. Leuschner (2007) afirma que, geralmente, essa não integração é reforçada pela pontuação, por meio de travessões ou dois-pontos, na língua escrita, indicando que a oração concessivo-condicional forma um grupo separado, adjunto, da oração principal.

O autor observa, no entanto, que as relativas livres não específicas de tempo, de modo e de lugar funcionam sempre como adjuntos, gerando uma leitura ambígua com as concessivo-condicionais, conforme se verifica nos exemplos (31a) a (31c) adaptados

de Leuschner (2007, p. 51):

- (31a) We have to eradicate it *wherever it may be* (Adaptado de Leuschner, 2007, p. 51).

Temos que erradicar isso *onde quer que seja*.

De acordo com os parâmetros do autor, essas orações podem levar a duas possíveis leituras que indicam maior ou menor encaixamento sintático, conforme (31b) que classifica a estrutura como uma relativa livre não específica, e (31c) como uma concessivo-condicional:

- (31b) We have to eradicate it *at every place where it may be* (Adaptado de Leuschner, 2007, p. 51).

Temos que erradicá-lo *em qualquer/em todo lugar que seja*.

- (31c) We have to eradicate it, *no matter where it may be* (Adaptado de Leuschner, 2007, p. 51).

Temos que erradicá-lo, *não importa onde seja*.

Leuschner (2007) defende que a diferença se deve à integração: a leitura da concessivo-condicional de (31c) é marcada por uma quebra de entonação mais forte do que a relativa livre não específica de (31b), o que pode ser representado por uma vírgula na modalidade escrita.

Observa-se que essa categorização reflete na terminologia de muitos gramáticos. Concessivo-condicionais são tratadas tipicamente em seções sobre orações relativas livres.

Leuschner (2007) esclarece que a relação de adjunção presente nas concessivo-condicionais difere das relativas livres que são argumentais pela relação que estabelecem com o verbo da oração principal. Para o autor, as concessivo-condicionais nunca são argumentos e não têm qualquer lacuna de informação compartilhada com a oração matriz, conforme os exemplos:

- (32) *O que quer que ela tenha dado para ele*, ele devorou.

Ela deu X. Ele devorou X⁹ (LEUSCHNER, 2007, p. 89).

- (33) *O que quer que ela tenha dado para ele*, ele resmungou.

Ela deu X para ele. Ele resmungou¹⁰ (LEUSCHNER, 2007, p. 89).

⁹ Cf. original: **Whatever she gave him**, he devoured.
She gave him X. He devoured X.

Segundo Leuschner (2007), (32) representa um caso de relativa livre, pois a oração *o que quer que ela tenha dado para ele* exerce função sintática de objeto com relação ao verbo da oração principal *devorar*. Há, pois, uma relação semântica entre os predicados *dar* e *devorar*. Por outro lado, para o autor, (33) deve ser considerada uma oração concessivo-condicional, pois não há nenhuma relação semântica de argumentalidade entre os predicados *resmungar* e *dar*.

Haspelmath e König (1998, p. 577) atestam que, em línguas como o alemão, a ordem pode mostrar se se trata de uma oração concessivo-condicional ou de uma relativa livre não específica. Nos casos em que a relativa livre não é um argumento, mas sim um adjunto, a distinção entre as duas categorias é exclusivamente expressa pela ordem das palavras. Em (34), por exemplo, apresenta-se uma relativa livre com função adverbial de lugar que pertence à oração principal. A relativa livre, portanto, ocupa a posição externa, anterior à oração principal:

- (34) **Wo immer du hingehst** *bist du steuerpflichtig.*
Where ever you go *are you taxable*
Wherever you go, you are liable to taxation.
Onde quer que você vá, você está sujeito à tributação (HASPELMATH;
 KÖNIG, 1998, p. 577).

A construção concessivo-condicional universal análoga, em oposição, não precede imediatamente o verbo finito e não é totalmente integrada à oração principal:

- (35) **Wo immer du hingehst,** *du bist (überall)*
Where ever you go *you are (everywhere)*
steuerpflichtig.
taxable.
Wherever you go, you are liable to taxation (everywhere)
Onde quer que você vá, você está sujeito à tributação (todo lugar)
 (HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 578).

A partir do estudo sobre concessivo-condicionais em diversas línguas europeias, Haspelmath e König (1998) fazem as seguintes considerações com base em dados tipológicos: (i) Relativas livres não específicas fazem uso dos pronomes-QU em todas as línguas europeias; (ii) sempre que uma língua usar um conjunto especial de

¹⁰Cf. original: **Whatever she gave him, he grumbled.**
 She gave him X. He grumbled.

pronomes-QU como pronomes relativos em orações relativas livres não específicas, esses pronomes são também usados nas orações concessivo-condicionais.

Os autores, bem como Leuschner (2007), afirmam que a possibilidade de expressar *condicionalidade* e *concessividade*, por meio de uma oração relativa, se deve ao fato de que ambos os tipos de oração são semanticamente não específicas.

2.4 O hibridismo semântico: as orações concessivo-condicionais na literatura

König (1985), em um estudo tipológico, mostra que as orações condicionais se diferenciam das orações concessivas porque não implicam nem o antecedente nem o consequente, enquanto as orações concessivas implicam as duas orações componentes. As orações denominadas *concessivo-condicionais* – ou *condicionais de irrelevância* – por sua vez, implicam apenas seu consequente. O autor distingue os três tipos de construções, da seguinte maneira:

a. Condicionais

Forma típica: se p, então q

Implicações: -

b. Concessivo-condicionais

Forma típica: independentemente das condições p, q

Implicações: q

c. Concessivas

Forma típica: apesar de p, q

Implicações: p, q

No esquema, observa-se que, nas construções condicionais de forma *se p, então q*, tanto o antecedente como o consequente não são implicados pela enunciação da construção, e, assim, tanto antecedente como consequente são hipotéticos. Já em construções concessivas de forma *embora p, q*, tanto o antecedente como o consequente são implicados pela enunciação da construção, e, assim, antecedente e consequente são, ambos, factuais.

Por outro lado, nas construções concessivo-condicionais, somente o consequente

q é implicado, ou seja, ao se enunciar *independentemente de p , q* , por exemplo, o antecedente é hipotético, e o consequente é factual.

Conforme Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999), no espanhol, as orações concessivo-condicionais podem ser diferenciadas em três diferentes grupos, devido a suas características formais: *alternativas*, *escalares* e *universais*.

As orações concessivo-condicionais *alternativas* ou *polares* obedecem ao esquema correlativo *tanto si 'p' como si no 'p'*, em que o falante apresenta duas possíveis alternativas que conduzem a uma mesma conclusão. São construções marcadas por disjuntores¹¹. Tem-se, pois, o seguinte exemplo:

- (36) *Tanto si jugó como si no jugó*, ha perdido todo lo que tenía (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3846).
Quer tenha jogado quer não tenha, perdeu tudo o que tinha.

Pode-se notar que, nesse exemplo, a oração subordinada apresenta uma correlação de duas situações contrárias para demonstrar que não importa qual das alternativas venha a ocorrer, nenhuma delas fará com que o conteúdo expresso na oração principal deixe de se realizar. Assim, em (36), ele pode ter jogado ou não na loteria, mas o que se concretizou é apresentado como factual: ele perdeu tudo o que tinha.

As orações *escalares*, diferentemente, configuram-se por meio de nexos escalares do tipo *incluso*, *aun* o *ni siquiera*, ou *aunque*¹² em alguns contextos. Flamenco García (1999) apresenta o seguinte exemplo:

- (37) *Incluso si hay temporal*, Antonio sale a pescar (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3843).
Mesmo se houver temporal, Antônio vai pescar.

Essas orações caracterizam-se por focalizarem o extremo de uma escala de condições, isto é, por introduzirem a situação menos provável de ocorrer ou a mais forte que poderia impedir a ocorrência do que se afirma na oração principal, mas não impede. Em (37), o argumento, apresentado pela partícula focalizadora *incluso* no espanhol,

¹¹ Flamenco García (1999, p. 3846) acrescenta que fórmulas correlativas ou reduplicativas do tipo *tanto si...como si...*; *ya...ya*; *bien...bien*; *ni que...ni* que também constituem estruturas condicionais concessivas alternativas.

¹² Para Haspelmath e König (1998, p. 589), o *aunque* condicional-concessivo se caracteriza pela presença do verbo no subjuntivo conforme se observa em **Aunque llueva**, salgo (*Embora chova*, saio), em comparação com o *aunque* concessivo factual em **Aunque llueve**, salgo (*Embora chove*, saio).

expressa que o temporal seria – dentro de uma escala pragmática – a condição menos favorável para que uma pessoa saia a pescar (cf. Fante, 2018¹³). Tais partículas focalizadoras reforçam o conteúdo factual da oração principal, pois se pressupõe que *Antonio sai para pescar* em quaisquer outras condições favoráveis ou não favoráveis, já que ele pescaria até mesmo com temporal.

Por fim, as orações *concessivo-condicionais universais* são aquelas introduzidas pelos pronomes indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* e *dondequiera*, os quais, segundo Flamenco Garcia (1999), expressam *livre escolha*.

Segundo Haspelmath e König (1998, p. 335), as *construções concessivo-condicionais universais* apresentam na oração subordinada mais de uma possibilidade de ocorrência, porém, ao contrário dos outros tipos, essas possibilidades não se restringem aos elementos disponíveis no universo discursivo, como vemos no exemplo (38a), e a leitura condicional que se desdobra da oração subordinada, conforme representa a paráfrase em (38b):

- (38a) Este chico siempre hará amistades, *dondequiera que sea* (Adaptado de Flamenco García, 1999, p. 3848).
Este menino sempre fará amizades, *onde quer que seja*.
- (38b) Este chico siempre hará amistades, *si va a la escuela, si va a la iglesia, si va a la cárcel* (em cualquier lugar) (Adaptado de Flamenco García, 1999, p. 3848).
Este menino sempre fará amizades, *se for à escola, se for à igreja, se for à prisão* (em qualquer lugar).

Conforme Flamenco García (1999), a particularidade dos quantificadores de livre escolha nas orações concessivo-condicionais universais como em (38a) é de não especificarem o antecedente. Para o enunciador, não é relevante especificar o conjunto de condições evocado pelo pronome indefinido *dondequiera*. Em (38b), apresenta-se uma infinidade de lugares a que *este menino* possa ir, no entanto o que se constata é que **independentemente** de qual lugar ele vá, nenhuma dessas opções impedirá que se realize o evento da oração principal, ou seja, *o menino sempre fará amizades*. Por esse motivo, atribui-se a tais construções um caráter *generalizador*, devido ao valor dos pronomes indefinidos que introduzem essas orações.

¹³ Em estudos sobre as escalares introduzidas por *incluso si* no espanhol à luz da GDF, Fante (2018) e Garcia e Fante (em preparação) defendem que se tratam de orações de diferentes naturezas, que podem configurar funções semânticas condição, no Nível Representacional, ou funções retóricas concessão, no Nível Interpessoal.

De acordo com os autores que discorrem sobre as orações concessivo-condicionais (FLAMENCO GARCÍA, 1999, RAE, 2010, KÖNIG, 1985, 1986, VAN DER AUWERA; KÖNIG, 1988, HASPELMATH; KÖNIG, 1998), a propriedade que as orações concessivo-condicionais universais compartilham com as orações concessivas prototípicas é a de descreverem eventos que contrariam a expectativa do ouvinte de acordo com o princípio da regularidade, ou seja, elas negam, na oração principal, o que seria ‘normal’ ocorrer no mundo real (KÖNIG, 1986; SWEETSER, 1990), levando-se em conta aquilo que é pressuposto ou não pelo ouvinte. Assim, o resultado expresso na oração principal independe da circunstância descrita na oração subordinada.

A propriedade compartilhada com as condicionais, por sua vez, é a da hipoteticidade, porque tais construções não descrevem fatos, mas sim expressam conteúdos em termos de suposição, de carácter hipotético, não-factuais. Por apresentarem um conteúdo hipotético na oração subordinada e um conteúdo factual na oração principal, as construções concessivo-condicionais são consideradas *semifactuais*, conforme atestam Haspelmath e König (1998). É possível constatar que, nas concessivo-condicionais, o falante não se compromete nem com a verdade nem com a falsidade da proposição.

As semelhanças e diferenças entre as construções condicionais, concessivo-condicionais e concessivas, no que diz respeito à factualidade são apresentadas abaixo por meio dos exemplos adaptados de Haspelmath e König (1998, p. 335):

(39a) <i>Se não conseguirmos apoio financeiro,</i>	não continuaremos com o projeto.
Conteúdo hipotético	Conteúdo hipotético
(39b) <i>Independentemente de conseguirmos apoio financeiro,</i>	continuaremos com o projeto.
Conteúdo hipotético	Conteúdo factual
(39c) <i>Embora não tenhamos conseguido apoio financeiro,</i>	continuaremos com o projeto.
Conteúdo factual	Conteúdo factual

O exemplo (39a) apresenta uma construção condicional, pois a oração

subordinada expressa um conteúdo possível de ocorrer e que implica a realização do que se enuncia na oração principal. Isso significa que o conteúdo da principal só ocorrerá se antes ocorrer a condição enunciada na subordinada. Portanto, as duas orações da construção apresentam conteúdos hipotéticos.

Em (39c), por sua vez, temos um exemplo de construção concessiva, pois, na oração subordinada, o falante reconhece a existência de um obstáculo, mas esse obstáculo não interfere no que se enuncia na oração principal. Assim, tanto a subordinada como a principal têm um conteúdo factual. O termo factual é utilizado para designar uma proposição assumida como verdadeira tendo em vista o conhecimento dos interlocutores sobre o mundo em que vivem.

Já a construção intermediária, em (39b), retrata uma construção concessivo-condicional. Assim como a oração condicional em (39a), a oração subordinada em (39b) traz um conteúdo hipotético, pois não se sabe se haverá apoio financeiro; porém, assim como na construção concessiva em (39c), em (39b) o conteúdo da oração principal se afirma independentemente de a situação expressa na subordinada ser factual ou não.

Para a GDF, contudo, ao organizar o discurso, o falante/escrevente tem objetivos comunicativos específicos, o que nos leva a compreender que, sob o escopo dessa teoria, o hibridismo semântico (concessão x condição) proposto pela tradição linguística para explicar as estruturas do tipo *QU-quiera que sea* pode ser contestado, o que nos leva a crer que não corresponde a uma oração que mescla características de condicionais e de concessivas ao mesmo tempo.

Tendo apresentando, neste capítulo, diferentes concepções teóricas a respeito da estrutura *QU-quiera que sea*, mostramos, no capítulo em sequência, os pressupostos metodológicos que norteiam nossa investigação embasada pelo modelo da GDF, com o intuito de problematizar a rotulação que se dá a essas construções, sem se levar em conta, muitas das vezes, as intenções comunicativas dos falantes.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO DA ESTRUTURA *QU-quiera que sea*

Este capítulo abarca os aspectos metodológicos envolvidos na investigação da construção *QU-quiera que sea*¹ no espanhol escrito.

A partir do levantamento inicial de 1217 ocorrências da estrutura *QU-quiera que + verbo no subjuntivo*, restringimos a análise desta construção em torno do verbo *ser* no subjuntivo, por ser mais recorrente com a maioria dos pronomes indefinidos. Dessa maneira, observamos que 59% das 995 ocorrências da estrutura *cualquiera que + verbo no subjuntivo*; 65% das 71 ocorrências da estrutura *quienquiera que + verbo no subjuntivo*; e 63% das 64 ocorrências da estrutura *comoquiera que + verbo no subjuntivo* ocorrem com o verbo *ser*.

Tem-se como exceção o pronome *dondequiera* que tende a introduzir orações com verbos de movimento, como, por exemplo, o verbo *ir*, no subjuntivo (*dondequiera que vaya*), sendo 28% das 123 ocorrências da estrutura *dondequiera que + verbo do subjuntivo* com o verbo *ser*.

Na tabela que segue, apresentamos, então, a frequência do verbo *ser* na construção *QU-quiera que + verbo no subjuntivo*, em comparação à ocorrência de outros tipos de verbos no subjuntivo nessa estrutura:

Tabela 1: Frequência do verbo *ser* na construção *QU-quiera que + verbo no subjuntivo*

	Verbo <i>ser</i> no subjuntivo	Outros tipos de verbos	% verbo <i>ser</i> no subjuntivo
Cualquiera que	574	421	59%
Quienquiera que	46	25	65%
Comoquiera que	40	24	63%
Dondequiera que	13	110	28%
Total das ocorrências	673	544	54%

¹ Referimo-nos aos pronomes *cual*, *quien*, *como*, e *donde* como pronomes QU.

Incluem-se na tabela as diferentes formas do subjuntivo no espanhol: *Presente del subjuntivo*; *Imperfecto del subjuntivo*; *Futuro del subjuntivo*; *Pretérito perfecto del subjuntivo*; *Subjuntivo pluscuamperfecto* e *Futuro perfecto del subjuntivo*, totalizando 673 casos da estrutura *QU-quiera que + verbo ser no subjuntivo*. No entanto, nossa análise restringe-se, ainda, ao presente do subjuntivo do verbo *ser*, ou seja, estudamos especificamente 170 ocorrências da estrutura *QU-quiera que sea*.

A tabela que segue sintetiza a quantidade de ocorrências de acordo com o tipo de construção analisada:

Tabela 2: Ocorrências utilizadas na análise

	Quantidade	%
<i>Cualquiera que sea</i>	104	61%
<i>Comoquiera que sea</i>	33	19%
<i>Quienquiera que sea</i>	20	12%
<i>Dondequiera que sea</i>	13	8%

Tendo apresentado o recorte desta pesquisa, introduzimos na sequência, na seção 4.1, os objetivos e as perguntas de pesquisa que motivam nossa investigação. Em seguida, na seção 4.2, descreveremos o corpus adotado e os tipos de textos analisados, além de justificarmos nossa escolha pela modalidade de língua escrita. Por fim, na seção 4.3, descrevemos os fatores de análise que julgamos relevantes para determinar as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas da construção *QU-quiera que sea*, no espanhol.

3.1 Os objetivos da investigação

Estudar uma língua sob o ponto de vista funcionalista, conforme discutido no Capítulo 1, significa reconhecer que a forma linguística é motivada pelas funções que um enunciado desempenha no processo comunicativo. Considerando a língua um instrumento de interação social, as propriedades formais das expressões linguísticas não existem por si mesmas, mas são determinadas pelas informações contextuais e situacionais disponíveis aos participantes da interação.

Tal princípio funcionalista de que a função motiva a forma é reconhecido na arquitetura *top down* da Gramática Discursivo-Funcional. Os Níveis Morfossintático e

Fonológico traduzem morfossintática e fonologicamente os aspectos pragmáticos e semânticos das expressões linguísticas advindos dos Níveis Interpessoal e Representacional.

Tendo em vista que, em uma análise funcionalista, é necessário considerar as motivações funcionais que desencadeiam o uso dessas construções, este trabalho assume o objetivo de investigar, com base na Gramática Discursivo-Funcional, as motivações funcionais das estruturas do tipo *QU-quiera que sea*. Para nortear nossa investigação, apresentamos nossas perguntas de pesquisa:

- Quais são as propriedades pragmáticas e semânticas que regem os diferentes usos da estrutura *QU-quiera que sea*?
- De que maneira as propriedades pragmáticas e semânticas dessa construção determinam suas propriedades morfossintáticas?

A partir dessas questões norteadoras, como objetivos específicos, pretendemos:

- Determinar o nível e camada de atuação da estrutura *QU-quiera que sea* em que se define a relação de dependência (se houver) entre a oração principal e a estrutura relativa;
- Investigar a ordenação da construção *QU-quiera que sea*, determinando os moldes de conteúdo em que é formulada e com que objetivos são escolhidos pelo Falante.

Considerando-se esses objetivos, partimos da hipótese de que a estrutura do tipo *QU-quiera que sea* pode modificar porções textuais maiores do que a oração, no nível pragmático, além de poder se relacionar a um predicado, no nível semântico.

A fim de responder a esses questionamentos, analisamos a construção *QU-quiera que sea* provenientes de textos do espanhol escrito. Na sequência, descrevemos universo de investigação utilizado.

3.2 O *córpus* e os tipos de texto analisados

O conjunto de textos escritos utilizados nesta investigação é composto por amostras de língua espanhola, extraídas do CREA - *Córpus de Referencia del Español*

Actual, organizado pela *Real Academia Española* – disponível em <http://corpus.rae.es/creanet.html>.

O *cópus* é composto por uma grande variedade de textos escritos e orais, produzidos em todos os países de língua espanhola desde 1975 a 2004. O *cópus* disponibiliza textos escritos divulgados nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Espanha, Filipinas, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

A respeito da modalidade, a opção pelos textos escritos se deve à alta recorrência das estruturas *QU-quiera que sea* nesta variedade, em comparação com a modalidade falada. No *cópus*, os textos escritos são veiculados em diferentes suportes, tais como *livros*, *jornais* e *revistas*, abarcando diferentes temáticas. Foi possível constatar maior recorrência das construções *QU-quiera que sea* em textos expositivos e argumentativos, a saber, *reportagens* e *editoriais*.

Os excertos de tipo expositivo apresentam a explicação de um tema, isto é, fornecem informações objetivas a respeito de um assunto. Os editoriais e as reportagens enquadram-se entre os gêneros textuais expositivo-argumentativos ao discutirem assuntos de interesse público segundo as ideologias do veículo de informação em que se inserem (jornal, revista, etc.). Assim, os assuntos abordados são apresentados de tal modo que possa persuadir o leitor quanto ao ponto de vista assumido por quem escreve.

Angulo (1996), em estudo sobre as características textuais do texto expositivo-argumentativo, demonstra a importância dos conectivos (conjunções e locuções, por exemplo) na construção da argumentação, uma vez que os conectivos empregados refletem as estratégias argumentativas e conduzem o leitor a uma interpretação adequada do texto. O autor também defende que, além de atuarem como marcas reveladoras da intencionalidade e como guias da compreensão textual, os conectivos contribuem para a coesão textual ao garantirem o encadeamento das ideias e a sequencialidade dos assuntos abordados no texto.

O estudioso observa a predominância do presente e do futuro do indicativo, uma vez que o texto expositivo-argumentativo é geralmente um espaço atemporal que tem como objetivo criar a aparência de que o momento de produção e de leitura ocorre em paralelo. O presente, segundo Angulo (1996), apresenta valor atemporal, alto grau de autonomia, valor temporal da simultaneidade, presente de implicação. De acordo com o autor, são recorrentes também verbos estáticos, como a cópula *ser*, bem como o

domínio de formas verbais impessoais, além de reformulações e exemplificações intradiscursivas. Observa-se:

- (1) La concepción, fatalista o voluntarista, de la historia *-por parte de Medina-* es oscilante, *pues*, mientras reabrir el proceso parece sugerir algo que alguien hace, con algún grado de iniciativa y responsabilidad, al sustituir proceso por fenómeno *se diría*, en cambio, *que son* "cosas que pasan, ya ve usted". ***Comoquiera que sea***, parece común a los autores de la escuela oscurecer o dificultar toda posible atribución de responsabilidades, rebozando o embozando siempre acciones en fenómenos o el albedrío en la fatalidad (o necesidad histórica, *según* la imaginaria vergonzosamente marxista en que la extrema derecha descubre sus más hondas y siniestras afinidades ideológicas, a despecho de toda enemistad) **(Espanha, 1980, Política)**.

A concepção, fatalista ou voluntarista, da história – *de acordo com Medina* - é oscilante, *pois*, enquanto reabrir o processo parece sugerir algo que alguém faz, com algum grau de iniciativa e responsabilidade, para substituir processo por fenômeno, *se diria*, por outro lado, *que são* "coisas que acontecem, você vê". ***Seja como for***, parece comum aos autores da escola obscurecer ou dificultar qualquer possível atribuição de responsabilidades, sempre camuflando ou embebendo ações em fenômenos ou agenciamento em fatalidade (ou necessidade histórica, *segundo* o imaginário vergonhosamente marxista em que a extrema direita descobre suas afinidades ideológicas mais profundas e sinistras, apesar de toda a inimizade).

No excerto, retirado do jornal *El País*, verifica-se, em itálico, a presença das marcas textuais apontadas por Angulo (1996). Dessa forma, consideramos que os editoriais jornalísticos constituem uma fonte produtiva para a análise das construções *QU-quiera que sea*, podendo revelar seus usos na construção textual.

A fim de assinalar os dados de publicação dos textos aqui analisados, as ocorrências terão uma indicação com relação ao lugar e ano de publicação da obra citada, além de sua temática, de acordo com a classificação do CREA, como se observou, em negrito, em (1).

Na seção que segue, apresentamos os fatores de análise por nós utilizados, a fim de determinar o funcionamento das estruturas *QU-quiera que sea* em textos escritos.

3.3 Os critérios de análise adotados para o estudo da construção *QU-quiera que sea*

Para atingir os objetivos propostos, e, assim, responder às nossas perguntas de pesquisa, utilizamos o modelo teórico da GDF, pois julgamos que o objetivo (i) pode ser atingido a partir da análise da atuação dessas construções de acordo com os Níveis

Interpessoal e Representacional, enquanto o objetivo (ii) pode ser alcançado ao observar-se o modo como as orações concessivas pertencentes a diferentes níveis e camadas são codificadas no Nível Morfossintático.

Considerando o aparato teórico e os objetivos a serem alcançados, determinamos os seguintes os fatores de análise:

1. As camadas e, conseqüentemente, as entidades que as construções *QU-quiera que sea* escopam, de acordo com a teoria da Gramática Discursivo-Funcional;
2. A posição ocupada pela construção *QU-quiera que sea*;
3. Forma verbal da oração à qual a construção *QU-quiera que sea* se relaciona.

O primeiro fator de análise, a camada, é de ordem pragmática e semântica, e outros dois fatores, posição da construção e forma verbal da oração a qual a construção se relaciona, dizem respeito à realização formal no plano morfossintático da construção *QU-quiera que sea*.

3.3.1 As camadas de atuação das construções *QU-quiera que* de acordo com a teoria da Gramática Discursivo-Funcional

Verificar as camadas e, conseqüentemente, o nível de atuação da construção *QU-quiera que* permite verificar o domínio dessas estruturas no espanhol.

Para isso, cada ocorrência pode ser classificada como constituindo: um Movimento (M), um Ato Discursivo (A), um Conteúdo Comunicado (C), um ou mais Subatos Referenciais (R) ou Atributivos (T), no Nível Interpessoal. Podem, ainda, ser classificadas como contendo um Conteúdo Proposicional (p), um Episódio (ep), um Estado-de-coisas (e), um Indivíduo (x) ou, ainda, subcategorias semânticas tais como Localização (l), Maneira (m), Tempo (t) e Quantidade (q), no Nível Representacional.

Há, ainda, no Nível Interpessoal, a atribuição de Funções que podem ser definidas como:

- (i) pragmáticas, que se referem à atribuição das funções Tópico, Foco e Contraste aos constituintes, formando moldes de conteúdo específicos, que refletem as escolhas do Falante com base em seus objetivos comunicativos.
- (ii) retóricas, que se referem às propriedades formais que influenciam o Ouvinte a

aceitar os propósitos comunicativos do Falante, para atingir suas estratégias comunicativas;

É importante lembrar que cada camada apresenta operadores e modificadores, que são elementos não configuracionais das diferentes camadas dos níveis da formulação, e, posteriormente, determina-se sua dinâmica de ordenação.

No Nível Morfossintático, por seu turno, são consideradas as seguintes camadas: a da Expressão Linguística (Le), que consiste em um ou mais Sintagmas (Xp) e/ou Orações (Cl); e da Oração, composta por Palavras (Wp), Sintagmas e/ou outras Orações.

3.3.2 A posição ocupada pelas construções *QU-quiera que sea* no Nível Morfossintático

A ordenação de constituintes na oração, como vimos, representa um dos meios de expressão formal de relações e funções, resultante de princípios pragmáticos e semânticos que determinam a colocação dos elementos na oração, de tal modo que ordens alternativas podem ser usadas em diferentes condições e para diferentes propósitos. Em outras palavras, a ordenação dos constituintes revela as intenções comunicativas do Falante, conforme explicitado em Pezatti (2014).

A colocação de constituintes se relaciona, portanto, ao Nível Morfossintático, cuja tarefa é transformar as informações pragmáticas e semânticas advindas dos níveis Interpessoal e Representacional e fazê-las emergir em uma única representação estrutural, analisada, em termos de seus constituintes sintáticos, das camadas mais altas para as mais baixas.

Devido à organização descendente da GDF, a ordenação de elementos começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos Níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e moldes de predicação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Morfossintático faz uso de padrões para moldes hierárquicos e não hierárquicos.

Conforme visto no Capítulo 1, são hierárquicos os constituintes que subordinam outros constituintes ou são a eles subordinados; o que significa, em termos do modelo, que pertencem a camadas diferentes. A ordenação hierárquica, que é baseada em

considerações de escopo, atribui posições com fluxo descendente a elementos hierarquicamente relacionados. Os não hierárquicos, por outro lado, pertencem à mesma camada e têm o mesmo estatuto dentro da oração. Nesse caso, os elementos de configuração relacional, tais como predicado-argumento e núcleo-modificador, são ordenados seguindo propriedades pragmáticas, semânticas e/ou morfossintáticas.

Segundo Pezatti (2014), a ordenação dos constituintes não hierárquicos se processa com a colocação do predicado em P^M , seguida da colocação dos argumentos, sempre se dirigindo à direita e à esquerda.

No Nível Representacional, os verbos cópula (*ser* e *estar*) suprem a ausência de um elemento verbal do Nível Interpessoal ou Representacional na realização de um Subato Atributivo, indicando tempo, modo e aspecto. A colocação de elementos semanticamente vazios, como a cópula suporte, ocorre depois que os constituintes correspondentes às unidades de níveis superiores já estiverem alocados. Observa-se, pois, que na oração *QU-quiera que sea* o pronome indefinido *QU-quiera* toma a posição Tópica P^I , enquanto o pronome relativo *que* assume a posição relativa P^{I+1} . A cópula suporte, nesse caso, assume a posição de P^M :

(2)	P^I	P^{I+1}	P^M
	QU-quiera	que	sea

Os constituintes hierárquicos são alocados nas margens direita e esquerda em direção ao centro, obedecendo às relações de escopo entre eles, como mostra Pezatti (2014). O domínio de P^F é geralmente destinado a constituintes com função pragmática Foco e a modificadores e operadores do Nível Representacional, como modificadores de tempo absoluto, da camada do Episódio; e de tempo relativo, percurso, domínio, causa, locação, modo, assunto, frequência, propósito, realidade, da camada do Estado-de-Coisas; e comitativo, instrumento, modo, intensidade e duração, da Propriedade Configuracional.

Como um dos mecanismos de codificação morfossintática, a ordenação de constituintes deve ser tratada nos domínios da Expressão Linguística, da Oração e do Sintagma. Cada domínio, em princípio, contém um núcleo, que, como constituinte central, define-se como ponto de orientação para outros constituintes dentro desse mesmo domínio.

Portanto, consideramos, para análise dos dados, os padrões da ordem dos constituintes determinados a partir das posições, P^I , P^M e P^F , e de suas posições relativas², de acordo com os princípios de alinhamento interpessoal, representacional e morfossintático.

3.3.3 Forma verbal da oração vinculada a *QU-quiera que sea*

Esse fator se relaciona à finitude ou não-finitude dos verbos da oração que se liga a construção *QU-quiera que sea*, com a finalidade de descrever e observar se isso se revela no grau de integração da estrutura *QU-quiera que sea* à outra oração. Consideramos finitos o indicativo e o subjuntivo, e não-finitos o infinitivo, o gerúndio e o particípio, pois entendemos que os verbos não-finitos indicam maior dependência do que os verbos finitos, já que dependem do tempo e modo do verbo do evento principal.

Hengeveld (1998) considera que as formas verbais finitas tendem a ocorrer em orações que atuam em níveis mais altos. No entanto, considerando que tanto o modo indicativo como o modo subjuntivo são verbos finitos, Crevels (2000)³ apresenta uma escala que indica que o verbo no subjuntivo tende a ser mais dependente de outra oração do que o modo indicativo.

Analizamos também a forma verbal da oração à qual a *QU-quiera que sea* se relaciona, para, além de verificar sua dependência morfossintática, investigar sua factualidade, a depender da relação pragmática ou semântica que possam estabelecer nos níveis superiores, tendo em vista que consideramos a forma um fator sempre motivado pelas funções.

Julgamos que, quando o Falante utiliza uma forma verbal no modo indicativo na oração principal, denota um Estado-de-Coisas que considera factível no momento temporal em que os apresenta, neste caso, o Falante expressa fatos que condizem com o mundo real em que as asserções incluídas na oração ocorrem. Em outros termos,

² Acreditamos que, bem como o português, o espanhol não requer uma P^2 . Como já comprovado por Pezatti (2014) o português é uma língua que dispõe de apenas três posições absolutas. Não há uma posição especial P^2 , porque, ao se inserir um constituinte em P^I , todos os outros constituintes se movem para uma posição à direita, isto é, nenhum constituinte permanece obrigatoriamente em sua posição.

³ A autora propõe que o subjuntivo se torna mais raro à medida que as camadas se tornam mais altas, portanto, nas camadas mais altas há predomínio de formas verbais no indicativo, conforme o esquema a seguir:

Camada Predicacional >	Proposicional >	Ilocucionária >	Textual
Subjuntivo	> > >		Indicativo

acredita-se que algo é verdadeiro, ou ao menos se espera que seja verdadeiro no mundo extralinguístico.

Para Pérez Quintero (2002), a factualidade é um parâmetro semântico independente que se aplica a todos os tipos de entidade. Dessa forma, neste trabalho, tomamos como factual as orações que descrevem propriedades ou relações *aplicáveis*, Estado-de-Coisas *reais*, Conteúdos Propositionais considerados como *verdadeiros* e Atos Discursivos *assertivos*. Por outro lado, assim como para a autora, consideramos como não-factuais as orações que descrevem situações opostas às categorias anteriores, ou seja Estado-de-coisas *irreais*, Conteúdos Propositionais *não verdadeiros* ou *hipotéticos*, e Atos Discursivos *não assertivos*.

Tendo analisado a relação de (in)dependência das orações envolvidas, determinaremos os processos que ocorrem no Nível Morfossintático, a saber, *extraoracionalidade* e a *equiordenação*, no domínio do Sintagma e da Oração, ou *cossubordinação*, no domínio da Expressão Linguística.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos, sob a perspectiva discursivo-funcional, a análise das 170 ocorrências da construção *QU-quiera que sea* no espanhol escrito. Tratamos, inicialmente, das construções *cualquiera que sea* e *quienquiera que sea*, que indicam um comportamento semelhante. Em seguida, apresentamos a análise das construções *comoquiera que sea* e *dondequiera que sea* que revelam outro tipo de comportamento.

A análise dos dados será guiada pela organização descendente do modelo da GDF: parte-se da atuação das construções no Nível Interpessoal, que trata dos aspectos pragmáticos da interação, para, a partir de então, abordar a atuação das estruturas no Nível Representacional, que se relaciona aos aspectos semânticos. O último nível a ser abordado é o Morfossintático, que codifica as distinções advindas dos níveis anteriores, que são responsáveis pela formulação. É esse nível que trata de aspectos morfossintáticos, tais como a ordenação dos constituintes, como se verá adiante, que, conforme os preceitos funcionalistas, não é aleatória, mas funcionalmente motivada.

Ao final do capítulo, apresentamos uma seção que caracteriza, respectivamente, as construções *cualquiera que sea*, *quienquiera que sea*, *comoquiera que sea* e *dondequiera que sea* e sintetiza os resultados advindos da análise dos dados.

4.1 A construção *cualquiera que sea*

Os resultados revelam que a construção *cualquiera que sea* introduz sintagmas. Esses constituintes, desprovidos de um núcleo verbal, podem ser especificados por uma oração relativa restritiva cujo verbo ocorre sempre no subjuntivo, conforme se observa:

Cualquiera que sea	el partido
	el resultado <i>que salga de las próximas urnas</i>

Ao substituir o sintagma pela variável “X”, assim como faz Leuschner (2007), observamos que, no espanhol escrito, a estrutura *cualquiera que sea X* estabelece relações de dois tipos distintos, a depender das intenções comunicativas do Falante. Constatamos que 84 (81%) das ocorrências são do Nível Interpessoal, e 20 (19%) das

ocorrências, do Nível Representacional. Apresentamos nas subseções seguintes, os diferentes funcionamentos da construção *cualquiera que sea X* nos níveis de Formulação da GDF.

4.1.1 *Cualquiera que sea X* no Nível Interpessoal

Em (1), verifica-se que as construções em destaque revelam aspectos pragmáticos da enunciação:

- (1) El escritor debe estar comprometido con la poesía, con el arte, no con partidos ni con entelequias ideológicas. *Qué horror el hombre de partido*, **cualquiera que sea el partido** (Espanha, 1995, Literatura).

O escritor deve estar comprometido com a poesia, com a arte, e não com partidos ou com enteléquias ideológicas. *Que horror o homem partidário*, **qualquer que seja o partido**.

A estrutura *cualquiera que sea el partido* se apresenta como um comentário a respeito do que fora enunciado anteriormente, *qué horror el hombre de partido*. Trata-se de uma ressalva efetuada pelo Falante com relação a *o homem partidário*, expresso na oração anterior. Chafe (1984) afirma que esse tipo de expressão constitui um *afterthought*, ou seja, um *adendo*, já que o Falante sente a necessidade de adicionar um comentário ao que foi dito anteriormente, o que caracteriza uma relação no domínio interpessoal.

Na GDF, como vimos, o Nível Interpessoal trata dos aspectos pragmáticos da interação, e o que está em jogo é a intenção do Falante para, então, a partir dessa intenção, valer-se de estratégias comunicativas, a fim de chegar ao seu real propósito na comunicação. Dessa forma, casos como (1) revelam que a relação entre as estruturas *el hombre de partido* e *cualquier que sea el partido* se dá no Nível Interpessoal, uma vez que revela uma tentativa do Falante de deixar claro que o homem partidário é um horror, independentemente do partido ao qual ele pertença.

Essas duas estruturas constituem unidades de informação com contorno entonacional próprios, o que configura, na GDF, Atos Discursivos (cf. 1).

O estatuto do Ato Discursivo pode ser comprovado pela inserção de um modificador meta comunicativo antes do Ato Esclarecimento, como *es decir*, ou *mejor dicho*, no espanhol:

- (1a) Qué horror el hombre de partido, **es decir/mejor dicho** cualquiera que sea el partido.

Que horror o homem de partido, **ou seja/melhor dizendo** qualquer que seja o partido.

O primeiro Ato Discursivo, *qué horror el hombre de partido*, é independente, enquanto o segundo, *cualquier que sea el partido*, dependente do primeiro. A relação se estabelece, portanto, entre dois Atos Discursivos, um nuclear e outro subsidiário, nesse caso, ao Ato Discursivo subsidiário é atribuída uma função retórica.

Em (1), o Ato subsidiário *cualquiera que sea el partido* é acrescentado porque o Falante julga necessário *esclarecer* algo com relação ao Ato Discursivo nuclear. Entre esses dois Atos Discursivos envolvidos há uma função retórica, a de *Esclarecimento*, atribuída ao subsidiário.

É, portanto, uma estratégia usada quando, no entendimento do Falante, pode haver falta de clareza com relação à referência de algum componente do Conteúdo Comunicado.

O uso dessa função retórica, nesse caso, revela o desejo do Falante de acrescentar que não se trata de um homem partidário em específico, mas sim um homem de *qualquer* partido, indicando uma universalidade, em contrapartida a uma especificidade. A representação da função retórica Esclarecimento ($_{ESCL}$) no segundo Ato, o subsidiário, pode ser observada em (1b):

- (1b) NI:[(A_i: - *Qué horror el hombre de partido* - (A_i)) (A_j: - **cualquiera que sea el partido** - (A_j) $_{ESCL}$)]

Conforme Pezatti e Camacho (2016), o estatuto do Ato Esclarecimento ($_{ESCL}^1$) pode ser comprovado também pela existência de hesitação, pausa e repetições entre o Ato nuclear e o de Esclarecimento. A representação em (1b) mostra a repetição do sintagma *el partido*, no Ato subsidiário, o que ratifica que se trata de tal função retórica.

Observamos que o pronome indefinido *cualquiera*, que introduz o Ato Discursivo subsidiário, configura um Subato de Referência menos específico (-s R_i), e tal pronome sempre confere generalidade ao sintagma que introduz (*el partido*).

O mesmo pode ser observado também no sintagma sublinhado, em (2), *su raza*:

¹ Conforme Pezatti e Camacho (2016).

- (2) *El COSATU permanece abierto a todos los trabajadores, **cualquiera que sea su raza**, una circunstancia que llevó a una veintena de sindicatos vinculados al Movimiento Azaniano (Conciencia Negra) a desligarse de la empresa (Espanha, 1984, Política).*

*A COSATU continua aberta a todos os trabalhadores, **qualquer que seja sua raça**, uma circunstância que levou uma quantidade de sindicatos ligados ao Movimento Azaniano (Consciência Negra) a se desligarem da empresa.*

Em (2), constata-se que a COSATU permanece aberta a todos os trabalhadores, sejam eles de *qualquer raça*. A propriedade *raza*, atribuível a *trabajadores*, é escopada por *cualquiera que sea*. Toda a construção *cualquiera que sea su raza* constitui um Ato Discursivo Esclarecimento, ou seja, uma explicação acerca do Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo precedente, *permanecer abierto a todos los trabajadores*, e as duas estruturas constituem Atos Discursivos distintos, como se observa na representação a seguir:

- (2a) NI: [(A_i: - El COSATU permanece abierto a todos los trabajadores - (A_i)) (A_j: - *cualquiera que sea su raza* - (A_j)_{ESCL})]

Em (2a), o Falante julga não ser suficiente dizer que a instituição se abrirá aos trabalhadores. O Falante acredita ser comunicativamente relevante esclarecer que se abrirá a todos os trabalhadores, independentemente de sua raça. O caráter anafórico da estrutura *cualquiera que sea* é marcado pelo pronome *su*, que no Nível Representacional evoca a mesma entidade, *trabajadores*.

Diferentemente do que vimos em (1) e (2), em que a construção *cualquiera que sea* precede um sintagma (X), nossos dados mostram que *cualquiera que sea* pode ocorrer independentemente de (X) conforme representa (3). Nesses casos, *cualquiera que sea* também esclarece uma informação acerca do Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo anterior, constituindo uma unidade de informação dotada de significado, o que configura um Ato Discursivo:

- (3) *En su propia defensa, Clinton echó recientemente la culpa a la prensa de ser responsable de parte de sus males, como ya lo hiciera también Bush, diciendo que **la labor del llamado "cuarto poder" en EEUU es criticar al Gobierno, cualquiera que sea** (Espanha, 1977, Política).*

Em sua própria defesa, Clinton recentemente culpou a imprensa por ser responsável por alguns de seus males, como Bush também fez, dizendo que o

trabalho do chamado "quarto poder" nos EUA é criticar o governo, **qualquer que seja.**

Observamos em (3) uma relação entre dois Atos Discursivos, um nuclear representado por *la labor del llamado “cuarto poder” en EEUU es criticar al Gobierno*, e um subsidiário, representado por *cualquiera que sea*, que explica algo que o Falante julga não ter ficado claro ao Ouvinte, e isso configura, como vimos, a função retórica Esclarecimento. Nesse caso, o Falante assinala no Ato Esclarecimento que a função do “quarto poder” nos Estados Unidos não é criticar um governo em específico, mas qualquer que seja esse governo. É possível notar a presença de pausa entre as orações, marcada por vírgulas, na língua escrita, uma característica da relação entre dois Atos. Essa ocorrência é representada como segue:

(3a) NI: [(A_i: - la labor del llamado "cuarto poder" en EEUU es criticar al Gobierno – (A_i)) (A_j: - *cualquiera que sea* – (A_j)_{ESCL})]

Em que se nota a função retórica Esclarecimento ($_{ESCL}$) é atribuída ao segundo Ato Discursivo, o subsidiário.

Constatamos, pois, que se trata de esclarecer a referência feita no Ato anterior, que se apresenta como +específica (+s). O Falante percebe, em (3), que dizer *al Gobierno* (um Subato de Referência +específico) poderia direcionar o leitor a uma leitura não desejada acerca de qual seria esse Governo (o Ouvinte poderia interpretar como “o governo atual”, por exemplo). Afinal, o que se quer dizer é que o trabalho do chamado "quarto poder" nos EUA é criticar *um Gobierno qualquer*, e não *o Gobierno específico*. O Falante corrige, então, no Ato Esclarecimento tal informação. Verificam-se, a seguir, as marcas de (não) especificidade nos Subatos de Referência (R) envolvidos:

(3b) NI: [(A_i: - *criticar* **al Gobierno** - (A_i))] [(A_j: - *cualquiera que sea* - (A_j))_{ESCL}]
 (+s R_i) (-s R_j)

Observa-se, pois, que é o Subato de Referência (-s R_j), *cualquiera*, que introduz o esclarecimento quanto à referência genérica desejada pelo Falante.

Na subseção que segue, apresentamos a atuação de *cualquiera que sea* X , no Nível Representacional.

4.1.2 *Cualquiera que sea X no Nível Representacional*

Constatamos que a construção *cualquiera que sea X* pode apresentar uma relação de outra natureza, que não a interpessoal, conforme representa (4):

- (4) WorldCom, cuyo crecimiento en el mercado de telefonía de larga distancia de EE UU ha sido espectacular desde 1995, ha ofrecido 30.000 millones de dólares (cerca de 4,5 billones de pesetas) por el 80% de MCI, una cifra alejada de los 18.000 millones de dólares (2,7 billones de pesetas) que la británica BT se había comprometido a desembolsar por el mismo porcentaje. Moody's mantendrá su calificación para las emisiones de Telefónica *"por cuanto que **cualquiera que sea el destino final de MCI**, tanto BT como WorldCom necesitarán su apoyo en América Latina"* (Espanha, 1997, Empresa).

A WorldCom, cujo crescimento no mercado de longa distância dos EUA tem sido espetacular desde 1995, ofereceu 30.000 milhões de dólares (cerca de 4,5 bilhões de pesetas) para 80% da MCI, um número distante de 18.000 milhões de dólares (2,7 trilhões de pesetas) que a British BT havia se comprometido a pagar pela mesma porcentagem. A Moody's manterá sua classificação para as emissões da Telefônica *"porque **qualquer que seja o destino final da MCI**, tanto a BT quanto a WorldCom precisarão de seu apoio na América Latina"*.

É possível observar, em (4), que *cualquiera que sea el destino final de MCI* se relaciona a *por cuanto que tanto BT como WorldCom necesitarán su apoyo en América Latina* em uma relação de modificação. A construção *cualquiera que sea el destino final de MCI* se caracteriza como uma restrição, algo que passa pelo crivo do Falante como uma possibilidade de ocorrência. Nessa ocorrência, o Falante apresenta duas predicções, mas nesse caso a predicação modificada é caracterizada como um construto mental, uma crença do Falante a respeito do que se espera do futuro: o enunciador acredita que ambas as empresas BT e WorldCom vão precisar do apoio de Moody's, independentemente do destino da MCI.

A oração *por cuanto que tanto BT como WorldCom necesitarán su apoyo en América Latina*, por também representar um julgamento do Falante acerca do que aconteça no futuro, constitui um Conteúdo Proposicional (p), camada mais alta do Nível Representacional. A relação observada aqui, portanto, é entre núcleo-modificador, sendo as duas orações construtos mentais, o que configura, como vimos, dois Conteúdos Proposicionais.

O estatuto de Conteúdo Proposicional pode ser comprovado por meio da inserção de um modificador de atitude proposicional como *aparentemente*, que indica a

avaliação de um evento como possível, o que se comprova em (4a):

- (4a) **Aparentemente**, cualquiera que sea el destino final de MCI, tanto BT como WorldCom necesitarán su apoyo en América Latina.

Aparentemente, qualquer que seja o destino final de MCI, tanto BT como WorldCom necessitarão de seu apoio na América Latina.

Observamos que, quando *cualquiera que sea X* atua no Nível Representacional, modificando Conteúdos Proposicionais, se estabelece uma relação de um possível obstáculo para a realização da outra oração – o destino final de MCI poderia interferir no fato de as empresas BT e WorldCom necessitarem ou não de apoio na América Latina, mas não interfere. Tal noção explica o motivo das estruturas introduzidas pela construção *cualquiera que sea* serem também tratadas, na literatura, no rol das orações concessivo-condicionais.

Assumimos, no entanto, que na GDF o hibridismo não se confirma, uma vez que a relação estabelecida em casos como (4) é, na verdade, a de função semântica Concessão (C_{conc}), ou seja, modificador de Conteúdo Proposicional (p_i), pois a estrutura *cualquiera que sea* introduz uma informação que poderia impedir a realização do conteúdo posterior, mas não impede, conforme é representado em (4b):

- (4b) NR: [$(p_i$ - **cualquiera que sea** el destino final de MCI - $(p_i)_{C_{conc}}$) (p_j - tanto BT como WorldCom necesitarán su apoyo en América Latina - (p_j))]

Em ocorrências como (4b), a construção *cualquiera que sea X* constitui uma proposição que modifica outra proposição, e é codificada morfossintaticamente em anteposição ao núcleo verbal da outra oração. Nesses casos, o Falante vale-se da estrutura *cualquiera que sea* para dizer que *independentemente*, algo não esperado – de acordo com suas crenças e avaliações acerca do mundo – ocorre, ou, ao menos, espera-se que ocorra.

Verificamos, nas subseções que seguem, de que maneira os aspectos morfossintáticos se revelam como resultado do processo de codificação das informações advindas dos níveis mais altos.

4.1.3 Posição da construção *cualquiera que sea X*

A construção *cualquiera que sea X* que atua no Nível Interpessoal, numa relação entre dois Atos Discursivos, participa, no Nível Morfossintático, de uma Expressão Linguística, constituída pela combinação de duas Orações (Cl). Assim, o primeiro Ato Discursivo, o nuclear, configura, no domínio Morfossintático, uma Oração independente e o segundo Ato Discursivo, o subsidiário, configura uma Oração dependente, o que caracteriza um caso de *cosubordinação*, conforme (5):

- (5) NM: [(Le_i: (Cl_i: - El COSATU permanece abierto a todos los trabajadores Cl_i))
(^{Dep}Cl_j: - cualquiera que sea su raza – (Cl_j)) (Le_i))]

Conforme Pezatti e Camacho (2016), como a função retórica Esclarecimento é usada cognitivamente como um pensamento ulterior, a Oração a que se aplica, na codificação morfossintática, se aloja iconicamente na posição P^{pos} da Expressão Linguística, conforme demonstra (6):

- | | | | | | |
|-----|---|----------------|------------------|----------------|------------------------------|
| | P^{centro} | | | | P^{pos} |
| (6) | P ^I | P ^M | P ^{M+1} | P ^F | <i>cualquiera que sea su</i> |
| | <i>El COSATU permanece abierto a todos los trabajadores</i> | | | | <i>raza</i> |

Há casos, no entanto, em que o Ato Esclarecimento se posiciona logo após o núcleo do Sintagma (Np_i) ao qual esclarece. Nesses casos, a construção *cualquiera que sea X* se posiciona no domínio de P^{pos} do Sintagma referente. Observa-se em (7) e sua representação em (7a):

- (7) La Sociedad Económica se reserva la posibilidad de publicar estos trabajos en su totalidad o un extracto de los mismos. *A todos los asistentes al curso, **cualquiera que sea su edad y situación académica**, se los concederá un diploma personal* (Espanha, 1988, Arte e cultura).

A Sociedade Econômica reserva a possibilidade de publicar estes trabalhos em sua totalidade ou uma parte deles. *A todos os participantes do curso, **qualquer que seja sua idade e situação acadêmica**, será concedido um diploma pessoal.*

- (7a) NM: [(Le_i: (Np_i: - **A todos los asistentes al curso** - Np_i)) (Cl_i: - (Vp_i: - **cualquiera que sea** - (Vp_i)) (Np_j: - su edad y situación académica - (Np_j)) (Cl_j)) (Cl_j: - (Vp_j: - se los concederá - (Vp_j)) (Np_k: - un diploma personal - (Np_k)) (Cl_k)) (Le_i)]

O Esclarecimento por *extraoracionalidade* se caracteriza, pois, por colocar obrigatoriamente a estrutura *cualquiera que sea* na posição imediatamente após o núcleo do Sintagma sobre o qual esclarece uma informação:

- (7b) $P^I P^{I+1} P^{I+2} P^M P^{M+1} P^{pos}$
A todos los asistentes al curso cualquiera que sea su edad y situación académica

No Nível Interpessoal, o Falante esclarece, por meio do Ato introduzido por *cualquiera que sea su edad y situación académica*, que não basta apenas dizer que será concedido um diploma a todos os participantes do curso, mas sim independentemente de sua idade ou situação acadêmica. Em casos como (7b), é possível notar que o Sintagma preposicionado *a todos los asistentes al curso* é Tópico², por isso ocupa a posição inicial da Oração.

Pezatti (2014) atesta a possibilidade de Subatos de Referência Tópicos serem modificados para indicar Esclarecimento com relação à entidade designada dentro do Subato de Referência. A posição após o núcleo (domínio de P^{pos} do Sintagma), quando o Sintagma se encontra à esquerda, indica uma direção para trás. Dessa maneira, a posição de *cualquiera que sea X* é determinada pela função pragmática de Tópico que recai sobre Sintagma ao qual se insere uma informação.

De maneira geral, o estatuto do Ato Discursivo Esclarecimento introduzido por *cualquiera que sea X* comprova-se pelo fato de aparecerem iconicamente após o Subato de Referência ou ao Conteúdo Comunicado sobre o qual se esclarece alguma informação, seja em P^{pos} da Expressão Linguística, seja no domínio de P^{pos} do Sintagma ao qual se refere. Dessa maneira, como pragmaticamente funciona como uma explicação, um esclarecimento, com relação a algo dito anteriormente, a mudança de

² A função pragmática Tópico é atribuída a um constituinte não-focal, para sinalizar como o conteúdo comunicado se relaciona ao comentário construído gradualmente no componente contextual. Tópicos contêm informação que pode ser inferida do contexto ou ativada na memória episódica dos interlocutores. Conforme Pezatti (2014), o Tópico é frequentemente marcado por ocupar sempre a posição nos domínios de P^I.

posição dessas estruturas parece-nos inviável estrategicamente, o que comprova, de fato, sua atuação no Nível Interpessoal:

- (8) **cualquiera que sea el partido, qué horror el hombre de partido.*

Com relação à posição de *cualquiera que sea X*, quando atua no Nível Representacional, exercendo função semântica Concessão (modificador), tal estrutura tende a ser colocada pelo Falante em P^I da Oração, conforme se observa em (9) e em sua representação, em (9a), a seguir:

- (9) **Cualquiera que sea el ganador**, *la elección marcará un importante cambio* respecto a los días en que el PQ, bajo la batuta de Rene Levesque -ex primer ministro hasta su renuncia en junio pasado-, planteaba reivindicaciones separatistas frente a la confederación canadiense (Espanha, 1989, Política).

Qualquer que seja o vencedor, *a eleição marcará uma mudança importante* desde os dias em que o PQ, sob a batuta de René Levesque - ex-primeiro-ministro até sua renúncia em junho passado - levantou reivindicações separatistas contra a confederação canadense.

- (9a) P^I

Cualquiera que sea el ganador (_{Conc})

P^{I+1}	P^M	P^{M+1}
la elección	marcará	un importante cambio

Nota-se, portanto, uma relação de restrição entre modificador e núcleo, uma vez que *cualquiera que sea el ganador* exerce função semântica Concessão com relação ao Conteúdo Proposicional *la elección marcará um importate cambio*, no Nível Representacional.

Verificamos, também, casos em que o modificador de Conteúdo Proposicional *cualquiera que sea X* aparece em P^F da Oração. Vejamos (10) e sua representação, em (10a):

- (10) Acertado es que comience por rendir homenaje a la figura del compositor, cuando tantas veces el brillo del intérprete, el "divo" -cantante, concertista, director-, que está en contacto directo con el público, es más popular y espectacularmente reconocido. *Podrán, claro, surgir opiniones muy diversas*

cualquiera que sea la decisión que se adopte (Espanha, 1991, Música).

O combinado é começar as homenagens pela figura do compositor, quando tantas vezes o brilhantismo do intérprete, o "divo" - cantor, concertista, diretor, que está em contato direto com o público, é mais popular e espetacularmente reconhecido. *Eles poderão, é claro, levantar opiniões muito diversas, qualquer que seja a decisão que se adote.*

(10a) P^I P^{I+1} P^M P^{M+1}
 Podrán claro surgir opiniones muy diversas

P^F

cualquiera que sea la decisión que se adopte (_{Conc})

Observamos, aqui, que o modificador concessivo *cualquiera que sea la decisión que se adopte* aparece em posposição ao seu núcleo *podrán claro surgir opiniones muy diversas*, no domínio de P^F da Oração. Dessa forma, quando atua no Nível Representacional, a posição de *cualquiera que sea X* verifica-se no âmbito da Oração, e não da Expressão Linguística. A relação entre Conteúdos Proposicionais se confirma pela presença do modificador de atitude proposicional subjetiva *claro*, que indica a obviedade do que se enuncia, do ponto de vista do Falante. Enquanto a primeira Oração introduz algo esperável, possível que ocorra, *claro que poderão surgir opiniões muito diferentes*, de acordo com o Falante, a estrutura *cualquiera que sea X* insere uma proposição hipotética, não factual: *a decisão que se possa adotar*, o que não interfere na proposição principal.

A seguir, mostramos de que maneira os aspectos pragmáticos e semânticos da estrutura *cualquiera que sea X* se revelam nas formas verbais das Orações a ela vinculadas.

4.1.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a *cualquiera que sea X*

Quando *cualquiera que sea X* atua no Nível Interpessoal, constatamos que, na primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear, há uma recorrência maior de verbos no presente (53%) e no futuro (18%) do indicativo, e tais tempos verbais são utilizados para indicar constatações e determinações acerca do mundo extralinguístico:

- (11) Han sido convocados el 25º Certamen Internacional de Pintura y el III Certamen Internacional de Escultura 1986, *en los que podrán tomar parte todos los artistas, cualquiera que sea su nacionalidad o residencia*, con obras de tema libre (Espanha, 1986, Arte).

Foram convocados no 25º Concurso Internacional de Pintura e no III Concurso Internacional de Escultura de 1986, *nos quais poderão participar todos os artistas, qualquer que seja sua nacionalidade ou residência*, poderão participar com trabalhos de tema livre.

Na ocorrência (11), apresenta-se um anúncio sobre dois eventos de pintura, no qual se delibera a possibilidade de que todos os artistas participem. Nota-se que a marca verbal do futuro (*podrán*), no modo indicativo, se relaciona semanticamente à forma verbal *irrealis* da estrutura *cualquiera que sea*, conforme vimos no Capítulo 2, projetando algo que se espera ou se planeja para o futuro.

Em (12), a seguir, diferentemente, a Oração que corresponde ao Ato Discursivo nuclear é marcada pela forma verbal no gerúndio (*reconociendo*); trata-se de uma construção adverbial modal, que indica a maneira como o presidente norte-americano está enfrentando a situação política de Cuba:

- (12) Esta es la primera vez que un presidente norteamericano hace frente a una situación política de tal carácter interno en Cuba, *reconociendo las posturas combativas de todos los cubanos, cualquiera que sea su condición ideológica* (Espanha, 1986, Política).

Esta é a primeira vez que um presidente americano enfrenta uma situação política de tal caráter em Cuba, *reconhecendo as posições militantes de todos os cubanos, qualquer que seja sua condição ideológica*.

Na ocorrência (12), *cualquiera que sea su condición ideológica* se relaciona à Oração adverbial modal *reconociendo las posturas combativas de todos los cubanos*, mas observa-se que não há uma relação de dependência sintática entre essas orações, uma vez que, em termos sintáticos e semânticos, o período ficaria completo sem a estrutura *cualquiera que sea X*. Essa relação sintática de menor integração também pode ser observada na ocorrência (11) dada anteriormente, pela marca verbal no modo indicativo. As paráfrases em (11a) e (12a) atestam esse menor grau de integração:

- (11a) Han sido convocados el 25º Certamen Internacional de Pintura y el III Certamen Internacional de Escultura 1986, *en los que podrán tomar parte todos los artistas*, con obras de tema libre.

- (12a) Esta es la primera vez que un presidente norteamericano hace frente a una situación política de tal carácter interno en Cuba, *reconociendo las posturas combativas de todos los cubanos*.

Dessa forma, averiguamos que, de maneira geral, na Oração representada pelo Ato Discursivo nuclear, as marcas verbais recorrentes no modo indicativo (seja no tempo presente ou no tempo futuro) se revelam como resultado daquilo que o Falante quer mostrar: uma determinação ou uma constatação acerca do mundo, à qual se acrescenta um esclarecimento, por meio da estrutura *cualquiera que sea X*.

Na tabela que segue, apresentamos os tempos e modos verbais que ocorrem nas Orações que se relacionam a *cualquiera que sea X*, quando atua no Nível Interpessoal:

Tabela 3: Tempo e modo da primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear (função retórica Esclarecimento).

	Ocorrências
Presente do Indicativo	60 (71%)
Futuro do Indicativo	
Infinitivo	24 (29%)
Gerúndio	
Imperativo	
Total	84 (100%)

Os tempos do indicativo podem indicar, portanto, a menor dependência sintática da primeira Oração, frente à segunda, que corresponde ao Ato subsidiário no NI, o que carrega a função retórica Esclarecimento, uma vez que indicam asserções do Falante acerca da realidade³.

³ Na ocorrência que segue, é possível notar que o Ato Discursivo *cualquiera que sea X* pode também introduzir um Esclarecimento no sentido de resumir (a fim de esclarecer algo que julga não ter ficado claro) uma lista de características anteriormente citada:

- *Esta última referencia de Serrano afecta a quienes ostentan cargos de presidente, director general, gerente y equivalentes de entes públicos, monopolios estatales y empresas con participación pública directa o indirecta, mayoritaria, **cualquiera que sea su forma**, y de las Cajas de Ahorros de fundación pública estatal, cuyo control "presenta dificultades a causa de la ausencia de publicidad de los nombramientos" (Espanha, 1988, Política).*

A primeira Oração em itálico é independente da segunda Oração, que representa o Ato subsidiário *cualquiera que sea su forma*, que esclarece a informação do Conteúdo Comunicado anterior: empresas com participação direta, indireta, majoritária, **ou seja**, qualquer que seja sua forma.

Observamos que a variável X da estrutura *cualquiera que sea X*, quando atua no Nível Representacional, é sempre codificada, no Nível Morfossintático, por verbos na forma *irrealis*, pois configuram Conteúdos Proposicionais não-factuais⁴, hipotéticos, que podem ou não ser realizados (no futuro), conforme verifica-se em (13):

- (13) Antes de que se registrara la votación contra la señora Colquhoun, una comentarista del Guardian, el diario liberal, había señalado: "Si la echan, será un final vergonzoso para su breve carrera. *Pienso que, **cualquiera que sea la razón política que se aduzca para expulsarla**, lo que realmente habrá ganado cuando Maureen Colquhoun sea derrotada será el prejuicio que existe contra el lesbianismo*" (Espanha, 1977, Ética).

Antes da votação contra a Sra. Colquhoun ser registrada, um comentarista do The Guardian, o diário liberal, apontou: "Se eles lançarem será um vergonhoso fim para sua breve carreira". *Eu acho que, **qualquer que seja o motivo político que se mobilize para expulsá-la**, o que realmente terá ganhado, quando Maureen Colquhoun for derrotada, será o preconceito que existe contra o lesbianismo*.

Observamos que o Conteúdo Proposicional *cualquiera que sea la razón política que se aduzca para expulsarla* é marcado pelo presente do subjuntivo (*se aduzca*), assinalando a hipoteticidade do Conteúdo Proposicional. Defende Rodríguez Rosique (2005) que o modo subjuntivo pode veicular uma avaliação subjetiva do Falante sobre a informação transmitida, apresentando-a como um obstáculo irrelevante e, portanto, incapaz de interferir na Oração. Apresenta-se, em (13), que a razão política mobilizada para expulsar Maureen constitui um hipotético obstáculo que poderia, mas não interfere no conteúdo presente na outra Oração.

Em contrapartida, verificamos uma frequência maior do modo indicativo na Oração vinculada a *cualquiera que sea*. Nessa Oração, há recorrência de verbos no tempo *futuro* (75%), e no tempo *presente* (10%), indicando a factualidade⁵ de seu conteúdo. A forma verbal no modo indicativo, nessa Oração, reforça a ideia de que se espera, ou ao menos, se acredita que algo ocorra, apesar do possível obstáculo introduzido pela construção *cualquiera que sea X*. Em (13), por exemplo, a Oração é codificada com o verbo no *modo indicativo*, no tempo *futuro*, *habrá ganado*.

⁴ Conforme Pérez Quintero (2002), as Orações não-factuais apresentam informações não-supostas, ou seja, desconhecidas pelos participantes da comunicação, uma vez que Falante e Ouvinte não são capazes de prever se tais hipóteses irão ou não se concretizar.

⁵ Para Pérez Quintero (2002), uma Oração é considerada factual quando implica factividade, ou seja, quando há a pressuposição de que um evento é real ou de que um conteúdo proposicional é verdadeiro.

Em resumo, no que concerne aos tempos e modos verbais da Oração vinculada a *cualquiera que sea X*, no Nível Representacional, constatamos que o indicativo é o mais frequente nessa Oração, conforme apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 4: Tempo e modo da Oração vinculada a *cualquiera que sea* (função semântica Concessão).

	Ocorrências
Futuro do Indicativo	15 (75%)
Presente do Subjuntivo	3 (15%)
Presente do Indicativo	2 (10%)
Total	20 (100%)

Averiguamos, pois, que há uma tendência de a estrutura *cualquiera que sea X*, no Nível Representacional, introduzir conteúdos *semifactuais*, uma vez que veicula uma hipótese que se pode ou não realizar (codificada pelo tempo presente do modo subjuntivo), enquanto a Oração veicula uma proposição assumida pelo Falante como verdadeira (marcada pelo presente e futuro do modo indicativo, ou ainda, pelo presente do modo subjuntivo), e tais tempos verbais se relacionam semanticamente ao modo *irrealis* introduzido por *cualquiera que sea X*.

Na sequência, revelamos os resultados da construção *quienquiera que sea*.

4.2 A construção *quienquiera que sea*

Os resultados indicam que a estrutura *quienquiera que sea*, bem como a construção *cualquiera que sea*, pode introduzir sintagmas. Destarte, também acrescentamos uma variável (X) para indicar o que pode acompanhar essa estrutura. Constatamos que a estrutura *quienquiera que sea* também exhibe relações de dois tipos distintos, de acordo com as estratégias comunicativas do Falante.

Averiguamos que 12 (59%) das ocorrências apresenta um comportamento no Nível Interpessoal, enquanto 8 (41%) das ocorrências mostram uma atuação diferente, no Nível Representacional.

4.2.1 *Quienquiera que sea* no Nível Interpessoal

Em (14), nota-se que o Falante insere a estrutura *quienquiera que sea*, estabelecendo uma relação pragmática com a outra construção:

- (14) *Nunca depositen la confianza en un jefe, **quienquiera que sea**...* (Uruguai, 1981, Literatura).

*Nunca depositem a confiança em um chefe, **quem quer que seja**.*

Em (14), verificamos que *quienquiera que sea* constitui um comentário a respeito do referente *un jefe* apresentado anteriormente. O Falante faz uma ressalva, por meio dessa construção: não deposite confiança em um chefe, independentemente de quem tal indivíduo seja, mesmo sendo a pessoa mais agradável do mundo. Como é algo que o Falante acrescenta com vistas à interação, trata-se de uma relação interpessoal; algo que o Falante sente necessidade de mencionar após uma informação já apresentada.

Tal unidade de informação, como visto, em (14), se relaciona aos aspectos pragmáticos da enunciação, o que representa, na GDF, uma relação de escopo entre Atos Discursivos, sendo que o Ato nuclear *Nunca depositen la confianza en un jefe* é restringido pelo Ato subsidiário *quienquiera que sea*.

Assim, o Ato subsidiário *quienquiera que sea* fornece uma informação complementar com relação a um referente já apresentado anteriormente no discurso, o que configura a função retórica Aposição. O Falante vale-se dessa estratégia para ressaltar que o Subato de Referência presente no Ato Discursivo nuclear tem referência genérica, indefinida.

Consideramos que *quienquiera que sea* fornece uma informação de fundo, adicional, sobre um indivíduo introduzido na oração anterior. Observamos que, conforme afirmam Pezatti e Camacho (2016), cada Conteúdo Comunicado, nos dois Atos Discursivos, contém um Subato de Referência evocando a mesma entidade no Nível Representacional, sendo que o pronome indefinido *quienquiera* (+humano) referencia o mesmo Indivíduo (x_i) no Nível Representacional. Para o Falante, não se trata apenas de não confiar em um chefe, mas em qualquer pessoa que possa se tornar chefe, mesmo que seja a melhor pessoa do mundo. Essa relação está representada em (15) a seguir:

- (15) NI: [(A_i: - nunca depositen la confianza **en un jefe** - (A_i)) (A_j: - **quienquiera** que sea - (A_j)_{APOS})]

(-s R_i)

(-s R_j)

Identificamos, pois, que o referente presente no Ato Discursivo anterior é, na maioria das vezes, indefinido, ou seja, não faz uma referência específica no mundo extralinguístico, mas sim uma referência genérica, assim como a própria estrutura *quienquiera que sea*, introduzida pelo Subato de Referência menos específico (-s R_j).

O Ato Discursivo que carrega a Aposição é formulado pragmaticamente em relação de dependência com outro Ato Discursivo, o nuclear. O estatuto de Ato da construção apositiva se comprova pelo fato de ter *status* ilocucionário independente da outra oração (que geralmente se apresenta com força ilocucionária imperativa (F_i)), o que é perceptível, por exemplo, em (16) e, na sua representação, em (16a):

- (16) "Llama a Galbraith y dile: *liberen a ese hombre*, **quienquiera que sea**" (Espanha, 1985, Política).

Ligue para Galbraith e diga para ele: *libertem esse homem*, **quem quer que seja**.

- (16a) NI: [(A_i: (F_i: IMP - liberen a ese hombre - (F_i)) (A_i)) (A_j: (F_j: DECL -quienquiera que sea (F_j)) (A_j)_{APOS})]

O trecho referido diz respeito à fala do presidente dos EUA, na época, Lyndon Johnson, que respondeu ao pedido de vários economistas influentes, como o ex-embaixador John Kenneth Galbraith. O trecho revela o que Johnson disse a um de seus conselheiros por telefone, a respeito da prisão de Mitsotákis, que fora um político grego e presidente do partido Nova Democracia. É possível notar que a estrutura *quienquiera que sea* tem sua própria ilocução declarativa, independentemente da oração anterior. O Falante ordena que liberem Mitsotákis, e acrescenta uma informação a respeito do referente evocado pelo sintagma *ese hombre*.

A não especificidade da referência pode ser observada também por meio da presença de pronomes indefinidos, tais como *alguien* (cf. 17) e *nadie* (cf. 18):

- (17) NORMAN.- (Abre el cuaderno y lee) "Y de hecho no puedo comprender cómo **alguien, quienquiera que sea**, puede desear que la religión cristiana sea verdadera; pues si lo fuera el Evangelio nos dice que todos los incrédulos, y

tendría que contar entre ellos a mi padre, a mi hermano y a casi todos mis mejores amigos, habrían de expiar penas eternas. ¡Una doctrina terrible!" (Espanha, 1980, Teatro).

NORMAN.- (Abre o caderno e lê) "E na verdade *eu não consigo entender como **alguém, quem quer que seja**, pode desejar que a religião cristã seja verdadeira*, pois se fosse, o Evangelho nos diz que todos os incrédulos, e eu teria que contar, entre eles, meu pai, meu irmão e quase todos os meus melhores amigos teriam que expiar penas eternas, uma doutrina terrível!

- (18) Con el tiempo, la situación empeoró tanto que, en 1589, la corte inglesa tuvo que colgar la siguiente advertencia en palacio: *No se permite a **nadie, quienquiera que sea**, antes, durante o después de las comidas, ya sea tarde o temprano, ensuciar las escaleras, los pasillos o los armarios con orina u otras porquerías* (Espanha, 2003, Biología).

Com o passar do tempo, a situação piorou tanto que, em 1589, o tribunal inglês teve que colocar a seguinte advertência no palácio: *Não é permitido a **ninguém, quem quer que seja**, antes, durante ou depois das refeições, seja tarde ou cedo, sujar as escadas, os corredores ou armários com urina ou com outras porcarias*.

Em (17), o Falante insere o Ato Discursivo subsidiário (A_j), a fim de enfatizar que não compreende como uma pessoa (mesmo a pessoa mais improvável para realizar tal ação) possa desejar que a religião cristã seja verdadeira, tendo em vista seus aspectos negativos (*todos mis mejores amigos, habrían de expiar penas eternas*). Em (18), o Ato Discursivo subsidiário (A_j) reforça a ideia de que não é permitido que nenhuma pessoa, *sem exceções*, deteriore o lugar referido. Nota-se que *quem quer que seja* acrescenta uma informação de fundo/generalizadora sobre os indivíduos presentes nos Atos anteriores, o que comprova que se trata da função retórica Aposição. Essas duas ocorrências podem ser assim representadas:

- (17a) [(A_i: - de hecho no puedo comprender cómo **alguien** – (A_j: - **quienquiera que sea** - (A_j)_{APOS}) - puede desear que la religión cristiana sea verdadera - (A_i)]
- (18a) [(A_i: - no se permite a **nadie** - (A_j: - **quienquiera que sea** – (A_j)_{APOS}) - ensuciar las escaleras, los pasillos o los armarios con orina u otras porquerías - (A_i)]

Quienquiera que sea faz a mesma referência generalizadora que *alguien* e *nadie* podem fazer, uma vez que o operador *quiera*, gramaticalizado ao pronome relativo *quien*, incide sobre todo o Ato antecedente, favorecendo uma leitura universal ao Subato

de Referência prévio.

Nas ocorrências que seguem, por sua vez, constata-se que o Falante introduz *quienquiera que sea X* como um comentário que revela seu desconhecimento com relação a um referente do Ato precedente. Vejamos:

- (19) Los cerámicos, los cerámicos, ah, sí, los precios, varían, los precios varían, la cocina de Teresa, Teresa, Teresa, quién es Teresa, sí, si los hubiera comprado entonces, si Teresa hubiera comprado los cerámicos entonces. Dice tu mamá, Julia, que *si Teresa, **quienquiera que sea Teresa**, hubiera comprado los cerámicos entonces, habría ahorrado no sé si mil, o cien mil, o un millón de pesos*, no sé si nuevos o viejos, o de dólares, ni sé si cuando dice "antes" se refiere a antes de la guerra, ¿oís, Julia lo que dice tu mamá sobre el hipotético ahorro de Teresa, ya que de todos modos ella compró los cerámicos después, y no antes de no sé qué fecha? (Argentina, 1981, Novela).

As cerâmicas, as cerâmicas, ah, sim, os preços, variam, os preços variam, a cozinha de Teresa, Teresa, Teresa, quem é Teresa, sim, se ela tivesse comprado, então. Sua mãe diz, Julia, que *se Teresa, **quem quer que seja Teresa**, tivesse comprado as cerâmicas então, teria guardado não sei se mil, cem mil, um milhão de pesos*, não sei se novos ou velhos, dólares, não sei se quando diz "antes" se refere a antes da guerra, você ouve, Julia, o que sua mãe diz sobre a hipotética poupança de Teresa, já que de qualquer maneira ela comprou a cerâmica mais tarde, e não antes de não sei que data?

- (20) Bebé estaba desnuda y dormida en la orilla, con el osito entre los senos, gran señora, no merece morir, quédese dormida, *sueñe con su hijo, que dondequiera que esté, y **quienquiera que sea**, estará muy orgulloso de la madre que no tuvo* (Cuba, 1992, Novela).

Bebé estava nua e adormecida na praia, com o ursinho em seu peito, grande dama, não merece morrer, adormece, *sonhe com seu filho*, onde quer que esteja, e **quem quer que seja**, *ficará muito orgulhoso da mãe que não teve*.

- (21) - Límitate a transmitir mi mensaje. -Hizo una pausa- Y *advierte a ese Presidente, **quienquiera que sea***, que si no me devuelve a mi huésped, lo mataré también (Espanha, 1981, Novela).

- Limite-se em transmitir minha mensagem. -Fez uma pausa- E *avise a esse presidente, **quem quer que seja***, que se ele não devolver o meu convidado, eu vou matá-lo também.

Nas ocorrências anteriores, o Falante acrescenta, por meio de *quienquiera que sea*, que a referenciação específica é irrelevante para seus propósitos comunicativos. Trata-se, de certa forma, de uma estrutura metalinguística, uma vez que o Falante deixa claro que não importa quem seja a pessoa a quem está se referindo, o que importa é o

conteúdo a ser comunicado. Em (19), por exemplo, Teresa é o indivíduo sobre o qual se fala, no entanto, é desconhecido pelo Falante ou, simplesmente, para ele, não importa. Evidencia-se tal fato, por tratar-se de uma narrativa, em que uma avó conta para sua neta sobre uma personagem que deveria ter economizado dinheiro, mas não o faz, e, por isso sofre más consequências. Ao enunciar *quienquiera que sea*, a avó deixa claro que é irrelevante para sua narrativa quem seja Teresa, o que importa, de fato, é a mensagem que se passa, pois todas as pessoas devem guardar dinheiro.

Da mesma forma, em (20), o narrador lamenta a situação da personagem Bebé, e sugere que ela hipoteticamente esteja sonhando com seu filho, por tê-lo abandonado. Dessa maneira, para o narrador, é relevante acrescentar que, não importa quem seja esse indivíduo, ele estará em algum lugar orgulhoso da mãe que não teve.

Em (21), por fim, constata-se que o enunciador também introduz o Ato Discursivo *quienquiera que sea*, como um adendo, que revela e enfatiza que a entidade evocada pelo Subato de Referência *ese Presidente* é, na verdade, não específica para o Falante. O enunciador, então assume que desconhece quem seja o presidente, e insere o Ato *quienquiera que sea* para reforçar a ideia de que o que importa é que se avise o presidente de sua ameaça. Por meio desse Ato, o Falante assume a ignorância frente a um referente do discurso, e coloca a referenciação específica como irrelevante para a comunicação efetiva.

As ocorrências (19), (20) e (21) podem, assim, ser representadas como seguem, respectivamente, (19a), (20a) e (21a) a seguir:

- (19a) NI: (M_i: [(A_i: - si **Teresa** - (A_j: - **quienquiera que sea Teresa** - (A_j)_{APOS}) - hubiera comprado los cerámicos - (A_j)) (A_i: - entonces habría ahorrado no sé si mil o cien mil, o un millón de pesos (A_i))] (M_i))
- (20a) NI: (M_i: [(A_i: - Sueño con **su hijo** que - (A_j: - **quienquiera que sea** - (A_j)_{APOS}) - estará muy orgulloso de la madre que no tuvo - (A_i))] (M_i))
- (21a) NI: (M_i: [(A_i: - advierte **a ese Presidente** (A_i)) (A_j: - **quienquiera que sea** - (A_j)_{APOS})] (M_i))

Observamos, por fim, que o uso da estrutura *quienquiera que sea* pode configurar um Ato Discursivo subsidiário que carrega função retórica Aposição, no Nível Interpessoal.

4.2.2 *Quienquiera que sea* no Nível Representacional

A estrutura *quienquiera que sea* pode atuar também, no domínio semântico, como argumento de um predicado, ou seja, pode ser essencial à predicação, conforme (22):

- (22) La Cruz Roja trabaja, capacita y *ayuda a quienquiera que sea* (México, 1996, Saúde pública).

A Cruz Vermelha trabalha, capacita e *ajuda a quem quer que seja*.

Em (22) a construção (a) *quienquiera que sea* exerce, tradicionalmente, função sintática de *complemento directo de persona*⁶ com relação ao predicado *ayudar*, uma vez que o pronome *quien* faz referência a pessoas, tendo, primariamente, a função de ocupar *slots* argumentais na predicação. Dessa maneira, enuncia-se que, independentemente de quem seja a pessoa, a Cruz Vermelha se dispõe a ajudá-la. Nesses casos, observa-se que, em termos semânticos, a retirada de *quienquiera que sea* afetaria a gramaticalidade da oração, como se observa na paráfrase:

- (22a) *La Cruz Roja trabaja, capacita y ayuda.

Tendo em vista que o predicado *ayudar* requer segundo argumento (em termos de DIK, 1989) com traço [+humano] (*ayudar a X*), a estrutura *quienquiera que sea* assume tal lugar na predicação.

Quienquiera que sea também integra a predicação nas ocorrências (23) e (24) a seguir:

- (23) Tu padre es casi lo único que me queda en la vida. Tu padre y estos niños, que tampoco son míos- la voz ya se la ha quebrado, definitivamente, el llanto, y cuelga sin poder hablar más. Casi en seguida empieza a sonar de nuevo el teléfono, **quienquiera que sea** *debía de estar acechante en la espera*, y Gloria consigue, con esfuerzo, mantener la suya firme el tiempo suficiente para gritarle a su Hermano (Espanha, 2002, Novela).

Seu pai é quase tudo que me resta na vida. Seu pai e essas crianças, que não são

⁶ Tradicionalmente, a preposição (a) é usada quando o objeto direto se refere a uma pessoa, e o verbo exige tal complemento.

minhas também - a voz já quebrou, definitivamente, o choro, e desliga sem poder falar mais. Quase imediatamente o telefone começa a tocar de novo, **quem quer que seja** devia estar à espreita na espera, e Gloria consegue, com esforço, manter sua voz firme por tempo suficiente para gritar com seu irmão.

- (24) Y Bumke, que se mostró siempre muy entusiasta de la correlación entre la psicopatía esquizoide y psicosis esquizofrénica, si bien señalaba que el 70 por 100 de los pacientes no habían sido advertidos por los familiares de alteración alguna de carácter, podía observar en ellos un predominio de las naturalezas serias, silenciosas, ambiciosas y susceptibles, a las que seguían en frecuencia las extravagantes, los soñadores indecisos, los inconsistentes, quisquillosos, excitados, los tercos inabordables y desconfiados y, finalmente, los de naturaleza fría y despiadadamente tiránica; o bien, de chocante severidad, de exagerada escrupulosidad, pedantería y pesadez. Se comprende que estas descripciones sean escasamente operativas y que no sea difícil *hacer entrar a **quienquiera que sea** dentro de algunos de estos grupos tan vagamente diferenciados* (Espanha, 1980, Psiquiatria).

E Bumke, que sempre foi muito entusiasmado com a correlação entre psicopatia esquizoide e psicose esquizofrênica, embora tenha apontado que 70% dos pacientes não foram alertados por parentes de qualquer alteração de caráter, ele pôde observar neles, uma predominância de naturezas sérias, silenciosas, ambiciosas e suscetíveis, muitas vezes seguidas pelos extravagantes, os sonhadores hesitantes, os teimosos incoerentes, agitados, excitados, intratáveis e desconfiados e, finalmente, os de uma natureza fria e impiedosamente tirânica; ou, de severidade chocante, de escrúpulos, pedantismo e peso exagerados. É compreensível que essas descrições sejam pouco operacionais e que não seja difícil *incluir **quem quer que seja** dentro de alguns desses grupos tão vagamente diferenciados*.

Em termos tradicionais, *quienquiera que sea* exerce, em (23), a função sintática de sujeito e, em (24), a de *complemento directo de persona*. Mais uma vez, o traço [+humano] está presente na construção. Trata-se, na verdade, de uma tentativa do Falante de evocar um referente que configura um Subato de Referência menos específico (-s R_i) no Nível Interpessoal, enquanto que, no Nível Representacional, tal Subato corresponde a um Indivíduo (x_i), argumento dos predicados *debía de **estar*** em (23) e *hacer **entrar*** em (24). Em (23a) e (24b), na sequência, tem-se a representação dos Subatos Discursivos na GDF, tanto no Nível Interpessoal, como em sua contraparte, no Nível Representacional:

(23') NI: [(C₁: - *quienquiera que sea* debía de estar – (C₁))]

	(-s R _i)	(T _i)
NR:	(x _i) _A	(f _i)

(24')	NI: [(C ₁ : - hacer entrar	a <i>quienquiera que sea</i> – (C ₁))]
	(T _i)	(–s R _i)
NR:	(f _i)	(x _i) _U

Na ocorrência (23) o narrador discorre sobre uma inesperada chamada telefônica. A fim de criar um ambiente de mistério ao leitor, a respeito do indivíduo que pudesse estar telefonando, o Falante utiliza a estrutura *quienquiera que sea* para referir-se a essa pessoa misteriosa, que exerce função semântica Ativo (A) na predicação, e a perífrase verbal *deber de estar* traz uma avaliação subjetiva do enunciador, por meio do verbo modal *deber (de)*, a respeito do evento *estar acechante en la espera*.

A ocorrência (24) foi tirada de uma revista sobre Psiquiatria, e, no trecho utilizado, narra-se a respeito de uma doença mental e suas características. Após enumerá-las, o enunciador é irônico ao dizer que não seria difícil incluir qualquer pessoa (*no importa quem*) nessa lista de “sintomas”, já que são tantos. Nesse caso, *quienquiera que sea* também toma a forma de um Indivíduo (x_i), correspondente a um Subato (–s R_i) menos específico, no Nível Interpessoal, e esse Indivíduo é argumento Inativo (U) do predicado *hacer entrar X*, que, nesse contexto, significa *incluir*.

A diferença desse tipo de estrutura em comparação com as que atuam no Nível Interpessoal, é a de que por si só não constituem Atos Discursivos. Há uma dependência semântica entre as partes da predicação, o que não ocorre quando constituem Atos. Verificamos que a diferença se dá principalmente na codificação Morfossintática, uma vez que a relação entre as orações é essencial, e não acessória como ocorre nos casos do Nível Interpessoal (como funções retóricas, ou seja, Aposições).

4.2.3 Posição da construção *quienquiera que sea*

Quando o Ato Discursivo *quienquiera que sea* exerce função retórica Aposição, e se refere a um Subato de Referência, a relação de dependência que ocorre, no Nível Morfossintático, é entre um Sintagma e uma Oração, o que indica um caso de *extraoracionalidade*, conforme atestam Pezatti e Camacho (2016). Nesses casos, a ordenação de *quienquiera que sea* deve ser vista no âmbito do Sintagma e não da Oração. Verifica-se na ocorrência (25), e em sua representação (25a), que, dentro da

Expressão Linguística (Le_i), a Oração *quienquiera que sea* (Cl_i) se posiciona diretamente após o Sintagma nominal (Np_i), *Safo*:

- (25) Amelia: Pero bueno, que yo me entere: ¿existió realmente Safo o no?
 Luisa: ¡Qué ingenua! ¡Claro que sí! Hortensia se citaba con Safo en el pabellón. Y esta noche Safo está aquí, entre nosotras.
 Amelia: ¿Aquí?
 Luisa: Y la chivata también. Una de nosotras dio el soplo a la Madre Superiora y Hortensia fue expulsada.
 Amelia: ¿Por qué una de nosotras? Éramos cincuenta alumnas en la clase. Pudo ser cualquiera.
 Carlota: No. Fue una de nosotras.
 Luisa: Opino que *Safo*, **quienquiera que sea**, *debería ahora tener valor* para ir a la terraza, consolar a Hortensia y demostrar que es un hombrecito de buen corazón (Espanha, 1988, Teatro).

Amelia: Mas ei, deixe-me descobrir: Safo realmente existiu ou não?
 Luisa: Que ingênua! Claro que sim! Hortênsia estava se encontrando com Safo no pavilhão. E esta noite Safo está aqui, entre nós.
 Amelia: Aqui?
 Luisa: E o delator também. Uma de nós contou à Madre Superiora e Hortênsia foi expulsa.
 Amelia: Por que uma de nós? Nós éramos cinquenta alunas na turma. Pode ser qualquer um.
 Carlota: Não. Foi uma de nós.
 Luisa: Eu acho que *Safo*, **quem quer que seja**, *deveria agora ter a coragem* de ir ao terraço, consolar Hortênsia, e mostrar que ele é um homenzinho de bom coração.

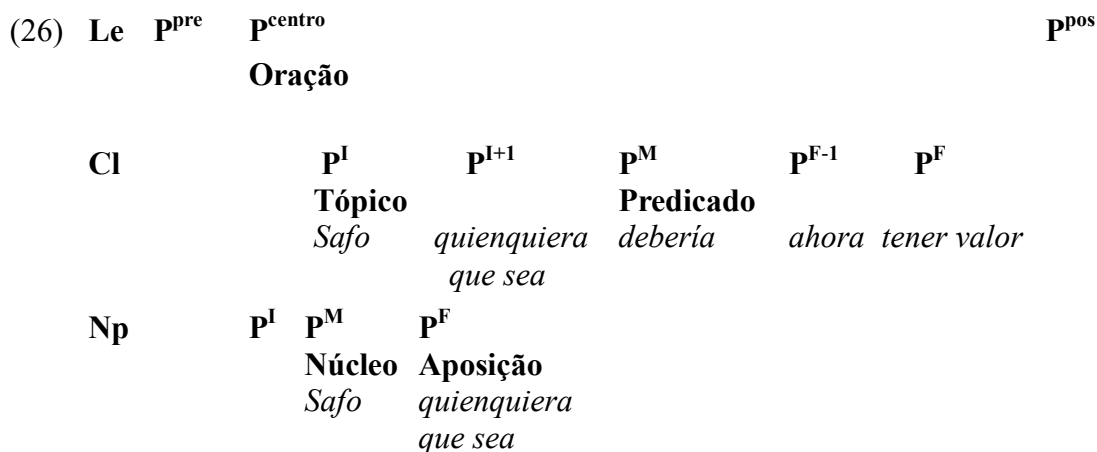
- (25a) NM: (Le_i: [(Np_i: - **Safo** - (Np_i)) (Cl_i: (Vp_i: - **quienquiera que sea** - (Vp_i)) (Cl_i)) (Cl_j: (Vp_j: - debería - (Vp_j)) (Adv_{p_i}: - ahora - (Adv_{p_i})) (Vp_k: - tener valor - (Vp_k)) (Cl_j))] (Le_i))

Averigua-se que, na relação de extraoracionalidade, *quienquiera que sea* aparece inserida no domínio de P^F do Sintagma ao qual se refere, em (25a), *Safo*. Confirmamos, pois, que o posicionamento da estrutura não é aleatório, mas sim funcionalmente motivado pela intenção do Falante de adicionar um comentário sobre o referente desconhecido presente no Ato Discursivo anterior.

No trecho referido, há uma discussão acerca do indivíduo Safo, que é desconhecido pelos interlocutores do diálogo. Safo é namorado de uma das personagens da história, mas não é conhecido por suas amigas. Dessa maneira, Luisa acrescenta um comentário genérico a respeito desse indivíduo evocado no Subato de Referência (-s R_i),

de que, independentemente de quem fosse, ele deveria consolar Hortensia, personagem que tinha sido expulsa do convento.

O padrão de ordenação de Expressão Linguística constituída pela função retórica Aposição por extraoracionalidade está representado em (26), conforme propõem Pezatti e Camacho (2016) para o português:



No Nível Representacional, a estrutura *quienquiera que sea* pode ser argumento de predicado. A posição dessas estruturas é reflexo da interação entre os níveis, de suas funções identificadas nos níveis mais altos, de Formulação. Quando ocupa posição de Sujeito, aparece em P^I da Oração dependente. Verifica-se, em (27), e em sua representação, em (27a):

- (27) - ¿Te gusta la pieza que he capturado? -me dijo.
 - ¿Quién es?
 - Te juré que lo conseguiría. ¿Recuerdas?
 - No acierto a distinguir su rostro desde aquí. Parece un gigante. ¿Quién es? - pregunté.
 - No puedo creer que lo hayas olvidado. ¿Has perdido la fe?
 - ¡No!
 - ¡Es Jehová, muchacho!
 - No lo es.
 - Lo cacé con una red. Apenas opuso resistencia.
 - Reconocería a Jehová entre miles de dioses. Ese gigante no es el amo de las esferas. No es el todopoderoso. No es el creador del universo.
 - **Quienquiera que sea está ahí**, en la jaula, para ser vendido como esclavo en pública subasta. (Espanha, 1987, Novela).
- Gosta da peça que eu capturei? -me disse.
 - Quem é?
 - Eu jurei que você entenderia. Lembra?
 - Eu não consigo distinguir o rosto dele daqui. Parece um gigante. Quem é? Eu

perguntei.

- Eu não posso acreditar que você esqueceu. Você perdeu a fé?

- Não!

- É Jeová menino!

- Não é.

- Eu peguei ele com uma rede. Ele dificilmente resistiu.

- Eu reconheceria a Jeová entre milhares de deuses. Esse gigante não é o mestre das esferas. Ele não é o todo-poderoso. Ele não é o criador do universo.

- **Quem quer que seja** *está lá*, na gaiola, para ser vendido como escravo em leilão público.

(27a)	P^I		P^M	P^F
	quienquiera	que	sea está	ahí

A relação entre duas Orações que dependem umas das outras, numa relação argumental, é de *subordinação*, conforme Keizer (2015). É possível notar que *quienquiera que sea* exerce função de sujeito com função semântica Inativo (U) (paciente), com relação ao predicado *estar*, que requer tal informação. Devido a essa necessidade de ordem semântica (*Algo/alguém estar em algum lugar*), *quienquiera que sea* assume tal posição no Nível Morfossintático.

Por outro lado, quando ocupa posição de *complemento directo de persona*, neste domínio, Objeto na Oração, frequentemente aparece em P^{M+1} com ou sem a preposição requerida pelo predicado:

(28)	P^I	P^M	P^{M+1}
	La Cruz Roja	trabaja, capacita y ayuda	a quienquiera que sea

Observamos que, nesse caso, a função sintática é de Objeto, com função semântica Inativo (U) (paciente), requerido pelo predicado *ayudar*, determina a posição P^{M+1} da Oração *quienquiera que sea*, em (28). Na seção que segue, mostramos de que maneira a correlação modo-temporal reflete os aspectos de ordem pragmática e semântica dessas estruturas.

4.2.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a *quienquiera que sea* X

Vimos que a forma verbal de *ser* no tempo presente do modo subjuntivo (*sea*) se revela pela intenção do Falante de ser genérico. Em (29), na estrutura *quienquiera que*

sea, o verbo *ser* expressa a indiferença do Falante em não especificar o referente *el infiel*, que é também indefinido:

- (29) Entre las detrimentos de la emergencia social del terrorismo también tenemos varios y de bastante calado. Citando uno de los más descorazonadores, diría que los grupos criminales están comenzando a adaptarse al mensaje de rechazo social. El ejemplo del terrorismo islamista es paradigmático. No sólo les es doctrinalmente sencillo justificar la aversión de occidente hacia su violencia, sino que incluso es una reacción estratégicamente buscada para *continuar abriendo la brecha de separación que pretenden cavar entre el Islam y el infiel, **quienquiera que sea*** (Espanha, 2004, Psicologia).

Entre os malefícios da emergência social do terrorismo, também temos vários e bastante significativos. Citando um dos mais desanimadores, eu diria que grupos criminosos estão começando a se adaptar à mensagem de rejeição social. O exemplo do terrorismo islâmico é paradigmático. Não só é doutrinariamente simples justificar a aversão do Ocidente à sua violência, mas é até mesmo uma reação estrategicamente procurada para *continuar a abrir a lacuna de separação que eles pretendem cavar entre o Islã e o infiel, **quem quer que seja***.

Saldanya (1999) afirma que o desconhecimento da identidade de um referente desencadeia o uso do subjuntivo em construções do tipo *quienquiera que sea* ou *sea quien sea*. Nesses casos, por meio do verbo *ser* no presente do subjuntivo, o Falante coloca em dúvida a existência do referente, mas também expressa indiferença com relação à expressão exata, específica de tal referente.

Quando *quienquiera que sea* exerce função retórica Aposição (cf. 29), constatamos uma prevalência de verbos no modo indicativo (69%) na primeira Oração que corresponde ao Ato Discursivo nuclear, conforme (29), *la brecha de separación que **pretenden** cavar entre el Islam y el infiel*, o que revela uma menor dependência sintática dessa Oração, com relação à Aposição que se insere como um comentário acerca do referente, *el infiel*.

O modo imperativo (31%) também se mostrou bastante recorrente na Oração que corresponde ao Ato nuclear (cf. 5.2.1), mostrando, no Nível Morfossintático, o resultado da Ilocução expressa do Ato Discursivo nuclear independente do Ato Discursivo subsidiário, um indício de que essa Oração se codifica numa menor dependência sintática, uma vez que a retirada de *quienquiera que sea* não prejudica, em termos sintáticos, a outra Oração, conforme (30) e sua paráfrase em (30a):

- (30) Y **advierte** a ese Presidente, *quien quiera que sea*, que si no me devuelve a mi huésped, lo mataré también.

- (30a) Y **advierete** a ese Presidente, que si no me devuelve a mi huésped, lo mataré también.

Na tabela que segue, resumimos a alternância modal da primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear nas posições por *quienquiera que sea*:

Tabela 5: Modo da primeira Oração, que corresponde ao Ato Discursivo nuclear (função retórica Aposição).

	Ocorrências
Indicativo	8 (69%)
Imperativo	4 (31%)
Total	10 (100%)

Quando *quienquiera que sea* faz parte do esquema de predicado, constatamos, também, uma prevalência do modo indicativo na Oração dependente, quando a estrutura ocupa posição de Sujeito, conforme se verifica na tabela:

Tabela 6: Modo da primeira Oração (função argumental).

	Ocorrências
Indicativo	6 (78%)
Infinitivo	2 (22%)
Total	8 (100%)

Percebemos, ainda, que a Oração dependente é marcada pelo verbo no infinitivo, quando *quienquiera que sea* ocupa posição de Objeto, o que revela o maior grau de integração sintática entre *quienquiera que sea* e a outra Oração (cf. HENGVELD, 1998).

4.3 A construção *comoquiera que sea*

A construção *comoquiera que sea* pode se relacionar a partes do texto maiores do que uma oração, quando se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação, ou pode veicular o modo como algo ocorre, quando atua no domínio semântico.

Constatamos, pois, que 30 (91%) dos casos ocorrem no Nível Interpessoal, enquanto 3 (9%) pertencem ao Nível Representacional.

4.3.1 *Comoquiera que sea* no Nível Interpessoal

Observa-se a ocorrência, em (31):

- (31) 1888 es el año del nacimiento de Ramón López Velarde y es, también, el año del nacimiento del modernismo según lo consideraba Ernesto Mejía Sánchez, quien, por determinar la cronología de Rubén Darío, estaba dispuesto a perder la suya propia. Ciertamente, Mejía Sánchez atribuía a la publicación de *Azul...* en el año de 88 el papel inaugural del movimiento literario que el tiempo acabó por identificar con la obra del enorme poeta nicaragüense, no obstante que en años anteriores Martí hubiera publicado *Ismaelillo* y *Epístolas* y poemas, Gutiérrez Nájera *Cuentos frágiles* y los tan porfirianos versos de "La duquesa Job" y Salvador Díaz Mirón sus primeros poemas. **Como quiera que sea, Ramón López Velarde nace con el modernismo y escribe sus versos de adolescencia y gran parte de los que habrán de integrar su primer libro en el transcurso de este movimiento, que en el caso de México no habrá de detenerse** -como lo precisa José Emilio Pacheco con una imagen casi cinematográfica- **sino hasta 1914**, cuando las tropas zapatistas irrumpen entre los bambúes del jardincito japonés que José Juan Tablada, a manera de haikú ecológico, había cultivado en Coyoacán (México, 2001, Literatura).

1888 é o ano do nascimento de Ramón López Velarde e é também o ano do nascimento do modernismo, segundo o que Ernesto Mejía Sánchez considerou que, para determinar a linha do tempo de Rubén Darío, estava disposto a perder sua própria linha do tempo. Certamente, Mejía Sánchez atribuía à publicação de *Azul...* no ano 88, o documento inaugural do movimento literário que o tempo acabou por identificar como o trabalho do enorme poeta nicaraguense, ainda que em anos anteriores Martí tivesse publicado *Ismaelillo* e *Epistles* e poemas, *Contos Frágeis* Gutiérrez Nájera e os versos porfirianos de "O Trabalho da Duquesa" e Salvador Diaz Mirón, seus primeiros poemas. **Como quer que seja, Ramón López Velarde nasceu com o modernismo e escreve seus versos da adolescência e muitos daqueles que integrarão seu primeiro livro no decorrer deste movimento, que no caso do México não vai parar** -como José Emilio Pacheco precisa de uma imagem quase cinematográfica - **até 1914**, quando as tropas zapatistas invadiram o bambu do jardim japonês que José Juan Tablada, como haiku ecológico, havia cultivado em Coyoacán.

Na ocorrência (31), o escritor inicia sua narrativa evidenciando o ano do nascimento do poeta mexicano Ramón López Velarde, período que coincide com o nascimento do modernismo, movimento literário sobre o qual passa a discorrer. O narrador passa a tratar, a partir de então, dos autores e obras que teriam contribuído para o surgimento do modernismo no México. Em certo momento da narrativa, o narrador

para de mencionar os vários autores e volta a tratar especificamente de Ramón López Velarde, o que faz por meio da estrutura *comoquiera que sea*, em: *Como quiera que sea, Ramón López Velarde nace con el modernismo y escribe (...)*.

De acordo com Almeida (2011)⁷, da perspectiva da Linguística Textual, estruturas do tipo *seja como for*, no português, e *comoquiera que sea*, no espanhol, se aproximam de uma ideia de supressão ou desconsideração do argumento anterior. Martín Zorraquino e Portolés (1999) estabelecem um grupo de expressões denominado *reformuladores*, no qual se incluem, por exemplo, *de cualquier forma* e *de cualquier modo*.

A reformulação, conforme os autores, é uma operação de mudança de perspectiva enunciativa que vem de uma retrointerpretação do movimento discursivo antecedente. O Falante, seguindo uma primeira formulação dada como autônoma e, portanto, formadora de um movimento discursivo, acrescenta um segundo movimento discursivo que vem englobar a primeira formulação e subordiná-la retroativamente. Essa nova formulação é introduzida por um “conector” reformulativo e o uso desse conector permite ao locutor indicar explicitamente a mudança de perspectiva enunciativa operada.

Dessa forma, Almeida (2011) considera que o termo reformulação deve ser compreendido como um processo de retrointerpretação: ela não produz somente uma modificação quanto à forma, mas quanto à maneira como o locutor apreende a realidade evocada em um ponto de vista a partir da perspectiva enunciativa escolhida.

A reformulação, dessa perspectiva, é uma estratégia que se refere, pois, à organização do discurso que permite ao Falante voltar sobre um segmento anterior para reinterpretá-lo e apresentá-lo a partir de uma perspectiva diferente.

No exemplo que segue, observa-se que a construção *comoquiera que sea* introduz o que o Falante deseja ressaltar como informação mais importante do ponto de vista comunicativo:

- (32) En esta elección el PSOE hizo un consciente esfuerzo de captar al electorado conservador, pero obtuvo unos resultados insatisfactorios; la verdad es que, como ya se ha señalado, la causa estribó más en la capacidad de UCD de captar parte de los sufragios de AP que en cualquier cosa que hiciera el PSOE. **Comoquiera que sea**, el hecho es que los socialistas habían tenido casi la certeza de acceder al poder y, por tanto, sufrieron una profunda decepción

⁷ O autor analisa as estruturas *seja como for* e *sea como fuere* da perspectiva da Linguística Textual.

(Espanha, 1991, Política).

Nesta eleição, o PSOE fez um esforço consciente para capturar o eleitorado conservador, mas obteve resultados insatisfatórios; a verdade é que, como já foi apontado, a causa estava mais na capacidade da UCD de capturar parte dos votos da AP do que em qualquer coisa que o PSOE fizesse. **Como quer que seja**, o fato é que os socialistas quase tiveram a certeza de subirem ao poder e, portanto, sofreram um profundo desapontamento.

Em (32), argumentava-se a respeito dos resultados insatisfatórios das eleições para o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), devido a UCD (União de Centro Democrático) ter se apoderado de grande parte dos votos da AP (Aliança Popular). Em determinado momento da argumentação, *comoquiera que sea* atua na organização da argumentação, pois permite que o Falante volte à sua tese de que de que o PSOE teria feito manobras para ganhar os eleitores e ganhar o poder.

Nesse movimento anafórico com relação a toda informação apresentada anteriormente, *comoquiera que sea* interrompe o fio discursivo e introduz aquilo que é considerado como mais relevante comunicativamente pelo Falante: o fato é que, independente de como tenha se dado a disputa eleitoral, os socialistas estavam certos de que subiriam ao poder.

Percebemos que, quando o Falante introduz a construção *comoquiera que sea*, há uma supressão de uma porção textual X, que se encontra anteposto a essa oração, e o trecho Y que se encontra posposto à estrutura *comoquiera que sea* é a ideia “reformulada” (nos termos de Almeida, 2011) que o Falante traz:

- (32a) **X:** a causa estava mais na capacidade da UCD de capturar parte dos votos da AP do que em qualquer coisa que o PSOE fizesse,
como quer que seja
Y: o fato é que os socialistas quase tinham a certeza de subirem ao poder.

Almeida (2011) afirma que marcadores discursivos do tipo *comoquiera que sea*, contestam a pertinência de se evocar um segmento textual X já que, independentemente dele, é mais pertinente afirmar Y. Essa supressão ocorre com a finalidade de retomar o tema do texto após alguma exemplificação ou digressão. A reformulação acontece, portanto, suprimindo esse segmento da exemplificação ou digressão.

Percebe-se que a estrutura aqui analisada atua na organização textual, pois tem o papel de sinalizar que a narrativa mudará de direção, que haverá uma retomada de algo que já havia sido mencionado. O fragmento introduzido por *comoquiera que sea*

constitui um bloco de informações, e esse bloco de informações, ou esse trecho introduzido pelo narrador, pode ser concebido, na GDF, como um Movimento, a camada mais alta do Nível Interpessoal.

A construção *comoquiera que sea* atua, no Nível Interpessoal, como um modificador de Movimento (M_i) ou de Atos Discursivos (A_i). Frequentemente, esses modificadores são dados como parênteses, e podem servir para indicar uma digressão ou retornar ao enredo principal.

Comprovamos que *comoquiera que sea* é um modificador de Movimento por meio da inserção de um operador contrastivo, tal como *sin embargo*, típico dessa camada, conforme se observa em (33):

- (33) (M_i) *comoquiera que sea*
Sin embargo
 (M_j) el hecho es que los socialistas habían tenido casi la certeza de acceder al poder

A possibilidade de coocorrência do operador contrastivo *entretanto* com a expressão *comoquiera que sea* reforça o estatuto dessa construção como um modificador de Movimentos. A análise dos dados revela também ocorrências em que a conjunção adversativa *pero* ocorre junto à estrutura *comoquiera que sea*, corroborando para sua caracterização como um modificador. Verifica-se em (34) e em sua representação, em (34a):

- (34) Por entonces ya sólo hablaba conmigo mismo, tratando de buscar la respuesta a tantas preguntas; no hallé ninguna o las hallé todas, pero **comoquiera que sea** sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón, un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios (España, 1980, Novela).

Naquela época, eu só falava comigo mesmo, tentando encontrar a resposta para tantas perguntas; Não encontrei nenhuma, ou as encontrei todas, mas, **como quer que seja**, só conseguí me tornar aquele advogado celibatário da irracionalidade, um infeliz incapaz de suportar conflitos que só sabem perseguir suas causas sem encontrar seus remédios.

- (34a) NI: (M_i : [(A_i : sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón (A_i)) (A_j : - un desgraciado incapaz de soportar los conflictos que sólo sabe perseguir sus causas sin encontrar sus remedios – (A_j))] (M_i : - comoquiera que sea ((M_i))

Nota-se que em (34a) o Falante apresenta uma reflexão acerca de sua vida, da

busca por respostas, que não puderam ser encontradas. Há a supressão de tal segmento discursivo, e, em seguida, apresenta-se, por meio do modificador *comoquiera que sea* (M_i), uma porção textual considerada mais relevante pelo Falante. Trata-se de uma conclusão por ele alcançada, expressa, por meio da operação de reformulação linguística, a respeito de toda a informação dita anteriormente: *apesar de toda essa busca por respostas, só consegui me tornar um infeliz incapaz de suportar conflitos*. Nesse caso, a conjunção adversativa *pero* corrobora o sentido contrastivo que se estabelece entre os argumentos apresentados pelo Falante.

Segundo Martín Zorraquino (1998), também da perspectiva da Linguística Textual, diferentemente do que ocorrem com as palavras que integram a oração propriamente dita, os marcadores do discurso não admitem, normalmente, a gradação nem qualquer outro tipo de quantificador, tampouco podem ser submetidos à negação. Isso permite distinguir os advérbios de incidência verbal (não marcadores), dos advérbios e locuções adverbiais que podem ser marcadores do discurso.

Conforme o autor, as características de (i) a (iii) comprovam o estatuto de modificador da estrutura *comoquiera que sea*:

- (i) não podem ser focalizadas por meio da clivagem (cf. 35);
 - (ii) não podem ser negadas (cf. 36);
 - (iii) impossibilidade de transformá-la em uma resposta de uma interrogativa modal (com o pronome interrogativo *cómo*) (cf. 37):
- (35) ***es/fue comoquiera que sea que** sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón.
 - (36) ***no comoquiera que sea** sólo logré convertirme en ese célibe abogado de la sinrazón.
 - (37) ¿**Cómo** te has convertido en ese célibe abogado de la sinrazón? (***comoquiera que sea**).

Constatamos, portanto, nas ocorrências anteriores, que a construção *comoquiera que sea*, atuando no Nível Interpessoal, interrompe um segmento textual e introduz uma reformulação com relação a enunciados anteriores. De modo geral, introduz um conteúdo considerado pelo Falante mais importante ou relevante do que aquilo que se tenha apresentado anteriormente.

4.3.2 *Comoquiera que sea* no Nível Representacional

Diferentemente do que vimos na seção anterior, *comoquiera que sea* pode também atuar, no Nível Representacional, relacionando-se aos aspectos semânticos da enunciação, conforme (38):

- (38) "Señor académico, ¿puedo *escribir mi nombre comoquiera que sea*?"
"La respuesta es no" (Espanha, 2018, Internet).

"Senhor acadêmico: Posso *escrever meu nome como quiser/como quer que seja*?"

"A resposta é não".

Em (38), verifica-se que *comoquiera que sea* incide sobre a propriedade configuracional *escribir mi nombre*, indicando o modo como deve ser escrito. Trata-se de uma manchete de uma página da internet, sobre dicas de escrita acadêmica, em que se pergunta: "posso escrever meu nome como quer que seja?", podendo a estrutura *como quer que seja* ser parafraseada por outras do tipo "de qualquer forma", "da forma que quiser", "lindamente", etc.

Destarte, constatamos que a construção *comoquiera que sea* pode carregar informação semântica, o que caracteriza, na GDF, a função Modo (m_i), como se verifica em (39):

- (39) Guiados por esa honra, es verdad que muchos de nosotros arrojamos hacia la purificación del fuego todo aquello que es claramente efímero o que finge ser duradero: gatos, autos usados, ovejas secas, cáscaras de naranja, prostíbulos y monos amarillos, y etcétera, y etcétera, y etcétera. ¿Y qué nombre diréis que ponen, a las hogueras dichas, aquesos enemigos extenuados por entre el fragor de su envidia? Pues barbarie las denominan. Ellos llaman barbarie a lo que, como claro queda, no es nada menos que el ritual de nuestra purificación. En verdad que *su error puede ser calificado comoquiera que sea*, pero de moderado, nunca (Espanha, 1991, Relatos).

Guiados por essa honra, é verdade que muitos de nós lançamos na purificação do fogo tudo que é claramente efêmero ou que finge ser durável: gatos, carros usados, ovelhas secas, cascas de laranja, bordéis e macacos amarelos, etc., etc., etc. E que nome você dirá que colocam, para as ditas fogueiras, aqueles inimigos esgotados pelo calor de sua inveja? Bem, eles as chamam de barbáries. Eles chamam de barbárie o que, é claro, nada mais do que o ritual de nossa purificação. Na verdade, *seu erro pode ser classificado como quiser/como quer que seja*, mas de moderado, nunca.

Nesse caso é possível notar que a construção se relaciona diretamente ao predicado *ser classificado*, tendo em vista que, para o Falante, o erro das pessoas, com relação aos seus costumes, pode ser classificado *de qualquer maneira*, mas nunca de maneira moderada.

Além disso, atestamos o estatuto semântico dessa construção, que, diferentemente de quando atua como modificador de Movimentos, pode representar uma resposta a uma interrogativa modal:

- (39a) P: ¿**Cómo** ha sido calificado su error?
R: **Comoquiera que sea** (*de cualquier modo*).

Constatamos que *comoquiera que sea*, em (39a), configura um predicativo do sujeito, ou seja, um segundo predicado (T_j), com a função semântica, Modo (m_i), uma vez que é usada predicativamente à propriedade *calificar* (f_i). Observa-se sua representação, em (39b):

- (39b) NI: (T_i) (R_i) (T_j)
NR: (f_i : calificar (f_i)) (x_i : (f_j : error (f_j)) (x_i))_U (m_i : (f_k : comoquiera que sea (f_k)) (m_i))

Averiguamos ainda que a posição da estrutura reflete as funções interpessoais ou semânticas que essa construção pode configurar. Na subseção que segue, portanto, revelamos os aspectos Morfossintáticos resultantes de tais funções.

4.3.3 Posição da construção *comoquiera que sea*

Observamos que a estrutura *comoqueira que sea*, quando funciona como modificador de Movimentos, tende a se posicionar na $P^{pré}$ da Expressão Linguística, conforme comprova (40) e sua representação em (40a):

- (40) Recientemente, McCabe ha descrito las "psicosis psicógenas" o "psicosis reactivas" como "tercera psicosis". **Comoquiera que sea**, *es lo cierto que estas psicosis funcionales no pueden ser planteadas en sus aspectos etiológicos, psicopatológicos, clínicos y pronósticos bajo los mismos criterios de aquellas otras en las que la dependencia de una alteración cerebral de carácter lesional está en el primer plano*, y que se hace responsable de los síntomas y síndromes que caracterizan las -a mi juicio- erróneamente calificadas como "psicosis" de fundamento orgánico.

Recentemente, McCabe descreveu "psicoses psicogênicas" ou "psicoses reativas" como "terceiras psicoses". **Como quer que seja**, é verdade que essas psicoses funcionais não podem ser expostas em seus aspectos etiológicos, psicopatológicos, clínicos e prognósticos sob os mesmos critérios daqueles em que a dependência de uma alteração cerebral do caráter lesivo está em primeiro plano, e que é responsável pelos sintomas e síndromes que caracterizam a - na minha opinião - erroneamente qualificada como "psicose" de fundamento orgânico.

(40a)	P^{pré}	P^{centro}
	Comoquiera que sea	<i>es lo cierto que estas psicosis funcionales no pueden ser planteadas en sus aspectos etiológicos, psicopatológicos, clínicos y pronósticos bajo los mismos criterios de aquellas otras en las que la dependencia de una alteración cerebral de carácter lesional está en el primer plano</i>

Em (40), discorre-se sobre o fato de que McCabe descreveu "psicoses psicogênicas" ou "psicoses reativas" como "terceiras psicoses". Após esse segmento textual, há uma mudança argumentativa marcada por *comoquiera que sea*, que indica que tais psicoses funcionais não poderiam ser classificadas sob os mesmos critérios daqueles em que a dependência de uma alteração cerebral do caráter lesivo está em primeiro plano. Dessa maneira, o modificador de Movimento *comoquiera que sea* aparece sempre em posição precedente ao Movimento que contém a informação considerada pelo Falante como mais relevante comunicativamente.

Por outro lado, observamos que, quando *comoquiera que sea* configura a subcategoria Modo, o predicado ocupa, geralmente, a P^F da Oração, tal como em (41):

(41)	P^I	P^M	P^F
	<i>su error</i>	<i>puede ser calificado</i>	comoquiera que sea

A posição das Orações é, portanto, determinada pelas funções semânticas ou pragmáticas que exercem nos níveis superiores, uma vez que um predicado que requer alguma informação semântica, tal como Modo, tende a ocupar o domínio de P^F, conforme também atesta Pezatti (2014), para o português.

4.3.4 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a *comoquiera que sea*

Quando *comoquiera que sea* atua no domínio interpessoal, observamos que tal estrutura tende a introduzir Orações que são codificadas no modo indicativo, uma vez que geralmente iniciam um novo fio discursivo. De acordo com Gili y Gaya (1943), com os modos verbais, expressamos nosso ponto de vista subjetivo diante da ação verbal que enunciamos. Quando afirmamos ou negamos fatos pensando que se fazem, que se fizeram, ou que se farão reais, empregamos o modo indicativo. O autor atesta que “o indicativo tem um sentido de ‘afirmação’”.

Confirmamos esse princípio ao observar que, na maioria das ocorrências, a Oração introduzida posteriormente ao modificador *comoquiera que sea* aparece marcada pelas expressões *el hecho es que* ou *es lo cierto que*⁸, que indicam também uma mudança de assunto, ao colocar como mais relevante, comunicativamente, o argumento ulterior:

- (42) Monumentalidad que quizá no respondía tanto a una construcción retórica (cuando así se propuso, como en los más de los cuadros de historia decimonónicos, pronto se volvió insufrible) como a una necesidad impuesta desde dentro a la pintura para su dialogante o concomitante ser y estar en el mundo; esto es, en y con un sentido del mundo que era el que a su vez parecía como si en verdad justificase su existencia en él.

Comoquiera que sea, *el hecho es que* ese empaque, esa prestancia compositiva que digo, siempre existió como condicionante altamente significativo de la obra pictórica, al igual que todos los demás: forma, color, espacio real o sugerido, procedimiento, factura... (Espanha, 1989, Pintura).

A monumentalidade que talvez não tenha respondido tanto a uma construção retórica (quando se propôs, como na maioria das pinturas da história do século XIX, logo se tornou insuportável) como uma necessidade imposta de dentro para a pintura, por seu diálogo, ou concomitante a ser e estar no mundo; isto é, no e com um sentido do mundo que foi o que por sua vez pareceu realmente justificar sua existência nele.

Como quer que seja, o fato é que essa embalagem, aquele poder composicional que eu digo, sempre existiu como um condicionante altamente significativo do trabalho pictórico, como todos os outros: forma, cor, espaço real ou sugerido, procedimento, fatura...

Em (42), o conteúdo introduzido após a enunciação de *comoquiera que sea* revela constatações que o Falante faz sobre a arte pictórica. A RAE (2010) propõe que o uso do indicativo em contextos como esse está relacionado, principalmente, à

⁸ O fato é que/ o certo é que, em português.

transmissão de informação não-suposta, ou seja, informação nova para o Ouvinte. As Orações que se inserem após o modificador de Movimento *comoquiera que sea*, geralmente, indicam constatações do Falante acerca do mundo exterior. O Falante parece julgar importante retomar e enfatizar determinado argumento. Dessa maneira, tais Orações são marcadas sempre pelo modo indicativo, havendo alternância entre os tempos do presente e do pretérito:

Tabela 7: Tempo e modo das Orações vinculadas a *comoquiera que sea* (modificador de Movimento).

	Ocorrências
Presente do Indicativo	20 (68%)
Pretérito do Indicativo	10 (32%)
Total	30 (100%)

Quando *comoquiera que sea* configura um predicado, no Nível Representacional, por outro lado, observamos que o verbo da predicação principal à qual se subordina é codificado sempre no infinitivo (forma verbal não-finita), o que indica maior dependência sintática entre as Orações (cf. Hengeveld, 1998).

Tendo analisado as características da estrutura *comoquiera que sea*, apresentamos, por fim, os resultados com relação à construção *dondequiera que sea*.

4.4 A construção *dondequiera que sea*

De acordo com a gramática tradicional, estruturas como *dondequiera que sea*, que carregam informação semântica de lugar, consistem no que se chama de *complemento circunstancial*. O termo complemento circunstancial designa, conforme a tradição, um constituinte do predicado, que não faz parte integrante ou argumental desse predicado, mas depende semanticamente dele.

Segundo a literatura, alguns verbos são, erroneamente, considerados como intransitivos, uma vez que não constituem um predicado saturado, ou completo, sem a presença de um constituinte introduzido por uma preposição. É o caso de verbos como *ir*. Se dissermos «ele vai», a frase não “fica completa”, como seria de esperar se o verbo fosse, efetivamente, intransitivo. Como não o é, precisa do tal complemento introduzido por uma preposição: «Ele **vai** ao cinema.» Este complemento é, pois, denominado

circunstancial, conforme as gramáticas tradicionais (BECHARA, 2001, p. 419).

A partir da análise das ocorrências, observamos que a estrutura *dondequiera que sea* se relaciona aos aspectos semânticos do enunciado, sendo vinculada a um predicado que requer informação de lugar. Isso se confirma pelo fato de que essa estrutura pode sempre constituir uma resposta a uma oração interrogativa de lugar com o pronome *dónde*. Observa-se em (43) e sua paráfrase, em (43a):

- (43) A mí me dijo que se iba a vivir con su nueva novia a Veracruz. Qué bonito ha de ser que a uno lo quiera una mujer, y se vaya con uno a dondequiera que sea (México, 1976, Novela).

Ele me disse que ia morar com sua nova namorada em Veracruz. Que bonito deve ser, ser amado por uma mulher, e *que vá com você aonde quer que seja*.

- (43a) ¿A dónde se iría con uno?
Adondequiera que sea.

Verificamos, pois, que, na maioria dos casos, a construção *dondequiera que sea* se relaciona ao predicado *ir*, funcionando como o que é chamado pela tradição gramatical de complemento circunstancial, ou seja, essa construção depende semanticamente desse predicado.

4.4.1 *Dondequiera que sea* no Nível Representacional

Pode-se dizer, então, que, na GDF, a estrutura introduzida pelo pronome indefinido *dondequiera* pode modificar um Estado-de-coisas, ao indicar uma informação de lugar mais genérica. Por meio da observação dos dados, constatamos que *dondequiera que sea* atua sempre no domínio semântico.

Constatamos que, em (43), a construção preposicionada (*adondequiera que sea*) recebe a função semântica Locativo (l_i), por complementar o predicado *ir*, que demanda informação de lugar, direção. Observa-se na representação de (43b):

- (43b) NI: (T_i) ($\sim s R_i$)
NR: (p_i : [$(e_i$: (f_i :- *ir* - (f_i)) ($\forall l_i$: - **dondequiera que sea** - (l_i)) l_i (e_i))] (p_i))

Verifica-se que o Estado-de-coisas *que a uno lo quiera una mujer, y se vaya con uno* se insere no Conteúdo Proposicional *qué bonito ha de ser* que indica uma avaliação

positiva do Falante a respeito da possibilidade de se ter alguém que nos ame. Dessa forma, a estrutura *dondequiera que sea* indica um Lugar (l_i) menos específico, ou seja, mais genérico, desse Estado-de-coisas, modificando-o. Como o predicado *ir* está modalizado, ou seja, marcado pelo modo subjuntivo (*vaya*), que indica algo hipotético, a estrutura *dondequiera que sea* também indica que esse lugar, onde se possa ir, seja algo genérico/fictício.

Observamos, ainda, que a construção *dondequiera que sea* pode aparecer marcada por vírgulas, não se relacionando diretamente ao predicado *ir*. Observa-se em (44):

- (44) Más adelante, el cardenal primado se refirió a una iniciativa que quiere inaugurar en una de las ciudades de su diócesis más afectada por el desarrollo industrial. *"Tengo deseos de comenzar en Talavera de la Reina algo de este tipo, una acción pastoral con algunos sacerdotes que vayan allí sin tener iglesias, ni templos; simplemente la calle y las casas, **dondequiera que sea**, de una parte a otra de la ciudad; que estén dispuestos a sufrir a aceptar humillaciones, a pasar hambre si es preciso"* (Espanha, 1989, Igreja).

Mais tarde, o cardeal Primaz referiu-se a uma iniciativa que ele quer inaugurar em uma das cidades de sua diocese mais afetadas pelo desenvolvimento industrial. *"Eu quero começar em Talavera de la Reina algo desse tipo, uma ação pastoral com alguns padres que possam ir para lá sem igrejas ou templos, simplesmente a rua e as casas, **onde quer que seja**, de uma parte a outra da cidade; que estejam dispostos a sofrer e aceitar humilhações, passar fome, se necessário"*.

Em (44), a construção *dondequiera que sea* modifica o Estado-de-coisas apresentado anteriormente: *ir* (marcado pelo modo subjuntivo). O Falante apresenta a construção para dizer que pretende começar uma ação pastoral com alguns sacerdotes em Talavera de la Reina, e deseja atuar ali, em *quaisquer lugares*, não importa onde, de uma parte a outra da cidade. No Nível Interpessoal, o pronome *dondequiera* constitui um Subato de Referência menos específico ($-s R_i$), indicando uma leitura universal. Percebemos, nesse caso, diferentemente de (43), em (44), a construção não se relaciona de maneira direta ao predicado *ir*. Nesse caso, o sintagma adverbial que complementa o verbo *ir* diretamente é *allí* (com função semântica $\text{Locativo}_{(L)}$). *Dondequiera que sea* configura outro Lugar (1_j) genérico, que também modifica o Estado-de-coisas *una acción pastoral con algunos sacerdotes*, conforme se verifica na representação, em (44a):

- (44a) NR: (p_i: [(e_i: - acción pastoral (x_i: - sacerdotes - (x_i)) (f_i: - ir - (f_i)) (l_i: - allí - (l_i))_L [...]] (∇ l_j: - **dondequiera que sea** - (l_j)) (e_i)) (p_i))

Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam alguns operadores aplicáveis a Lugar, e esses operadores se relacionam a propriedades como graus de distância, visibilidade e características proeminentes do ambiente físico. Os operadores de quantificação aplicáveis a Lugares podem ser como *everywhere*⁹ (l_i distributiva), *somewhere*¹⁰ (∃ l_i existencial) e *nowhere*¹¹ (∅ l_i zero). Outros operadores, diferentemente, precisam de um lugar nominal_N tal como *all places*¹² (∇ l_i universal). Consideramos que o operador *quiera*, gramaticalizado ao pronome *donde* possibilita leitura genérica, universal (∇ l_j).

Verifica-se em (45) e (46):

- (45) Es que la filosofía de Heidegger no tiene nada que ver con el nazismo. Lo que ocurre es que luego, *las gentes obsesionadas con ese asunto, son capaces de encontrar un nazismo en su obra, por dondequiera que sea* (Espanha, 1990, Filosofía).
É que a filosofia de Heidegger não tem nada a ver com o nazismo. O que acontece é que então, *as pessoas obcecadas com esse assunto, são capazes de encontrar um nazismo em sua obra, onde quer que seja*.
- (46) Aunque es útil exigir advertencias en los paquetes y anuncios de tabaco sin humo y potenciar programas educativos, *la estrategia ideal sería prohibir la importación, venta y consumo de este tipo de tabaco dondequiera que sea posible* (Espanha, 1994, Saúde).

Embora seja útil exigir advertências nas embalagens e propagandas de tabaco sem fumaça e promover programas educacionais, *a estratégia ideal seria proibir a importação, venda e consumo deste tipo de tabaco onde quer que fosse possível/em qualquer lugar possível*.

em que *dondequiera que sea* pode ter a mesma leitura de um sintagma marcado pelo operador universal (**todo/a; todos/as**), conforme suas paráfrases em (45a) e (46b):

- (45a) las gentes obsesionadas con ese asunto son capaces de encontrar un nazismo en su obra, *por toda parte*.
- (46b) la estrategia ideal sería prohibir la importación, venta y consumo de este tipo de

⁹ Em toda parte.

¹⁰ Em algum lugar.

¹¹ Nenhum lugar.

¹² Todos os lugares.

tabaco en **todos** los lugares donde sea posible.

Na ocorrência (45), nota-se que *dondequiera que sea* modifica o Estado-de-coisas *encontrar un nazismo en su obra*, já que o Falante afirma que as pessoas obcecadas são capazes de identificar nazismo em *qualquer parte da obra de Heidegger*. Configura-se como um comentário genérico de que as pessoas encontram a característica do nazismo em **todas** as partes de sua obra. Observa-se que o predicado *encontrar* é complementado por dois argumentos essenciais: *nazismo* e *en su obra*, marcados pelas funções semânticas Inativo (U) e Locativo (L), respectivamente. A estrutura *dondequiera que sea* funciona, portanto, como um modificador, um Lugar (I_j) que restringe o Estado-de-coisas *son capaces de encontrar un nazismo en su obra*, conforme a representação em (45b):

(45b) NR: (pres e_i: (pl f_i: - capaz - (f_i)) (f_j: - encontrar - (f_j)) (pl x_i: - gente - (x_i))_A (x_j: - nazismo - (x_j))_U (l_i: - su obra - (l_i))_L : (∀ l_j: - **dondequiera que sea** - (l_j)) (e_i))

Em (46), por outro lado, a oração *la estrategia ideal sería prohibir la importación, venta y consumo de este tipo de tabaco* constitui um Conteúdo Proposicional, ratificada pela ideia de fato possível construída pelo verbo *ser* no futuro do pretérito (*sería*). É possível notar que se trata de uma ideia do Falante a respeito do que seria uma estratégia ideal. Por sua vez, o Lugar (I_i) *dondequiera que sea posible* modifica o Estado-de-coisas *prohibir la importación, venta y consumo de este tipo de tabaco*, caracterizando que a proibição deveria ocorrer em **todos** os lugares possíveis. Verifica-se na representação, em (46b):

(46b) NR: (p_i: [(e_i: (f_i: prohibir (f_i)) (x_i: importación (x_i))_U (x_j: venta (x_j))_U (x_k: consumo (x_k))_U : (∀ l_i: **dondequiera que sea** (l_i) (e_i))] (p_i))

Constatamos, portanto, que *donde* caracteriza a construção *dondequiera que sea* como um Lugar (I_i) que restringe um Estado-de-coisas, e o operador *quiera* caracteriza o pronome relativo *dondequiera* como um Subato de Referência menos específico no Nível Interpessoal.

Tendo observado a função que essa estrutura exerce no Nível Representacional, apresentamos suas características morfossintáticas advindas do domínio semântico.

4.4.2 Posição da construção *dondequiera que sea*

Pezatti (2014) afirma que, no português, modificadores de Estados-de-coisas têm preferência em se posicionar em P^F da Oração, como, por exemplo, modificadores de Lugar. Em nossos dados do espanhol, confirmamos tal afirmação, uma vez que a estrutura *dondequiera que sea* tende também a ocorrer em posição final:

- (47) LINO (En medio de un silencio, agrio, rota la comicidad en mil pedazos) Matadlos, señor. (Suave, cortés) Aplastadlos con vuestro pie sin mirarles siquiera a la cara; salvo, si es vuestro deseo, para escupirles; o mejor aún, no, no. Escupid en el suelo sin preocuparos de acertar, que ya haremos nosotros que sus caras estén allí, en el justo lugar donde vuestra saliva venga a caer, **dondequiera que esto sea** (Espanha, 1990, Teatro).

Lino (No meio de um silêncio, comédia azeda e quebrada em mil pedaços) Mate-os, senhor. (Suave, educado) Aplastá-los com o pé, sem sequer olhar para o rosto deles; exceto, se for seu desejo, cuspa neles; ou melhor, ainda, não, não. Cuspi no chão sem se preocupar em bater, que vamos fazer que seus rostos estejam lá, no lugar certo, onde sua saliva venha a cair, **onde quer que seja**.

Observa-se, em (47), que há quatro complementos Locativos com relação ao predicado *estar*: *allí, en el justo lugar, donde vuestra saliva venga a caer, dondequiera que esto sea*. Todos se encontram no domínio de P^F , porque restringem um Estado-de-coisas, conforme se verifica na representação em (47a):

- | | | | | | | | |
|-------|-----------------------------------|-----------|---------------------|-------|-------------------|---------------------------------|-----------|
| (47a) | P^M | P^{M+1} | P^{M+2} | P^I | P^M | P^{F-3} | P^{F-2} |
| | haremos | nosotros | que sus caras estén | allí | en el justo lugar | | |
| | P^{F-1} | | | | | P^F | |
| | donde vuestra saliva venga a caer | | | | | dondequiera que esto sea | |

A autora defende, ainda, que modificadores de Estado-de-coisas permanecem no campo de P^F , mesmo quando constituintes argumentais assumem, por razões pragmáticas, a posição absoluta P^F , conforme (48), e sua representação, em (48a), em que *dondequiera que sea* assume a P^{F-1} :

- (48) Su hermano, que conocía mucho de historia natural, ha educado insectos, "la medicina viajera", a quienes da el nombre y la dirección y *encuentran*

- (50) Parchar pantalones: Por lo general, los pantalones de los niños se rompen de las rodillas. Pero **dondequiera que sea la rotura**, *el procedimiento es similar*. La única regla es descoser la ropa por la parte más cercana a la rotura o parte luida (México, 1988, Assuntos domésticos).

Calças remendadas: normalmente, as calças das crianças se rasgam dos joelhos. *Mas onde quer que seja o rasgo*, *o procedimento é semelhante*. A única regra é descosturar as roupas pela parte mais próxima da fenda ou na parte enrugada.

Nessa ocorrência, a estrutura locativa, em posição de Tópico, indica, pois, o cenário espacial do Estado-de-coisas *el procedimiento es similar*, revelando que o procedimento de costurar calças é sempre o mesmo, independentemente de onde seja a rasgadura. Isso se deve porque, conforme Pezatti (2014), a colocação dos constituintes não hierárquicos, após a dos constituintes hierárquicos, obedece a restrições de ordem interpessoal, em primeiro lugar, conforme se pode averiguar na representação:

- (50a) p^{pre} P^I p^{I+1} p^{M-1} p^M
 Pero **dondequiera que sea la rotura** _(TOPLoc) el procedimiento es similar

Se em uma língua as funções pragmáticas determinam a posição dos constituintes, então a colocação desses constituintes precede a de outros constituintes, tendo, os constituintes pragmáticos, preferência para as margens da Oração. Nesses casos, o alinhamento interpessoal mascara a função semântica.

4.4.3 Tempo e modo verbal das Orações vinculadas a *dondequiera que sea*

Observamos que as Orações relacionadas a *dondequiera que sea* tendem a ocorrer com verbos no presente do subjuntivo (31%), e, também, no infinitivo (31%), revelando-se como resultado da dependência semântica da construção locativa com relação ao predicado que, geralmente, requer informação semântica de lugar. Constatamos, em (51), que há entre as Orações, *examinar y condenar los abusos* e *dondequiera que sea*, uma relação de *modificación*.

- (51) “Cada vez está más compartida la opinión de que la situación de los derechos humanos en cualquier país en particular es asunto que concierne legítimamente a toda la comunidad internacional, a quien se reconoce la facultad de *examinar y condenar los abusos dondequiera que sean patentes*” (Venezuela, 1984, Direito).

“A visão está cada vez mais compartilhada, de que a situação dos direitos humanos, em qualquer país, em particular, é uma questão que legitimamente diz respeito a toda a comunidade internacional, que reconhece o poder de *examinar e condenar os abusos onde quer que sejam visíveis*”.

Em (51), a estrutura *dondequiera que sean patentes* restringe o Estado-de-coisas com a forma do infinitivo *examinar y condenar*, situando-o em um Lugar hipotético, *onde sejam patentes*, marcado pelo verbo *ser* no subjuntivo.

Verificamos, ainda, que a Oração pode vir marcada por verbos finitos, e tais verbos se relacionam ao modo *irrealis* expresso pela estrutura *dondequiera que sea*, como, por exemplo, o presente do subjuntivo, o presente do indicativo, e o futuro do indicativo¹⁴. Nesses casos, o uso dessas formas verbais na Oração dependente deve-se ao caráter hipotético que toda a construção, conforme se observa, em (52):

- (52) Ayer hablábamos de cientos de millones de arrobas adicionales necesarias; una buena parte de esos cientos de millones está en la hierba que crece junto con la caña, aparte de caballerías más o menos a sembrar -y hay que sembrar las más posibles-, la forma en que se haga, la profundidad con que se haga, se aplique el fertilizante y el herbicida, y *se aplique el drenaje dondequiera que sea posible*, aparte de todas esas medidas y con todas esas medidas, se pueden encontrar esos cientos de millones de arrobas. (Cuba, 1996, Política).

Ontem falamos sobre centenas de milhões de arrobas adicionais necessárias; boa parte dessas centenas de milhões está na grama que cresce junto com a cana, além das cavalarias (medida agrária que equivalente a 60 fangas) mais ou menos para semear - e é necessário semear o máximo possível -, a maneira como se faça, a profundidade com que se faça, se aplique o fertilizante e o herbicida, e *aplique a drenagem onde quer que seja possível*, além de todas essas medidas e com todas essas medidas, você pode encontrar essas centenas de milhões de arrobas.

Em (52), por tratar-se, pois, de um Conteúdo Proposicional, no nível semântico, a Oração anterior é marcada pelo verbo *aplicar* no presente do subjuntivo, bem como *dondequiera que sea*. Ambas as Orações são dependentes semanticamente umas das outras, representando uma relação de *modificação*, no Nível Morfossintático. Conforme Gili y Gaya (1943), o subjuntivo depende de outro verbo que expresse algum matiz de irrealidade, e, nesse caso, é essencialmente subordinado.

¹⁴ Como vimos no Capítulo 2, não encontramos casos que *QU-quiera que sea* se relacione a Orações marcadas por tempos do pretérito, devido à característica hipotética/genérica que essas estruturas expressam.

Na tabela que segue, indicamos a correlação modo-temporal prototípica das Orações vinculadas a *dondequiera que sea*:

Tabela 8: Tempo e modo da Oração vinculada a *dondequiera que sea* (modificador de Estado-de-coisas).

	Ocorrências
Infinitivo	4 (31%)
Presente do Subjuntivo	4 (31%)
Presente do Indicativo	3 (23%)
Futuro do Indicativo	2 (15%)
Total	13 (100%)

Concluimos, portanto, que a subcategoria semântica Lugar expressa por *dondequiera sea*, como modificador de Estado-de-coisas, motiva suas características e funcionamentos Morfossintáticos, como comprovamos nas últimas subseções.

4.5 Caracterização geral dos resultados

Os pronomes indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *dondequiera* e *comoquiera*, que no Nível Interpessoal correspondem a Subatos menos específicos (-s R_i), no Nível Representacional, correspondem às categorias semânticas que evocam, ou seja, *cualquiera* e *quienquiera* correspondem a Indivíduos (x_i), *comoquiera* carrega informação de modo (m_i), e *dondequiera* identifica um Lugar (l_i). No Nível Morfossintático, por fim, tais pronomes correspondem a Palavras gramaticais (Gw_i) que introduzem as construções com o verbo *ser* no subjuntivo. Verifica-se no quadro que segue, a representação geral dos pronomes indefinidos, de acordo com os diferentes níveis da GDF:

Quadro 5: Análise geral dos pronomes QU-quiera

Pronome	Cualquiera	Quienquiera	Comoquiera	Dondequiera
NI:	(-s R _i)	(-s R _i)	(-s R _i)	(-s R _i)
NR:	(x _i)	(x _i)	(m _i)	(l _i)
NM:	(Gw _i)	(Gw _i)	(Gw _i)	(Gw _i)

Com relação às estruturas introduzidas por tais pronomes, constatamos que *cualquiera que sea* pode atuar no Nível Interpessoal, configurando um Ato Discursivo com função retórica Esclarecimento ($_{Escl}$), quando deixa claro ou corrige uma informação referencial do Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo nuclear. Além disso, atua nas camadas mais baixas do Nível Representacional, como modificador de Conteúdos Proposicionais (p_i), exercendo função semântica Concessão ($_{Conc}$).

A construção *quienquiera que sea* apresenta um comportamento semelhante. Pode atuar de modo interpessoal, tendo em vista que se configura como um Ato Discursivo de Aposição ($_{Apos}$), quando acrescenta um comentário a respeito de um Subato de Referência presente no Ato nuclear. Além disso, pode também funcionar como argumento de predicado, com função semântica Ativo ($_A$) ou Inativo ($_U$), no Nível Representacional.

Comoquiera que sea pode atuar como um modificador de Movimentos, que colabora na organização textual, no Nível Interpessoal. Por outro lado, *comoquiera que sea* pode também constituir um segundo predicado no Nível Representacional, quando carrega informação semântica de Modo do tipo “de qualquer maneira” que, ao invés de se relacionar a porções textuais maiores, incide em um predicado. Nesse caso, configura a subcategoria semântica Modo (m_i).

Por fim, constatamos que *dondequiera que sea* atua sempre no Nível Representacional, como modificador, localizando espacialmente o Estado-de-coisas. A essa estrutura se atribui função semântica Locativo ($_L$), quando complementa um verbo que requer informação semântica de lugar.

O quadro a seguir contempla os resultados advindos dos fatores de análise, de ordem pragmática e semântica, da estrutura *QU-quiera que sea*, conforme a caracterização em níveis e camadas da teoria da Gramática Discursivo-Funcional:

Quadro 6: Análise geral das construções *QU-quiera que sea*

Construção	Cualquiera que sea	Quienquiera que sea	Comoquiera que sea	Dondequiera que sea
NI:	$(A_i)_{Escl}$	$(A_i)_{Apos}$	$[(M_i: [...]) (M_i): \Sigma (M_i))]$	-
NR:	$[(p_i: \sigma [...]) (p_i))_{Conc}]$	$(x_i)_A$ $(x_i)_U$	$[(f_i: (m_i: [...]) (m_i)): \sigma (f_i))]$	$[(e_i: (l_i: [...]) (l_i)): \sigma (e_i))]$

Outrossim, confirmamos que as propriedades morfossintáticas das estruturas são motivadas sempre por critérios de ordem pragmática ou semântica.

Cualquiera que sea, quando exerce função retórica, no Nível Interpessoal, tende a se posicionar em $P^{pós}$ da Expressão Linguística, ou no domínio de P^F do Sintagma ao qual se esclarece uma informação. Diferentemente, quando atua no Nível Representacional, tende a posicionar-se em P^I ou em P^F da Oração, o que é determinado pela função semântica Concessão.

A estrutura *quienquiera que sea* aparece sempre posicionada no domínio de P^F do Sintagma ao qual se acrescenta uma informação, quando configura um Ato Discursivo Aposição, no Nível Interpessoal. Por outro lado, quando é argumento de predicado, *quienquiera que sea* ocupa posição de Sujeito, na P^I da Oração, ou ocupa posição de Objeto, no domínio de P^M da Oração, que é destinada a constituintes não hierárquicos.

Comoquiera que sea pode operar como um modificador de Movimentos, dessa forma, aparece sempre em $P^{pré}$ da Expressão Linguística, introduzindo porções textuais maiores que a Oração. Quando no nível semântico, essa estrutura tende a aparecer sempre no domínio de P^F , posição prototípica de Orações que carregam informação de Modo.

Constatamos, ainda, que *dondequiera que sea* posiciona-se, assim como *comoquiera que sea*, em P^F da Oração, devido à função de modificador de Estado-de-coisas.

No quadro que segue, pode-se observar a posição preferencial observada das estruturas *QU-quiera que sea*, nas camadas da Expressão Linguística e da Oração, de acordo com suas funções nos níveis Interpessoal ou Representacional:

Quadro 7: Posição prototípica das construções do tipo *QU-quiera que sea*, como modificadores interpessoais e semânticos.

	P^{pré}		P^{centro}		P^{pós}
σ		P^I	P^M	P^F	
M	<i>comoquiera que sea</i>				Esclarecimiento <i>cualquiera que sea</i>
A					Aposición <i>quienquiera que sea</i>
p		Concessão <i>cualquiera que sea</i>		Concessão <i>cualquiera que sea</i>	
				Lugar <i>dondequiera que sea</i>	
e				Modo <i>comoquiera que sea</i>	
f			<i>quienquiera que sea</i>		

Com relação aos tempos e modos verbais, observamos que o verbo *ser* no subjuntivo, marcado nas estruturas aqui analisadas, parece reforçar a generalidade expressa pelo Falante. Além disso, a correlação modo-temporal nas Orações vinculadas às estruturas *QU-quiera que sea* respondem ao modo *irrealis* que expressam, não tendo sido contestado, em nossos dados, casos em que as Orações relacionadas à estrutura *QU-quiera que sea* fossem codificadas com verbos no tempo pretérito.

Observamos, pois, uma predominância de verbos no indicativo na Oração vinculada a *QU-quiera que sea*, o que assinala que essa construção tende a atuar como um comentário, que depende semântica ou pragmaticamente da outra Oração, enquanto *QU-quiera que sea* em si tende a ser menos dependente semântica, pragmática e

sintaticamente, exceto os casos em que é requerido um argumento, e a estrutura *QU-
quiera que sea* ocupa tal posição na predicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi a de investigar as construções do tipo *QU-quiera que sea*, no espanhol peninsular escrito, e, para tanto, nos baseamos no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), caracterizado por sua estrutura descendente, por sua interação com outros componentes do processo de interação verbal, e por ter como unidade básica de análise, o Ato Discursivo.

Os fatores definidos para a análise das ocorrências visam apontar não só as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas da estrutura *QU-quiera que sea*, mas também demonstrar a interação entre esses três componentes. Assim, analisamos: (i) as camadas e, conseqüentemente, os níveis das construções *QU-quiera que sea*; (ii) a posição ocupada pela construção *QU-quiera que sea*; e (iii) a forma verbal da oração à qual a construção *QU-quiera que sea* se relaciona.

Foi possível notar que a divergência com relação ao estatuto de tais construções, que são categorizadas, na literatura linguística, ora no rol das orações relativas livres, ora no rol das orações concessivo-condicionais, existe porque tais estruturas podem ser mais ou menos integradas sintaticamente à oração principal, e isso foi explicado como reflexo das funções pragmáticas e/ou semânticas que exercem nos níveis da Formulação da GDF.

Considerando, portanto, as camadas de organização da GDF como fator norteador, confirmamos a hipótese de que as construções introduzidas pelos pronomes indefinidos *cualquiera*, *quienquiera*, *comoquiera* e *dondequiera* podem escopar categorias tanto no Nível Interpessoal quanto no Nível Representacional do modelo.

Com relação à estrutura *cualquiera que sea*, constatamos que 81% das ocorrências revelam um comportamento no Nível Interpessoal, como função retórica Esclarecimento, e 19% das ocorrências atuam no Nível Representacional, como modificador de Conteúdo Proposicional.

Averiguamos que 59% das ocorrências da estrutura *quienquiera que sea* atuam no Nível Interpessoal, como função retórica Aposição, enquanto 41% mostram uma atuação diferente, no Nível Representacional, como argumento de predicado.

A estrutura *comoquiera que sea* tende a atuar na organização de trechos discursivos maiores, ou seja, como modificador de Movimentos, já que 91% das ocorrências revelam um comportamento no Nível Interpessoal, enquanto apenas 9% mostram atuação no Nível Representacional, como subcategoria semântica Modo.

Por fim, a estrutura *dondequiera que sea* revelou um comportamento distinto, atuando, em todas as ocorrências, no Nível Representacional, como modificador de Estado-de-coisas.

Observamos com relação à posição da estrutura *QU-quiera que sea*, que aos modificadores interpessoais é atribuída uma ordenação centrípeta, das margens para o centro, com preferência para as posições externas da Oração (em P^{pré} ou P^{pós} da Expressão Linguística).

Modificadores representacionais obedecem ao mesmo princípio de ordenação centrípeta, no entanto, o posicionamento desses modificadores se dá dentro da Oração. Conforme Pezatti (2014), modificadores de Conteúdo Propositionais, por escoparem todo um conteúdo, alocam-se nas posições marginais refletindo seus efeitos para frente ou para trás. Por outro lado, modificadores de Estado-de-coisas ocorrem em posição final da Oração.

Como averiguamos, as estruturas que podem exercer função argumental na predicação ocupam o domínio de P^M para constituintes não hierárquicos.

Constatamos, também, que as relações de dependência que ocorrem no Nível Morfossintático são funcionalmente motivadas. O processo de *cossubordinação* entre uma Oração dependente e uma independente se dá quando *cualquiera que sea* configura um Ato Discursivo com função retórica Esclarecimento. Averiguamos, ainda, a relação de *extraoracionalidade*, entre um Sintagma dependente e uma Oração independente, quando *quienquiera que sea* configura um Ato com função retórica Aposição.

Ademais, verificamos que as estruturas *cualquiera que sea*, *comoquiera que sea* e *dondequiera que sea* podem se relacionar a outro predicado numa relação de *modificação*, quando no nível semântico. Por fim, a estrutura *quienquiera que sea* se *subordina* a outro predicado, quando exerce função argumental.

Dessa maneira, a estrutura *QU-quiera que sea* pode apresentar uma dependência sintática maior ou menor, a depender da camada que modifica, quando atua no Nível Interpessoal é menos dependente sintaticamente, enquanto que, quando atua no Nível Representacional é mais dependente sintaticamente. Defendemos, por isso, que a categorização dessas estruturas como concessivo-condicionais, ou como relativas livres, não explica os tipos de funções que exercem no domínio pragmático e semântico, tendo em vista que nem sempre são estruturas relativas de fato, tampouco expressam sentido concessivo-condicional, como propõe a literatura.

Conforme a GDF, o Falante é claro na expressão de suas intenções

comunicativas, e a intenção do Falante é, na expressão de estruturas do tipo *QU-quiera que sea*, esclarecer uma informação ou adicionar um comentário a respeito de uma entidade linguística sobre a qual a referenciação não tenha ficado clara do seu ponto de vista. Apenas a estrutura *cualquiera que sea* expressa de fato sentido concessivo como uma preservação de face, ao atuar como modificador de Conteúdos Proposicionais.

Verificamos, ainda, que a estrutura relativa do tipo *QU-quiera que sea* parece apresentar um comportamento distinto de estruturas relativas com outros verbos no subjuntivo, que foram, para esta pesquisa, descartados; tal questionamento, no entanto, se consolida como encaminhamentos que a pesquisa abre para investigações futuras.

Por fim, esperamos que este estudo possa servir como contribuição no que se refere à descrição do espanhol e possa enriquecer a literatura sobre as relativas livres e sobre as concessivo-condicionais. Esperamos, além disso, contribuir para a aplicabilidade do modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional, principalmente quando se percebe a necessidade de trabalhos que levem em conta a língua em uso. Nesse sentido, almejamos ter demonstrado as diversas possibilidades de uso das construções do tipo *QU-quiera que sea*, para além do que já está postulado na literatura.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española, Espasa Calpe, 1994.
- ALCINA FRANCH, J.; BLECUA, J. M. *Gramática española*. Barcelona: Ariel: 1974.
- ALMEIDA, D. M. V. *Seja como for e sea como fuere: marcadores discursivos? Uma análise do uso dessas expressões em artigos de opinião brasileiros e argentinos*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.
- ANGULO, T. A. El texto expositivo-explicativo: su superestructura y características textuales, *Didáctica*, Madrid, 1996.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BRUCART, J. M. La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.
- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: Approaches to the simplex clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003a.
- _____. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 2: From clause to discourse and beyond. Amsterdam: John Benjamins, 2003b.
- CAPONIGRO, I. *Free not to ask: on the semantics of free relatives and wh-words cross-linguistically*. Tese de doutorado, Los Angeles, 2003.
- CHAFE, W. L. How People Use Adverbial Clauses. *Annual Meeting of the Berkely Linguistic Society*, v. 10, 1984.
- COMPANY, C. C. Parámetros de gramaticalización en los indefinidos compuestos del español. *Romanística sin complejos*. 2009.
- CREVELS, M. *Concession: a typological study*. 191 f. Tese de doutorado. University of Amsterdam, Amsterdam, 2000.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- _____. *The theory of functional grammar*. Pt I: The structure of the clause. New York:

Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FANTE, B. R. *As orações prefacidas por "incluso si" no espanhol escrito peninsular à luz da Gramática Discursivo-Funcional*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GARCÍA, L. F. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

GARCÍA-MEDALL; J. La concesión genérica y el modo verbal en español. *Revista Moenia*, 2005.

GILI Y GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. Espanha: Ediciones Minerva, 1943.

HAIMAN, J. Concessives, Conditionals, and Verbs of Volition. *Foundations of Language*, vol. 11, 1974.

HASPELMATH, M. *Indefinite pronouns*. Oxford: Clarendon press, 2001.

_____.; KÖNIG; E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. *Adverbial construction in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998.

HENGVELD, K. Adverbial Clauses in the languages of Europe. In: DEVRIENDT, L. G. B.; VAN DER AUWERA, J. (eds.). *Complex Structures: A functionalist perspective*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1998.

_____.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English* (textbook). Oxford: Oxford University Press, 2015.

_____. *On the use of prepositions in English Free Relatives: an FDG account*, 2016.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, 1985a.

_____. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIÁK, J. (ed). *Historical semantics. Historical Word-formation*. Berlin, Nova York, Amsterdam: Mouton, 1985b.

_____. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (Ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. AUWERA, J. van der. Clause integration in German and Dutch conditionals, concessive conditionals, and concessives. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

KROON, C. Discourse Particles in Latin, *Amsterdam Studies in Classical Philology* 4, Amsterdam: Gieben, 1995.

LEUSCHNER, T. At the Boundaries of Grammaticalization: What Interrogatives Are Doing in Concessive Conditionals. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. J. (eds). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1998, p. 159-87.

_____. Nonspecific free relatives and (anti)grammaticalization in English and German. *Folia Linguistica Historica*, 2007.

LYONS, J. *Semantics*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTÍN, Z. M. A. Los marcadores del discurso desde el punto de vista gramatical. In: _____.; MONTOLÍO, D. E. (coord.). *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998.

_____.; PORTOLÉS, L. J. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE, M. I.; DEMONTE, B. V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

PARAZUELOS, M. H. C. *La expresión de la concesividad en español*. Tese de doutorado. Universidad Complutense de Madrid, 1993a.

_____. “Inhibición” o “indiferencia”: Rasgo común a expresiones de sentido concesivo. *Revista de Filología Románica* 10. Madrid: Editorial Complutense, 1993b, p. 107-151.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

PEZATTI, E. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. CAMACHO, R. G. Funções retóricas e ordem: uma relação entre pragmática e morfossintaxe. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (org). *Funcionalismo lingüístico: Diálogos e vertentes*. São Paulo: Eduff, 2016.

QUIRK et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Pearson Longman, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> (acesso em maio de 2019).

_____. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2010.

ROSIQUE, S. R. Hipoteticidad, factualidad e irrelevancia: La elección del subjuntivo en las condicionales concesivas del español. In: EDDINGTON, D. *Selected Proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2005, p.31-41.

SALDANYA, P. El modo en las subordinadas relativas y adverbiales. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SMITS, R. *The relative and cleft constructions of the Germanic and Romance languages*. Dordrecht: Foris, 1989.

SWEETSER, E. E. Conjunction, coordination, subordination. In: SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, v. 2.

TROTTA, J. WH-clauses in English: Aspects of theory and description. *Language and Computers*. Amsterdam – Atlanta: Rodopi, 2000.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 18 / 06 / 19

Camila Rodrigues de Almeida
Assinatura do autor